

PEDRO PERINI FRIZZERA DA MOTA SANTOS

Epistemologia Cognitiva para o Uso de Preposições – o caso da preposição *de*



PEDRO PERINI FRIZZERA DA MOTA SANTOS

Epistemologia Cognitiva para o Uso de Preposições – o caso da preposição *de*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Lingüística.

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: *Lingüística*

LINHA DE PESQUISA: *Estudos da Inter-relação entre
Linguagem, Cognição e Cultura*

ORIENTADORA: *Profa. Dra. Heliana Mello*

Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte
Faculdade de Letras, UFMG
2007

Tese defendida por Pedro Perini Frizzera da Mota Santos em **/**/2007 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Profs. Drs. relacionados a seguir:

Heliana Ribeiro de Mello – UFMG
Orientadora

Adriana Tenuta Azevedo – UFMG

Tommaso Raso – UFMG

Neusa Salim – UFJF

Maria Lúcia Leitão - UFRJ

Para a Carol.

Agradecimentos

A realização desta tese só foi possível porque a professora Heliana Mello acolheu meu projeto de pesquisa, que já estava em andamento, junto ao grupo de pesquisa que coordena. A ela, portanto, agradeço não apenas pela orientação atenta, cordial e sábia; mas também pela generosidade. Atenção, cordialidade, generosidade e conhecimento são predicados que orientam sua vida com os orientandos.

Agradeço ao professor Patrick Farrell, pela recepção no Departamento de Linguística durante o estágio de pesquisa na UCD; agradeço também à sua esposa, Viollete, pelo apoio que nos deu na chegada ao país. Agradeço aos amigos Jeromy, Liz, Scott, Aldo, Maria Célia, Daniela e Marcelo – ótimos amigos em Davis.

Agradeço à Carol, que me acompanhou, ajudou, estimulou e compartilhou comigo as alegrias e desafios da confecção desta tese.

Agradeço aos colegas e amigos do INCÓGNITO: Adriana, Ana Claudia, Flávia Christina, André, Kênia, Herberth, Marilene, Sandra Becker, Maria Luiza, Flávia Silva, Mauriceia, Renata, Bahiyiyih, Tommaso, Heather, Helder, Sandra Cavalcanti. As conversas e discussões com grupo contribuíram enormemente para o amadurecimento e efetivação desta pesquisa. Em especial, agradeço à colega Cida, que fez uma ótima leitura crítica do texto inicial da tese.

Agradeço aos professores Tommaso Raso e Patrick Farrell, pelos comentários feitos na reunião de qualificação.

Agradeço aos professores Adriana Tenuta, Neusa Salim, Maria Lúcia Leitão, Tommaso Raso, Maria Luiza Cunha Lima e Antônio Luiz Assunção pela composição da banca.

Agradeço a meus pais, Yara e Tomaz; aos irmãos e cunhadas, Daniel e Flávia; Ernesto e Cris, e ao sobrinho Nuno; aprendo com eles.

Agradeço aos amigos e amigas que, de longe ou de perto, existem muito.

Agradeço aos professores dos programas de pós-graduação da UFMG e da UCD, pelas aulas, discussões e ensinamentos. Agradeço à PUC, pela inclusão no Programa de Capacitação Docente, o que significou um importante apoio.

Agradeço aos contribuintes que sustentam a pesquisa básica no país.

Resumo

A proposta desta tese é a apresentação de um modelo de análise para o uso da preposição *de* da língua portuguesa do Brasil a partir dos preceitos teóricos e esquemas desenvolvidos pela GRAMÁTICA COGNITIVA e da GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES, assumindo como ponto de partida a hipótese de serem as preposições marcações lingüísticas, cuja evolução pode ser pelo menos parcialmente mapeável por GRAMATICALIZAÇÃO. A pesquisa chega a conclusão de a preposição em análise possuir um valor primevo advindo da idéia de deslocamento espacial de origem. Para tal empreitada, foram desenvolvidas reflexões de ordem teórica – notadamente, a locação da gramática cognitiva como modelo pós-estruturalista que aceita a diacronia como elemento teórico produtivo – a coleta e análise de dados em *corpora* eletrônicos; a aplicação de testes avaliativos e comparativos. Provido dos resultados, partiu-se em direção de uma compreensão do que venha a ser uma preposição e, mais particularmente, partiu-se em direção de explicações sobre as particularidades que pode assumir a preposição *de* no português do Brasil.

Abstract

This dissertation aims to present an analysis for the utterances of the preposition *de* in Brazilian Portuguese, using for this purpose, theoretical models proposed by COGNITIVE GRAMMAR and CONSTRUAL GRAMMAR. The hypothesis I claim is that prepositions are linguistic forms, whose evolution can be at least partially mapped by its GRAMATICALIZATION process. This research sustains that the original meaning of the preposition we analyze is a spatial one. To prove that hypothesis, theoretical approaches, in particular the evaluation of the cognitive grammar as a pos-structuralism model, analysis of electronic *corpora* and experiments have been done. Empirical results provided, we face questions concerning the definition of preposition and its particularities in Brazilian Portuguese usage.

Sumário

Agradecimentos	5
Resumo	6
Abstract	7
Sumário	8
Abreviações	11
0. Prefácio	13
1. Introdução	14
1.1. Apresentação	15
1.2. Sobre o Percurso da Pesquisa	16
1.3. A Escolha da Preposição <i>de</i>	19
1.4. A Importância dos Estudos sobre Preposições	23
1.5. A Complexidade do Estudo sobre as Preposições	25
1.5.1. A Opacidade Ontológica das Preposições	25
1.5.2. O Conceito de Preposição na História das Gramáticas	33
1.6. Propostas Vigentes da GC sobre as Preposições	36
1.7. Os Objetivos da Tese	39
1.8. A Organização do Texto	40
2. A Gramática Cognitiva e seu Percurso Histórico	41
2.1. O Modelo Gerativista	42
2.2. A Gramática Cognitiva como Divergência	46
2.3. Linguagem como Organismo	48
2.4. O que é Gramática Cognitiva	50
2.5. Nota sobre a Gramática de Construções	55
3. A Gramática Cognitiva Aplicada à Análise das Preposições	56

3.1. Princípios da Gramática Cognitiva	57
3.2. Relação Marco/Trajeto e Preposições	60
4. Sobre a Gramaticalização	66
4.1. A Retomada do Tema e Conceito	67
4.2. Exemplos de Gramaticalização	68
4.3. Nota sobre Proposta de ‘Pancronia Lexical’	70
5. Preposições e Gramaticalização: como surgem as preposições	72
5.1. Opção pela Diacronia	73
5.2. Gramaticalização e Preposições	73
5.3. A Primariedade Espacial Preposicional	75
5.4. Organizando a Hipótese	78
6. Pesquisa Empírica: análise de <i>corpus</i> , estabelecendo categorias	79
6.1. Metodologia da Pesquisa	82
6.2. Sobre a Granularidade da Pesquisa	83
6.3. Preposições e Variações Sociais	86
6.4. Coleta e Organização dos Dados	88
6.5. Ambientes Genéricos: nominais e verbais	91
6.6. Comparando com as Preposições <i>com</i> e <i>em</i>	94
6.7. Análise do Modelo Nominal-Nominal	96
6.7.1. Valor Nominal de Direção, ou Origem (ND)	99
6.7.2. Valor Nominal de Quantificação, ou Parte (NQ)	103
6.7.3. O Valor Nominal Intrínseco, ou <i>by default</i> (NI)	106
6.8. Gramática de Construções	118
6.8.1. Protótipos Lingüísticos	121
6.8.2. Aplicação a Exemplos do corpus – análise de NI	123
6.8.3. Proposta de Modelo Prototípico Geral, ou Central	125
6.9. Análises de casos específicos	130
6.9.1. O Uso da Preposição em SPs Quantificadores	130

6.9.2. A Regência dos Verbos <i>Gostar</i> e <i>Achar</i>	133
(i) <i>Gostar</i>	133
(ii) <i>Achar</i>	136
7. Conclusões	139
7.1. Sobre a Pesquisa Empírica	139
7.2. Sobre a Ontologia Preposicional	143
8. Comentários Finais	147
9. Bibliografia	152
9.1. Artigos	153
9.2. Livros e Capítulos de Livros	161
10. Anexo 1: exemplos adicionais	170
ND	170
NQ	170
NI	170
Ocorrências Verbais	171
Casos duvidosos	171
11. Anexo 2: citações no original	172
12. Índice Remissivo	177
Contato	181

Abreviações

Ag	agente
CCV	crioulo de Cabo Verde
DAT	dativo
GC	gramática cognitiva
GCr	gramática de construções
Mc	marco
N ₁ /N ₂	elementos nominais, anterior e posterior à preposição
ND	valor nominal de direção
NI	valor nominal intrínseco
NQ	valor nominal de quantificação
PA	português de Angola
Pac	paciente
PB	português do Brasil
PE	português europeu
PREP	preposição
RFP	regra de formação de palavras
Q	quantificador
S	sentença
SA	sintagma adjetival
SAdv	sintagma adverbial
SC	small clause
SN	sintagma nominal
SG	singular
SP	sintagma preposicional
SV	sintagma verbal
TR	trajetor

A word is introduced into the language of the given community. The originators have a privileged role: They don't *learn* the meaning of the word, they *stipulate* it. Having made this decision and generate this ongoing activity, they seem to have initiated a practiced. As the originators grow old, new candidates are trained to join the community and its practices. Newcomers must come to use the word in the way the competent users in the community use it. If it is observed that a newcomer fails to conform, he is corrected by those with linguistic authority. /... / There is nothing in the given meaning assignment *itself*, sociohistorical facts aside, that makes it privileged in any way over the others. Its "standardness" is due to the fact that the community has adopted it as a standard.

Joseph Almog, 1984.

Consider a group of people walking for the first time from a new settlement to some landmark in the distance. One person walks in front, choosing the best path through the bush – a cognitive process – and treading over grass and ground. The others follow in line, each contributing to marking the path. The following days, months and years, when people follow this footpath, they contribute each to maintaining it as a stable and salient feature of the landscape, causing others, or themselves on later occasions, to borrow it in turn. The path started its existence as the visible effect of a series of micro-decisions (of stepping here rather than there) of one individual. This visible effect caused other individuals to make similar micro-decisions, adding to the initial effect.

Dan Sperber, 1999.

0. Prefácio

Este texto é a TESE DE DOUTORADO desenvolvida sob a orientação da professora Dra. Heliana Mello, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os dois primeiros anos do programa foram cursados na Faculdade de Letras da UFMG; o terceiro no departamento de Lingüística da University of California, at Davis (UCD), e os dois últimos, novamente, na UFMG. A pesquisa teve financiamento parcial do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que me concedeu bolsa para um ano de estadia no exterior, e da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), que me integrou ao Programa Permanente de Capacitação Docente (PPCD) por dois anos e meio. As reflexões que aqui apresento foram expostas, elaboradas e discutidas sob a orientação da Profa. Heliana Mello e com os colegas do INCÓGNITO, grupo de pesquisa do qual faço parte; mas a responsabilidade é exclusivamente minha.

1. Introdução

1.1. Apresentação

Esta tese propõe-se a apresentar um modelo de análise para o uso da preposição *de* da língua portuguesa do Brasil (PB) a partir dos preceitos teóricos e esquemas desenvolvidos pela gramática cognitiva e pela gramática de construções, sendo que, por GRAMÁTICA COGNITIVA (GC), considero o modelo organizado por Ronald Langacker¹ e, por GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES (GCr), o modelo apresentado por William Croft².

A tese é dedicada à análise de uma PREPOSIÇÃO específica do português brasileiro: a preposição *de*; e sustenta a seguinte hipótese: *de* é uma preposição estabelecida por GRAMATICALIZAÇÃO e tem valor SEMÂNTICO-ESPACIAL PRIMEVO, sendo que esse valor pode ser reconhecido direta ou indiretamente no uso atual.

Para comprovar tal proposta, foram incorporados ao modelo da GC aspectos do amadurecimento histórico da preposição em análise. Foram também considerados elementos que permitem a proposição de inferências sobre o que pode ter havido em seu estabelecimento como partícula relacional. Os argumentos da CORPORIFICAÇÃO e da EVOLUÇÃO das línguas são, portanto, assumidos como ingredientes necessários à compreensão dos construtos sintáticos e semânticos preposicionais.

A descrição da evolução dos usos preposicionais passa a ser argumento epistemológico central para a busca por explicações a respeito do funcionamento da linguagem, ela própria, reconhecendo-se, assim, aspectos da teoria da GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES (GCr) ao funcionamento lexical.

¹ Apesar de se reconhecer o ponto de partida para as pesquisas em lingüística cognitiva nos trabalhos de Langacker, destaca-se que há importantes ensaios e propostas anteriores a ele que se encaixam no escopo da lingüística cognitiva. São autores restritamente reconhecidos e que merecem análise. Leonard Talmy e Bernard Pottier são bons exemplos. Sobre o tema, ver G. Desagulier (2005) (texto disponível no site: <<<http://www.univ-paris8.fr/desagulier/home/>>>)

² Sobre a relação entre estes dois modelos de pesquisa, ver Langacker (2005)

Nesse sentido, a fala de Gregory Bateson é preciosa. O filósofo é bastante assertivo ao afirmar que não há mais “uma ciência que tenha interesse específico na combinação de peças informativas” (Bateson, 1979:19). Considera-se, assim, que “cada passo de um processo evolutivo acrescenta uma informação a mais à compreensão de um sistema existente.” (*idem*) [#1]³. A meu ver o que diz Bateson diz pode também ser apropriado pela GC e pela GCr: os sistemas existentes, aí inclusos os sistemas lingüísticos, não existiram como agora existem. As estruturas e os mecanismos de funcionamento lingüístico passaram por trajetórias evolutivas que os fizeram ser o que são. Esse princípio epistêmico nos parece basilar, porque, de forma mais ou menos direta, e mais ou menos relevante para determinado tema abordado, indica que várias esferas das relações de comunicação são partícipes da configuração da linguagem⁴. A proposta batesoniana não promove algo com uma ‘inflação epistemológica’; o que faz o autor é proclamar a irreduzibilidade dos modelos culturais, biológicos e lingüísticos a sistemas atemporais, condicionando, assim, sua evolução a aspectos ambientais⁵.

1.2. Sobre o Percurso da Pesquisa

No início de minhas investigações sobre as preposições do PB, procurei organizar e descrever os dados seguindo a proposta funcionalista givoniana. Nesta hipótese inicial, seria possível descrever o funcionamento sincrônico da carga semântica preposicional e

³ [#1]→ símbolo para a localização dos textos originais no ANEXO 2.

⁴ Interessante registrar que estou ciente das acirradas discussões sobre os modelos explanatórios holísticos ou combinatórios. Penso nos apontamentos de D. Dennett (1998) sobre a recorrente confusão entre ontologia e metodologia que tem lugar nas ciências biológicas; penso também nas diferenças entre um modelo que considera a complexidade do organismo como ‘organização’ e um outro que lega à multiplicidade fatorial valor de ‘*assemblage*’. (cf. E. Crist & A. Tauber, 1999)

⁵ Sobre o tema ver F.Varela *et al.* (1991); M Johnson, (1997).

compreender sua distribuição sintática e semântica. Os experimentos modelados para esse fim foram centrados na aplicação do software TRANSLOG⁶.

À época, propunha que o tempo dispensado na escrita de uma preposição poderia apontar para uma suposta relação entre o processamento mental e a variação na carga semântica das diversas preposições, ou seja, propunha que a hesitação na digitação de uma ou de outra preposição seria indicação de maior ou menor tempo de processamento cognitivo pré-expressão⁷. Esta proposta de cunho pausológico parecia-me plausível, porque explorava em ambiente de texto digitado perguntas que S. Rochester (1972) e Joost Schilperoord (1996) haviam indicado e debatido em pesquisas anteriores⁸. O mapeamento dos dados colhidos em 20 textos produzidos no software não permitiu, porém, o estabelecimento de um perfil de ocorrência elucidativo.

Outro aspecto que me parecia pertinente para a avaliação da carga semântica das preposições era a possibilidade de promover seu destaque sonoro. Presumia que uma preposição ‘mais carregada semanticamente’ poderia ser destacada no ato da produção oral. Para uma preposição ‘menos carregada semanticamente’⁹, tal efeito seria

⁶ Obtive a permissão para uso do software dos professores Arnt Jakobsen (Copenhagen Business School) e Fábio Alves (UFMG). Trata-se de um programa de acompanhamento textual, no qual os movimentos executados na digitação de um texto são registrados.

⁷ Em conversa pessoal, a colega Cida Araújo ressalta a importância de se avaliar a influência que pode exercer o SN que vem após a preposição. Provavelmente é um aspecto relevante para a compreensão do processamento da preposição. Não foi, no entanto, considerado para esta pesquisa que optou por mecanismos explanatórios diferentes.

⁸ Especificamente em “The significance of pauses in spontaneous speech”, de S. Rochester (1972), e em “It’s about time: temporal aspects of cognitive processes in text production” de Joost Schilperoord (1996); deste último, selecionei a seguinte passagem: “A análise da distribuição do tempo de pausa na escrita pode contribuir na compreensão sobre como esses processos se organizam no tempo real /... / a análise textual pode revelar importantes *insights* sobre a natureza do processo cognitivo e mental que escritores (writers) usam em suas produções. (Schilperoord, 1996:01) [#2]

⁹ Em classificação semelhante, C.Hagège usa as expressões ‘palavra cheia’ e ‘palavra vazia’. Interessante notar que para o autor preposições são ‘palavras vazias’ porque têm ‘*trop de signficance*’. (excesso de significado) (*apud* T. Rania, 2001:04)

impraticável. Deparei-me com uma impossibilidade experimental que, no fundo, revelava questões de ordem conceitual.

Através de topicalização ou de destaque sonoro, pode-se enfatizar um termo nuclear nominal. Para as preposições, no entanto, esse exercício de destaque discursivo depende de um exercício comparativo ou dialógico com outras preposições; algo como acontece em (1) *Eu falei COM você; e não DE você*; o que já é, de saída, uma indicação da natureza das preposições. O valor semântico das preposições é essencialmente relacional.

O reconhecimento de opacidade ou de clareza do significado lexical, que pode ser proposta para a análise de um sintagma nominal (SN), por exemplo, não segue os mesmos mecanismos para as preposições. Seu valor relacional faz com que mesmo a mais clara das preposições seja dependente. Assim, o reconhecimento do significado prototípico de um item nominal¹⁰ pleno não se dá da mesma forma que ocorre para um item preposicional.

No lugar de uma pergunta sobre o funcionamento, passei a investigar a ontologia das preposições. Considerei, em razão disso, a possibilidade de revisão da distinção sincronia/diacronia que de certa forma embute a aceitação da existência de formas lingüísticas sem motivação semântica. Essa cisão metodológica, comumente atribuída a Ferdinand de Saussure¹¹, leva ao reconhecimento da ocorrência de alguns usos preposicionais como manifestações de *sintaxe pura*¹². A aceitação de ocorrências

¹⁰ Sobre o tema ver, H. Mello (1990); M. Perini (1994); P. Perini-Santos (2001).

¹¹ Sobre o tema, ver discussão em E. Pontes (1990); L-J. Calvet (1972); D. Lucchesi (1998)

¹² M. Perini relata que há anos trabalha com o ‘princípio da sintaxe residual’, segundo o qual reconhecem-se motivações semânticas às ocorrências lingüísticas; na ausência dessas, assinala-se uma situação em que deve ser proposta uma descrição “exclusivamente em termos de traços formais não associados a traços semânticos” (2006:77). Nessa mesma passagem do livro, registra haver formulação semelhante em Jackendoff (1983). Sobre o tema, W.T. Fitch, M. Hauser e N. Chomsky (2005).

advindas de ‘regras puramente sintáticas’ (Langacker, 2000a:73) contrapõe-se aos princípios da GC.

Como se nota, houve uma expressiva mudança no padrão da pesquisa que aqui apresento. De um modelo restrito, passou-se para um modelo epistêmico abrangente; de uma pesquisa experimental, passou-se a uma pesquisa de análise de *corpus*. A mudança metodológica e o aumento do número de aspectos considerados fizeram-me restringir a empreitada ao estudo de uma única preposição, *de*. É interessante destacar que Ron Langacker, ele próprio, dedicou-se especificamente ao estudo de *of*, forma preposicional inglesa semelhante à forma portuguesa *de* (cf. 6.7.3). Para Langacker, *of* “impõe um importante desafio para a doutrina da GC de que todo e qualquer elemento gramatical usado possua significado” (2000:73) [#3]

1.3. A Escolha da Preposição *de*

Três motivos me levaram a tal escolha. Primeiro, *de* é a preposição mais frequentemente usada no português. Em relação ao conjunto das preposições do idioma, entre os séculos XIV e XVIII, sua frequência de uso variou de 38% a 45% (Diório Jr., 2003;129)¹³. O uso atual, que aparece em destaque na Tabela 1, foi colhido em blogs brasileiros escritos em português. A comparação dos dados Diório Jr. (2003) e o uso atual atuais indica que há pouca variação da frequência de hoje em relação aos períodos anteriores:

¹³ Os dados coletados pelo autor advêm dos seguintes textos escritos: “Para o século XIV, /./ as cortes portuguesas do reinado de D. Afonso IV; /.../ século XV, /.../ tratado de cozinha e um livro de apontamentos /.../; para o século XVI, cartas para el-rei D. Manoel Ie um livro de João de Barros; para o século XVII, um livro de Fernão Mendes Pinto e cartas de D. Francisco Manuel de Melo, /.../ para o ‘seculo XVIII, cartas do Marquês de Lavradino.’” (Diório Jr.: 2003:124)

	XIV	XV	XVI	XVII	XVIII	Uso atual
<i>em</i>	14.87	17.05	15.00	17.05	18.84	22.67
<i>a</i>	15.83	12.40	12.50	15.30	13.79	6.98
<i>por (per)</i>	17.38	9.28	9.80	11.99	7.99	5.4
<i>para</i>	4.12	6.85	5.86	5.21	6.06	7.75
<i>com</i>	3.61	5.46	4.40	6.95	6.48	8.91
<i>de</i>	38.51	46.49	45.91	41.11	44.83	47.29
TOTAL	94.32	97.53	93.47	97.61	97.99	99.00

Tabela 1: frequência de uso preposicional em português do Brasil, por século (*em %*)

Uma outra fonte léxico-freqüencial (Tabela 2) aponta para dados que ratificam as informações da primeira tabela. A pesquisa de *corpus* apresentada por André Camlog (1986) fez um levantamento sobre as variações de uso preposicional no português a partir de itens coletados em 905 sonetos dos séculos XVII e XVIII:

	Uso em sonetos, séculos XVII e XVIII	
	no. de ocorrências	em %
<i>em</i>	2462	25.51
<i>a</i>	1478	15.31
<i>por (per)</i>	797	8.26
<i>para</i>	250	2.59
<i>com</i>	635	6.58
<i>de</i>	4029	41.75
TOTAL	9651	100

Tabela 2: frequência de uso preposicional no português literário (*em %*)

Os valores das duas pesquisas são bastante similares: a primeira aponta para uma média de uso de 43% para *de*, e a segunda propõe o valor próximo a 42%. Nos dois casos, *de* é a preposição de maior uso.

O segundo motivo que me levou à escolha da preposição *de* deve-se ao reconhecimento dessa ocorrência como um protótipo preposicional: *de* é um exemplo de um item lexical que possui nitidamente as características atribuídas às preposições, ou

seja, essa preposição é (i) resultado de um processo de gramaticalização de alto grau de efetivação; (ii) *de* pode exercer função de indicação espacial; e *de* é (iii) uma unidade lexical com valor semântico variado e dependente do contexto sintagmático no qual se encontra. Tanto o é que, para alguns autores, *de* pode ser locada em um grupo de preposições que, comparativamente a outras ocorrências preposicionais, “não tem significado” (Gomes, 1999:214). O estudo de um elemento prototípico pertencente a um conjunto permite compreender parcialmente os demais elementos desse grupo.

E terceiro: escolhi estudar a preposição *de* porque há particularidades em seu funcionamento que não se encaixam diretamente no modelo de explicação cognitivo-espacial que será apresentado durante a primeira parte da tese. Em alguns ambientes sentenciais, a interpretação da preposição em estudo com valor espacial ou como palavra que mantém resíduo semântico dessa natureza não é clara ou direta. Por exemplo, a regência do verbo *gostar*, como em (2) *Eu gosto de vinho*, e (3) **Eu gosto vinho*, não pode ser compreendida através da aplicação direta do modelo cognitivo langackeriano proposto. Seu uso não é interpretado diretamente pelos esquemas propostos pela GC ou pelo trajeto histórico-semântico linear subentendido à teoria da gramaticalização. Além dos elementos cognitivos até então considerados, elementos históricos e evolutivos passaram a fazer parte da pesquisa.

Proponho que as mudanças lingüísticas não sejam autônomas, e que não ocorram em um mundo ideal e homogêneo como sugerem sê-lo o estruturalismo e o cognitivismo clássico¹⁴.

¹⁴ Sobre o tema, ver R.V. Mattos e Silva (2004); a autora expõe as bases de um estudo diacrônico gerativista a partir de Lightfoot; ver também T. Givón (2002); o autor compara as idéias sobre a evolução da linguagem segundo o cognitivismo clássico, gerativismo, e o cognitivismo contemporâneo.

Das mudanças na linguagem, participam a história e a relação entre grupos humanos. As mudanças culturais e políticas fazem com que o supostamente externo à linguagem passe a ser reconhecido como participante das escolhas e das apresentações de novas formas e de novos jeitos de uso. Indicação disso é o fato de no Brasil, em Cabo Verde, no Quênia, em Moçambique, no Paraguai e em Angola, conforme relata a literatura especializada, ocorrer redução do número de preposições em uso. Nesses países, é praticada uma gama mais restrita de preposições, porém com maior variedade sêmica¹⁵. A razão da redução no repertório lexical pode estar relacionada ao processo de implantação da língua de colonização junto às respectivas populações autóctones. O contato entre as línguas existentes e as línguas impostas pode, assim, ter exercido influência na engrenagem do sistema preposicional. Em termos gerais, os contatos entre os povos e as línguas são fatores partícipes de sua evolução¹⁶.

Se considerarmos a forma de entrada da língua nos territórios colonizados, que, para o caso do Brasil, também deve ser levado em conta, perceberemos que há indicações de modificações engendradas pelo contato¹⁷. John Holm (2004), Heliana Mello (1999), Dante Lucchesi (2002), Peter Fry (2001) e Jona Fayer (2003) discorrem sobre o tema em pesquisas que ilustram a idéia para diferentes nações colonizadas.

Estes três motivos, (i) a altíssima freqüência de ocorrência da preposição, (ii) o seu caráter prototípico e (iii) a peculiaridade de ser *de* uma forma lingüística

¹⁵Sobre o tema, ver Choi (2001); Duarte (1999); Gonçalves e Feliciano (2004); Holm (2004); Mello, (1999); Mingas (2000); Mwangi (2004); Valkhoff, (1966); Veiga (2000).

¹⁶ Sobre o tema, ver G. Origgi e D. Sperber, (2000); Holm (2004).

¹⁷ A título de exemplo, cito o trabalho de J. Hajek e C. Klinken (2003:55): “Muitas das línguas austronésias do Sudeste Asiático e do Pacífico foram fortemente influenciadas pelas línguas românicas – especialmente pelo Castelhana e pelo Português – fruto de vários séculos de contato”.

provavelmente acidentalizada durante a história da construção do PB, justificam a análise centrada em uma única preposição.

1.4. A Importância dos Estudos sobre Preposições

A análise preposicional é um dos temas mais fecundos da pesquisa lingüística contemporânea. “Dos anos 1980 para cá,

... os estudos sobre as preposições se multiplicaram de tal forma que hoje constituem um dos principais temas de pesquisa em lingüística, cognitiva ou não, em semântica inicialmente, mas também em sintaxe. Além disso, o tema chama a atenção de pesquisadores que trabalham com aquisição de linguagem ou com tratamento automático da linguagem natural. (Goyens e De Mulder, 2002: 185) [#4]

A descrição histórica e cognitiva do funcionamento das poucas palavras que compõem esse conjunto lexical é um tema importante¹⁸. PREPOSIÇÕES são marcações lingüísticas que perfilam relações físicas e psicológicas do mundo espacial e simbólico do qual participamos. Através de esquemas cognitivos complexos, como veremos no decorrer deste texto, procurarei explicar como elas funcionam em nossa vida comunicativa. Como modelo geral, proponho que as preposições resultem de palavras plenas em sua origem que perderam a nitidez de suas marcações sêmicas ao longo do processo de gramaticalização pelos quais passaram. As preposições possuem, por isso, carga semântica fortemente dependente do contexto de ocorrência.

¹⁸Pesquisadores do Departamento de Filologia da USP têm trabalhado com preposições (*cf.* <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/>). Os artigos disponibilizados *on line* (agosto/2006) foram lidos, mas não foram considerados para esta pesquisa em função de diferenças metodológicas e conceituais.

Viggo Brøndal, reconhecido como precursor dos estudos funcionalistas aplicado às preposições, afirma que:

Como se sabe, o papel das preposições nas línguas falada e escrita é de grande importância, dadas a alta frequência de uso, a sutileza com a qual se entremeiam nas mais diversas construções e, talvez e antes de tudo, as distinções extremamente sutis (freqüentemente diferentes de língua para língua) que elas permitem exprimir. (Brøndal, 1950: 01) [destaque acrescido] [#5]

A observação sobre a “sutileza” do significado das preposições é atestada pelo estudo que Andrea Tyler e Vyvyan Evans fazem sobre a forma inglesa *on*. Seguindo a abordagem da lingüística cognitiva, Tyler e Evans demonstram a polissemia do termo e sua motivação semântico-espacial. Os autores não advogam pela primariedade espacial das preposições, mas assumem que seu valor semântico opera em redes conceituais, sendo que “o mundo físico-espacial que habitamos e as relações espacial que aí estabelecemos nos são inerentemente significativos (meaningful).” (Tyler e Evans, 2003:50) [# 6]

Nota-se que o tema preposições encontra-se em uma encruzilhada de discussões conceituais e empíricas: (i) são palavras muito freqüentes; (ii) não possuem valor semântico e sintático nítido; (iii) são palavras vagas e (iv) compõem – se é que de fato o fazem – um grupo lexical de funções diversificadas. Para este último comentário, penso na comparação entre idiomas em que se constata que a expressão de movimento pode legar à preposição valor central ou periférico¹⁹.

¹⁹ Esta é uma discussão que envolve argumentos do domínio tipológico, que são de suma importância para o tratamento das ocorrências verbais. Sobre o tema, ver Talmy (2000); S. Huang e M. Tanangkingsing (2005), cuja pesquisa é dedicada à análise de línguas austronesianas a partir dos apontamentos teóricos de

1.5. A Complexidade do Estudo sobre as Preposições

1.5.1. A Opacidade Ontológica das Preposições

As preposições não possuem um mapeamento de perfil cognitivo autônomo; são expressões de valor sêmico que depende dos contextos sintagmáticos para a realização de significado. Para a GC, as palavras funcionam de acordo com esquemas (frames), ou seja, através de mecanismos de operações cognitivas²⁰. Assim, diferentes categorias de palavras possuem formas esquemáticas autônomas que expressam protótipos referenciais ou de eventos.

Para Leonard Talmy (2001), os verbos podem ser descritos como ‘expressões lingüísticas de superfície’²¹ de eventos, ou seja, a forma lingüística verbal é a realização comunicativa do esquema causal de um evento. O verbo *cair*, por exemplo, é a manifestação lingüística de um evento no qual ‘algum agente causal, explícito ou implícito, faz com que uma determinada entidade sofra deslocamento em direção a um espaço físico inferior’, conforme ilustra: (4) *A tenda caiu com o vento forte*. Nesse enunciado, o fator externo que fez a “tenda” cair aparece explícito. De acordo com a notação proposta em Talmy (2001):

Len Talmy (1985, 2000, 2001). Ainda sobre o tema, vale citar o trabalho de S. Meira (2005) dedicado a avaliação tipológica de idiomas indígenas brasileiros a partir da expressão de movimento.

²⁰ A tradução dos termos técnicos da GC não é consensual. Em sua tese, Adriana T. Azevedo comenta com destreza a esse respeito: “Há termos relacionados ao quadro da Lingüística Cognitiva, tais como *construal*, *frame*, *profile*, *trajectory*, *landmark*, que preferi deixar em inglês neste trabalho. O grupo de estudos em Lingüística Cognitiva da UFMG, *inCognito*, está trabalhando numa proposta de tradução desses termos para a língua portuguesa, porém tal proposta não foi ainda finalizada.” (2006:xiii).

²¹ Em L. Talmy, “Este estudo dedica-se à relação sistemática entre linguagem e expressão de superfície. (Ao longo deste capítulo, o termo “superfície” apenas indica ocorrências lingüísticas e não teorias derivacionais)” (2000:21) [# 7].

→ [[A tenda caiu] EM FUNÇÃO DA CAUSA EXTERNA (com) [o vento forte]],

na qual aparece em letras maiúsculas a ilação causal reconhecida pelo falante é possível explicitar o evento ocorrido²².

Em outras ocorrências sentenciais, com ou sem a explicitação ostensiva das relações causais e seus elementos, *cair* expressa um evento que pode ser interpretado pelo falante; o que aponta para algum tipo de habilidade cognitiva. Ao escutar, (5) *A tenda caiu*, um falante maduro será capaz de compor as relações causais pertinentes e condizentes com a complexidade do evento; essa é a idéia de FORMA ESQUEMÁTICA de um verbo. A ausência de ostensividade em uma ocorrência lingüística não impede o mapeamento dos partícipes do evento. Por esse motivo, em um uso verbal, o reconhecimento das relações de causação e a sua respectiva categorização lingüística não podem ser vistas como algo inato e estrutural; a esse fenômeno dá-se o nome “lexificação” (Talmy, 2001:21).

Para Len Talmy, cuja obra, a meu ver, é basilar para a GC, uma expressão exerce valor lexificado a partir do momento em que ativa automaticamente um esquema causal sem a necessidade de serem explicitados todos os elementos que dele participem. Talmy oferece solução própria para algo que é resolvido de forma bastante distinta pela escolha gerativista. Reconhecer e ativar lexificações de verbos são exercícios advindos do amadurecimento cognitivo; são exercícios de amadurecimento de procedimentos psicológicos, perceptuais e comunicativos que se realizam no uso social e interativo da linguagem.

²² Sobre o tema, ver B. Mandelblit (2000), que oferece ótima revisão do tema para a GC.

Voltando aos exemplos (4) e (5): CAIR é um evento de deslocamento espacial de uma determinada entidade para baixo em função de uma força específica que incide sobre ela²³. Usos metafóricos e metonímicos são produzidos e interpretados a partir dessa organicidade verbal básica²⁴. Metáforas corriqueiras como (6) *A bolsa de valores caiu* e (7) *Ele caiu na real* são exemplos de realização do mesmo esquema verbal, porém em expressões de superfície diferentes que, pode-se dizer, são mais complexas do que as exemplificadas em (4) e (5). Seguindo esse raciocínio, expressões metafóricas inadequadas à forma esquemática do verbo, como (8) **O projeto caiu para cima*, por exemplo, resultam em incoerência semântica, ou exigem interpretações que estão além de um nível automático, como foi nomeado.

É plausível, portanto, pensar que a semântica do verbo não seja autônoma, programada e fixa; é razoável esperar que haja coerência semântica na efetivação textual do verbo em função da expressão de eventos tal e qual percebem as pessoas. Sucede que, de acordo com os mecanismos e com a prática do idioma usado, procedimentos causais mais ou menos rotineiros para indivíduos, grupos humanos e culturas assumem formas lingüísticas mais ou menos completas, mais ou menos explícitas.

Para além das variações advindas de influências contextuais, um mesmo evento pode ostentar formas lingüísticas alternativas. Na língua portuguesa de Angola (PA), por exemplo, atribui-se à mãe o papel de sujeito agentivo (ag.) na lida com o evento NASCER. No PA, diz-se *minha mãe me nasceu*, e não *eu nasci*, como é usado no PB e no português europeu (PE). Nas práticas do PB e do PE, à pergunta *Quando você nasceu*,

²³ É certo que a todo momento forças atuam sobre os corpos. Neste caso, pensa-se na atuação de uma força específica que os retire de um estado de equilíbrio.

²⁴ Sobre o tema, ver J. Littlemore e G. Low (2006).

responde-se ‘*Eu nasci em 19...*’. Mas se proposta a um angolano falante nativo bilingüe do português e do kimbundu, a pergunta terá outra resposta. Para os indivíduos desse grupo lingüístico, a categorização verbal de superfície do evento faz-se com dois papéis temáticos: NASCER <ag., pac.>, sendo que quem nasce é paciente (pac.). Em Amélia Mingas,

(a) Eu ainda não nasci a minha mãe é que me nasceu.

[em resposta à pergunta “quando nasceste?”]

A análise da frase permite-nos constatar que, embora seja formalmente portuguesa, existe nela uma referência semântica à língua materna kimbundu. Com efeito, ela está, sem quaisquer dúvidas, presente neste exemplo, na medida em que em kimbundu não existe o verbo “nascer”, mas sim o verbo “dar à luz” e/ou “parir”, o que pressupõe uma acção passiva do filho no ato na nascença. (Mingas, 2000: 82)

A sentença ‘eu ainda não nasci’ só se faz compreensível, se consideramos que o dêitico ‘eu’ desempenha papel agentivo referente a uma mulher que ainda não teve filhos²⁵. Este é um exemplo de diferenças nas formas verbais de superfície e sua lida com os episódios diários. Diferenças assim podem ser reconhecidas em estudos que comparam variações entre idiomas, entre épocas e, mesmo entre culturas setoriais que venham a existir dentro de um mesmo idioma. De certa forma, portanto, não são os eventos que mudam; o que muda é a relação entre os eventos e os falantes que deles participam, através de um repertório lingüístico-cultural amadurecido ao longo de suas vidas e da vida histórica e simbólica da comunidade da qual fazem parte. Assim, pensar que as

²⁵ A título de ilustração: o evento NASCER, tal como foi aqui descrito, aparece em conto do escritor angolano José Luandino Vieira, “– *Não sabe? Ai, não sabe? Mulher dele lhe nasceu uma menina*”. (Vieira: 2006:23)

palavras expressam a história e os valores comunitários e culturais dos diferentes grupos humanos é uma idéia assaz relevante²⁶.

E por que é muito complexo o estudo das preposições? Não há como pensar na autonomia da esquematicidade semântica para as preposições. No limite, a delimitação do conjunto de preposições como uma classe lexical é questionável, dada a ampla variação na carga informacional que cada um de seus elementos repertoria.

Importante indicação de tal heterogeneidade são os resultados obtidos em experimento sobre a capacidade de reconhecimento de classes lexicais. Testes demonstram que as preposições não apresentam funcionamento categorial simples e discreto como se supunha. Para Karen Froud, “é nítido que, de acordo com todos os critérios existentes, a P[reposição] aparenta ficar em algum lugar entre as categorias lexical e funcional”. (Froud, 2001:11) [# 8].

A ‘preposição’ da língua inglesa *down* (para baixo) é um exemplo que ilustra esse fenômeno. Esse item pode apresentar comportamentos diferentes de acordo com a situação de uso. *Down* pode ser interpretado como um item de valor semântico e comportamento sintático que aceita modificações adverbiais em (9) *He is (really) down* (Ele está (realmente) triste). No entanto, considerando (10) *It is not true that violence can be always put (* really) down to social inequalities* (Não é verdade realmente verdade que a violência possa ser tomada como resultado das desigualdades sociais), vemos que não se tem o mesmo comportamento. (cf. O’Dowd,1998). *Down* ocorre com valor semântico em (9) e com valor funcional em (10). No português, o caso de *com* é

²⁶ Sobre a relação entre estudos lingüísticos e a cultura, ver D. Sperber, (1997); C. Goddard (2005); e C. Magro (1998). Exemplo interessante é a expressão ‘branco’ em Cabo Verde. ‘Branco’ tem valor dúbio: uma vez que ‘tornar-se branco’ era expressão usada para famílias de negras que acendiam a uma categoria de cidadania plena durante o período colonial por mérito profissional ou dinheiro. (Observação obtiva com informante nativo)

semelhante. Em (11), a seguir, a preposição *com* é interpretada como indicador de valor instrumental do complemento do verbo: (11) *Os alunos se acabaram com o consumo excessivo de cerveja*. Mas, o mesmo não acontece em (12) *Os alunos acabaram com a cerveja do bar*. No segundo caso, *com* é regida pelo verbo, mas não agrega valor semântico ao complemento verbal.

Há também desconforto teórico na proposta de as categorias lexicais serem unidades primitivas analisáveis a partir dos traços gerais [\pm N(ominal)] e [\pm V(erbais)] (Radford, 1989; Raposo, 1992):

Verbo [+V, -N]	Adjetivo [+V, + N]
Substantivo [- V, +N]	Preposição [-V, -N]

Ou seja, um verbo tem traços lexicais verbais, [+V]; mas não possui traços nominais, [-N]; o substantivo tem traços nominais [+N], mas lhe faltam os verbais [-V]; e assim por diante. Este modelo é explicado por Márcia Berg em sua pesquisa sobre preposições segundo a abordagem gerativista²⁷:

...a descrição em termos de [-V] e [-N] indica que a preposição não tem a propriedade de ser nem argumento, nem predicado, isto é, ela não se aproxima nem dos verbos, nem dos nomes. Assim, sua definição através de traços negativos coloca dúvidas quanto ao estatuto lexical da preposição. (Berg, 1996:08)

²⁷ Sobre o tema, ver M.E. Ticio (2005). Este artigo, de base teórica gerativista, não discute diretamente o tema desta tese, mas oferta ótima discussão sobre a posição sintática e interpretação temática dos SPs com *de* em espanhol.

Além disso, dado que para o gerativismo as categorias lexicais configuram núcleos das categorias sintáticas, poder-se-ia supor que todo e qualquer elemento preposicional exerça a mesma função nuclear em um sintagma preposicional:

Se a categoria P (preposição), assim como N, V e A, projeta-se do mesmo modo dentro da estrutura X-barra, isto é, a preposição é o núcleo do sintagma preposicional (PP) que se relaciona com o especificador (Spec) e com o complemento (Compl), então P é uma categoria uniforme. (Berg, 1996:09)

Para o também gerativista Eduardo Raposo, de forma semelhante, “qualquer categoria sintagmática pode conter apenas uma categoria lexical principal. /.../ Chamemos a este item o núcleo da categoria sintagmática”. (1992:161) Berg contesta essa uniformidade sintagmática, segundo a autora:

Assim é de se esperar que todas tivessem um comportamento sintático semelhante, isto é, todas elas deveriam preencher o lugar de núcleo do PP. No entanto, há propostas diversas na literatura. Alguns autores apresentam a preposição não como núcleo de PP, mas como núcleo de outro sintagma frasal. /.../ mostraremos algumas dessas propostas, não com o objetivo de discuti-las, mas apenas para mostrar que P tem o estatuto diferente de V, na literatura, pois V é sempre núcleo de SV. (Berg, 1996: 09)

A distinção entre valor semântico e valor funcional não parece também ser clara para essa linhagem teórica. Dentro da proposta gerativista, Berg alude a Steven Abney, segundo o qual, os elementos funcionais “herdam” valor semântico de seu complemento:

[Abney explica] o que é “herança” com o seguinte exemplo: *John will hit Bill*. Sabe-se intuitivamente que essa sentença descreve um ato de bater, cujo agente é *John* e o paciente *Bill* e o fato ainda não ocorreu. O IP descreve o ato de

bater, o que herda o conteúdo descritivo do verbo. Assumindo que essa intuição é válida, Abney admite que a *will* falta conteúdo descritivo, mas adquire-o do seu complemento. Para o autor, esse é o propósito da seleção funcional: permitir a um elemento funcional adquirir conteúdo descritivo herdando-o de um complemento. (Berg, 1996:25)

De acordo com esta explicação, um elemento preposicional herda o valor descritivo de seu complemento. Há, porém, contra-exemplos. Analisando os pares de ocorrências (13-14) e (15-16), a seguir, observamos que apesar de se encontrarem em contexto sintático idêntico, a presença da preposição *de* engendra valores semânticos bastante diferentes: (13) *Uma colher de louça* e (14) *Uma colher de farinha*; (15) *O idiota do vizinho* e (16) *O bonitão do Tony Ramos*. No primeiro par (13-14), tem-se respectivamente “herança de material” e de “preenchimento”. Para os outros dois exemplos, isso não ocorre. Em (15) e em (16), não há tal valor de descritividade advindo do complemento do núcleo do SP²⁸. Podemos destacar, portanto, que a interpretação da relação entre a preposição e os elementos aos quais se associa não pode ser meramente regida pela sintaxe.

Robert Dale (1992) cita casos de semelhante desconforto analítico no uso da preposição inglesa *of* em receitas de cozinha. Em ocorrências como (17) *a few drops of wine vinegar* (algumas gotas de vinagre); (18) *a handful of raisins* (um punhado de uvas) e (19) *a drop of tobacco* (uma pitada de tabaco), há indicação do núcleo semântico, ou ‘sobre o que se fala’, não ser o núcleo sintático. Em (17-19), este valor de referência pode ser reconhecido a um SN que é sintaticamente inferior ao SP. Mesmo fenômeno, indica

²⁸ M. Salomão (1990: 52-54) oferece a seguinte explicação para exemplos como estes. Segundo a autora, são ‘construções epítéticas’ em que ocorre corporificação de propriedades pela entidade – no caso ‘a beleza’ e a ‘idiotice’ – através de processo metafórico. Para a autora, esse argumento é suficiente para rejeitar explicação idiossincrática para o caso.

Dale, ocorre com expressões do tipo (20) *avocado skin* (casca de abacate), (21) *garlic glove* (dente de alho) e (22) *alfafa sprout* (broto de alface). Nota-se que a tradução para o português usa a preposição *de* em todos os casos, dada a tipologia do idioma.

1.5.2. O Conceito de Preposição na História das Gramáticas

Boa indicação da complexidade conceitual que envolve as preposições é o fato de ser o reconhecimento de duas classes lexicais que segregam preposições e advérbios em grupos distintos um construto categorial recente na história dos textos gramaticais. Segundo Christiane Marchello-Nizia (2002) foi apenas a partir do século XVII que os gramáticos passaram a homologar tal separação nesses termos. Textos gramaticais relativos ao francês arcaico²⁹ aludiam à distinção desses dois grupos de palavras de acordo com o posicionamento da partícula em relação ao verbo, e não de acordo com a função semântica e ou sintática que desempenham no sintagma e na sentença.

A partir de suas pesquisas sobre processos de gramaticalização e de lexificação que resultaram em expressões usadas no francês contemporâneo, Marchello-Nizia recomenda o estabelecimento de um sistema de categorização lexical organizado de tal forma que se faça possível falar em pluricategorialidade para as preposições. Para a autora, as preposições possuem uma ontologia categorial com graus de definição e de gramaticalização variados, desenvolvidos ao longo de gerações³⁰. Entre as mudanças que ocorrem no processo de gramaticalização, encontra-se a DESCATEGORIZAÇÃO, que pode

²⁹ Por francês arcaico, entende-se o uso do idioma durante os séculos XI e XII da EC.

³⁰ Em D. Barr, “A abordagem multigeracional da evolução da linguagem sugere que algumas pressões seletivas não-genéticas fazem com que a linguagem torne-se adequada à mente humana /.../ as forças que moldam a linguagem têm impacto em várias gerações de falantes”. (2004: 941) [#10]

ser descrita como “a perda dos traços que identificam um item lexical como pertencente a uma determinada classe gramatical” (Harrison e Ashby, 2003:389) [#9].

Harrison e Ashby descrevem a gramaticalização da expressão latina *casa*, que veio assumir a função preposicional sob a forma *chies*, no francês arcaico, e *chez*, no francês atual. Progressivamente, *casa* perde as marcas mórficas nominais e se estabelece como uma preposição. Ou seja, esse item passa a executar função de item lexical funcional; este é um processo de decategorização. Para os autores, isso não é um caso excepcional; pelo contrário, “faz parte de um esquema que inclui a formação de outras preposições francesas a partir de substantivos; o que é comparável ao que ocorre com o picard, com o wallon, com o dinamarquês e com o sueco.” (2003:391) [#10]. Este é um exemplo de preposições formadas a partir da redução formas plenas.

É possível reconhecer o valor semântico nominal em expressões que exercem valor funcional nas línguas crioulas que são essencialmente ‘novas’:

O substantivo do francês contemporâneo *côté* equivale, no crioulo da Louisiana, à forma standard do francês *chez*, como ilustram os exemplos (a), e (b), em cajin: (a) *Mon gonn kote mo bèl-sè*. (Vou para a casa da minha cunhada.); (b) *Hier après-midi on a été là-bas côté sa mère*. (Ontem, à tarde, estivemos lá na casa de sua mãe. (Harrison e Ashby (2003:389) [#11]

O valor sêmico de uma preposição é residual e varia em grau de recuperabilidade que oscila de acordo com o tempo, frequência, função e influências que tenha sofrido no decorrer da história. A meu ver, a gramaticalização não faz com que as palavras percam carga semântica, mas as torna opacas e relacionais. Os vocábulos passam a exercer funções dependentes de outros termos presentes no sintagma. Se considerássemos a

possibilidade de tratamento discreto para a gramaticalização, haveria o risco de termos que aceitar a existência de ontologias lexicais distintas (este tema será explorado mais adiante, *cf.* 6.8). Mais interessante é pensar que as palavras acontecerem em tempos processuais díspares, mas serem sempre como unidades sonoras às quais associamos de alguma forma significado e função.

Uma vez que se postula que as preposições originam-se de formas lexicais passadas plenas, pode-se postular também que a validação teórica da gramaticalização dependa da descrição das etapas pelas quais passou um termo. De certo, seria bom se houvesse documentação sobre cada uma das etapas de evolução das línguas hoje em uso; no entanto, é sobejamente sabido que isso não acontece (*cf.* Jacob e Kabatek (orgs.), 2001, Blench e Spriggs, 1998). Essa dificuldade na documentação histórica e arqueológica, nem sempre reconhecida pelos pesquisadores em lingüística, deixa lacunas significativas. Derek Nurse (1997) aponta para o fato de haver ilações históricas equivocadas:

Em muitos casos, não sabemos quais populações históricas falavam quais línguas; é evidente que potes [de cerâmica] não falam, apesar de muitos terem cometido erro, ao tentar associar ‘culturas’ arqueológicas a línguas ou a famílias de línguas específicas. (1997: 361) [#13]

Em suma, há ‘fatos’ assumidos pela lingüística e presumidamente comprovados pela historiografia que são, na verdade, suposições. Por outro lado, Peter Koch (2003) ressalta que as atuais línguas românicas possuem alto índice de similitude. Para o autor, esta é uma razão substancial para a associação entre a GC e a história,

... apesar de diferenças nos detalhes, as abordagens cognitivas se justificam pelo papel essencial que exercem em nossa percepção e conceptualização da

realidade extralingüística e de nossa prática de categorização lingüística /.../
Procede aceitar que as línguas sejam completamente diferentes, mesmo em suas estruturas. Isso não presume, porém, que essas diferenças aconteçam de forma aleatória, mas essas advêm de opções cognitivas. (Koch, 2003: 43-44) [#14]

Em importantes aspectos, as mudanças nas línguas não ocorrem aleatoriamente. Isso permite que sejam estabelecidas associações entre as diversas pesquisas que descrevem as línguas românicas em diversos momentos do tempo. Nesta perspectiva, em conversa sobre os desafios metodológicos da pesquisa sobre preposições, Andrea Tyler destaca que estudos feitos sobre as línguas novas, como os crioulos³¹, por exemplo, são caros e dão acesso a mapeamentos cognitivos, cujos processos de evolução podem ter equivalência com os processos que ocorreram com outras línguas em períodos mais remotos³².

1.6. Propostas Vigentes da GC sobre as Preposições

No escopo das análises apresentadas por vários autores que se filiam à linha cognitiva, duas respostas se destacam. São propostas distintas que podem ser vistas como complementares. Primeiro, propõe-se um modelo de interpretação a partir de *esquemas cognitivos espaciais* (Armstrong, 2002; Coventry, 1999; Grabowisky, 1999; Langacker, 1992, 2000a,b ; Miller e Grabowisky, 2000; Talmy, 2000, 2001, Weissenbron, 1981; dentre outros), ou seja, as preposições expressam as relações entre a percepção humana e o espaço físico que está à sua volta. Segundo, infere-se o significado básico das preposições a partir de resíduos lingüísticos reconhecidos em *seu trajeto de estabelecimento através de gramaticalização* (Abraham, 2004; Aikehenvald, 2003;

³¹ Sobre o tema, ver R. Botha (2006).

³² Esta comunicação ocorreu em visita que a pesquisadora fez ao grupo inCognito em 21/06/2005.

Harrison e Ashby, 2003; Hopper e Traugott, 1993; Papahagi, 2002; Pottier, 1997; Marchello-Nizia, 2002; Rubin, 2004; dentre outros). As duas análises traçam percurso semelhante para o item lexical em estudo que parte de uma entidade de estatuto físico e atinge estatuto de valor abstrato. Considerando essas prerrogativas, a *de* podem ser associados os seguintes postulados:

- (i) *de* é interpretada como um item lexical cuja função lingüística primeira é espacial. As outras interpretações possíveis são derivadas dessa primeira, através de procedimentos cognitivos: processos metafóricos, metonímicos ou relacionais;
- (ii) *de* é interpretada direta ou indiretamente como ‘indicação de fonte’ dado que sua origem etimológica é reconhecida no item lexical indo-europeu **do*, que significa ‘fonte’.

A meu ver, esses dois movimentos descritivos são movimentos complementares. O primeiro sugere que a preposição *de* deve ser interpretada de acordo com habilidades cognitivas espaciais que indicam ‘fonte’; e o segundo relata que a preposição tem valor de ‘fonte’ porque ecoa a carga semântica da palavra progenitora indo-européia, **dō*, cujo significado era “dar, oferecer” (cf. Romanelli, 1964; Benveniste, 1973; Calvet, 1987; Edward, 2000). Com isso, focarei minha pesquisa na eleição da primariedade espacial como argumento diacrônico central.

Inicialmente, as preposições não eram palavras pré-posicionadas; eram ‘elementos monossilábicos’ prefixais que indicavam ‘movimento’. No uso vernacular do latim, expande-se progressivamente o uso das preposições a partir de sua autonomização

como ‘unidades lexicais funcionais’ (Papahagi, 2002), que, em grande parte, substituem a marcação de casos. Para Cristina Papahagi (2002:228), as formas nominais latinas *foris* e *deforis*, por exemplo, assumem valor funcional e com funções semânticas distintas: à primeira, é reconhecido valor estático; e, à segunda, valor dinâmico a partir do momento em que *de* passa a ocorrer junto à primeira. Ou seja, *de*, indica o ponto de partida de um movimento. Assim, formas como ‘de derrière la maison’ (de detrás da casa) e ‘de parmis la foule’ (do meio da multidão) são exemplos do valor dinâmico da preposição.

A permutação das marcações por perífrases não ocorre de forma casada, ou seja, não tinha uma preposição para cada declinação³³. Ocorre diminuição do valor semântico específico das preposições. Mesmo assim, as preposições mantêm seu funcionamento relacional e espacial. Essa idéia já é presente na literatura lingüística há tempos. No trabalho de Arsène Darmesteter de 1886, por exemplo, compara-se a evolução das preposições *à*, do francês, e *to*, do inglês:

Consideremos o desenvolvimento paralelo do significado das duas preposições derivadas de *ad*, em francês *à*, e em inglês *to*. /.../ A idéia de direção de um ponto a um outro, no espaço, no tempo e em sentidos figurados, mantém-se perceptível e visível /.../ No francês, ao contrário, se é verdade que o significado primitivo de *ad* é encontrado em *aller à Paris* (to go to Paris), ele não mais o é em *être à Paris* (to be in Paris); em *travailler à la lumière d’une lampe* (to work by the light of a lamp); *courir à toute force* (to run at full speed); *travailler à la machine* (with the machine); *se battre à l’épée* (with swords), etc. (Darmesteter, 1925[1886]:104) [#15]

³³ Como indicação da complexidade desse processo de transformação e respectiva documentação, cito: “De qualquer maneira, é preciso reconhecer que a evolução em direção às línguas românicas teve início muitos séculos antes do aparecimento dos primeiros textos escritos.” (L. Sletsjõe, 1959 :40) [#16] e ainda “...apesar de os gramáticos poderem sempre fazer constatações e construir hipóteses mais ou menos sólidas e engenhosas, dado que, com o passar do tempo a linguagem passa por importantes e numerosas modificações sem que haja provas documentais, toda afirmação torna-se temerária” (P. Clarin: 1880:11) [#17]. Sobre o tema, ver ainda Arnauld e Lancelot (1992[1676]).

Através de mecanismos metafóricos ou metonímicos, as preposições, semi-gramaticalizadas ou gramaticalizadas, exercem funções sintático-semânticas mais nítidas ou mais indiretas, dependendo do caso; a comparação proposta por Darmesteter ajuda a enxergar tal situação³⁴.

1.7. Os Objetivos da Tese

Como se nota, as discussões sobre a preposição *de* envolve questões de ordem teórica, de ordem conceitual e de ordem empírica. Esta tese tem, portanto, os seguintes objetivos:

- (i) Apresentar a GC como projeto teórico divergente de modelos anteriores. Para a GC, consideram-se processos sensoriais, sociais e históricos nas configurações do uso lingüístico. O estudo da preposição *de* aponta para esse caminho;
- (ii) Apresentar um modelo de análise que considera a preposição *de* oriunda de gramaticalização, tendo com ponto de partida um valor sêmico espacial;
- (iii) Propor um modelo explanatório relacional para (ii)
- (iv) Fazer um levantamento de dados para confirmar (ii) e (iii); e;
- (v) Organizar apontamentos epistemológicos decorrentes das reflexões prévias, ou concomitantes, ao progresso da pesquisa sobre preposições.
- (vi) Apontar peculiaridades do uso das preposições no PB como indicações de pesquisas futuras.

³⁴ R. Romanelli (1964) aponta para caminho evolutivo similar na história da língua portuguesa.

1.8. A Organização do Texto

O texto terá a seguinte organização. Iniciam-se as discussões pela apresentação das bases teóricas da GC. Em seguida, discorre-se sobre seus artefatos para a análise das preposições. Nessa parte, atendo-me aos pontos teóricos pertinentes, notadamente as propostas de Ronald Langacker (1977, 1986, 1991, 1992, 2000a,b), de Tyler e Evans (2001, 2003, inédito) sobre as relações entre trajetora (trajector) e marco (landmark) e Leonard Talmy (2001,2003). Nos capítulos seguintes, apresento o conceito de gramaticalização. Como texto-base, optei pela obra de Hopper e Traugott (2000[1993]) que oferece vasta revisão e exemplificação. Outro ponto teórico essencial é a interpretação da origem cognitiva espacial das preposições. Para esse ponto, sirvo-me de argumentos de ordem biolingüística que advogam do valor espacial nas preposições por motivos cognitivos que têm possível origem na evolução das línguas.

Apresentadas as bases teóricas da pesquisa, passo à parte da pesquisa empírica: metodologia, coleta de dados, análise do *corpus*. Dois tipos de procedimentos analíticos serão levados adiante: o primeiro é a montagem de esquemas de explicação; o segundo é a verificação da pertinência empírica da hipótese nos dados coletados. Resulta dessa pesquisa a classificação das ocorrências da preposição *de* em grupos sintagmáticos e semânticos. Os exemplos coletados são distribuídos nessas categorias. Após a análise dos dados, proponho uma conclusão para a tese que confirma a hipótese apresentada. Finalmente, exponho apontamentos para pesquisas futuras que dão pistas de uma possível analogia com outros países (Paraguai, Cabo Verde e Quênia) que, como o Brasil, praticam formas preposicionais de forma distinta daquela praticada pelos países colonizadores

2. A Gramática Cognitiva e seu Percurso Histórico

A gramática cognitiva surge como um movimento teórico e empírico de refutação a certos preceitos da corrente gerativista. É por esse motivo que a exposição de seus postulados costumeiramente se dá de forma contrastiva com os postulados dessa escola.

2.1. O Modelo Gerativista

O gerativismo é um modelo descritivo lógico-modular aplicado a listagens de dados introspectivos. Influenciado pelo programa formalista e composicionalista de Hilbert³⁵, Noam Chomsky baseia-se na possibilidade de ser encontrado um conjunto limitado de princípios genéricos capazes de gerar infinitas sentenças (*cf.* Botha, 1989, 1999; Andler, 2000; Kato, 2002; Tomalin, 2000, Werry, 2005). O ser humano nasce dotado de um dispositivo biológico que o habilita a produzir um volume potencial de frases infinito a partir de uma experiência restrita com estímulos comunicativos externos.

Essa idéia, nomeada como ‘argumento da pobreza de estímulo’, é central para a teoria. Só é possível ao ser humano gerar um sem-fim de sentenças a partir do contato com poucos estímulos se esse vier a nascer com faculdades mentais aptas para tal realização, “do contrário a criança levaria a vida inteira aprendendo a sua língua.” (Kato, 2002:317)³⁶ Com isso, justificam-se o mentalismo, o inatismo e, por conseguinte, a autonomia da linguagem. Chomsky opta por mecanismos explanatórios formais, dado que esses permitem, sustenta ele, expressar a organização operacional biológica da mente

³⁵ “O ponto marcante da filosofia do programa formalista de Hilberth foi definir a matemática como uma manipulação de símbolos de acordo com regras específicas. Resulta desse postulado um castelo de cartas sem significado especial algum /.../ A conexão entre o mundo da Natureza e a estrutura da matemática é totalmente irrelevante para os formalistas /.../ A atenção era dirigida para a relação entre os conceitos e não para os conceitos eles mesmos”. (Barrow, 1999:546) [# 18]

³⁶ Para um discussão sobre o tema, ver P.Perini-Santos (2005)

supostamente estável, universal e composicional³⁷. A partir dessa base epistêmica, o gerativismo inquire sobre relação entre o corpo e a mente³⁸.

À composicionalidade gerativista, inicialmente de escopo sentencial, e por extensão, lexical e semântica, associa-se à existência de categorias e de estruturas fixas cerebrais; nos termos de um gerativista que se dedica à morfologia,

... pensamos as gramáticas como mecanismos que juntam as peças de acordo com regras precisas; “gerando” assim sentenças bem formadas. Se as regras da gramática forem aplicadas ao próprio enunciado [output] (em termos técnicos, se algumas regras forem “recursivas”), será possível, portanto, que gramáticas finitas gerem linguagens infinitas. (Wasow, 2001:296) [# 19]

A sintaxe é o conjunto de regras que organiza a sentença; o léxico são as peças que a compõem. Em uma teoria mentalista e composicionalista, a proposição da existência de regras sintáticas universais acarreta necessariamente estruturas lexicais

³⁷ M. Mameli e P. Bateson (2006) oferecem ótima revisão conceitual sobre o assunto. O artigo não foi considerado para a execução desta pesquisa, mas me parece ter grande valia junto às discussões sobre a delimitação do que é e do que não é inato. Essa distinção é fulcral para as análises propostas pela GC. Sobre o tema, ver também J. Kim (1998). Para uma comparação com uma outra área do conhecimento, ver A. Silverstein (2000), cujo artigo discorre sobre as mudanças conceituais da imuno do século XIX.

³⁸ Tanto o gerativismo quanto o modelo langackeriano, mesmo que tenham premissas distintas, são modelos cognitivos porque estudam a ocorrência e o processamento mental da linguagem. A diferença central entre os dois modelos está no conceito e na operação da modularidade. Segundo J.L. Garfield *et al* (2001), para o gerativismo, notadamente para Fodor, “a especificação inata é traço central da modularidade”, ao passo que para a GC, a organização da linguagem não é inatamente especificada; o fato de o ser humano ser uma espécie “social, comunicativa e que convive com um ambiente maleável e desafiador” faz com o que “amadureça a capacidade de adquirir e desenvolver novos módulos ou modifique substancialmente módulos inatamente especificados” (p.502-3); e mais adiante “o modelo de desenvolvimento será social e ecológico, em detrimento de um modelo individual” (p. 505). Sobre o tema, Garfield *et al.* fazem a seguinte ressalva: “há espaço para uma posição moderada” (pp.504-5). [#20] A Linguística Cognitiva aceita operacionalidades mentais, mas refuta o inatismo radical e rígido. Sobre o tema ver J. Fodor, (1983); F. Varela *et al.* (1991); A.T. Azevedo (2006); M. Mameli e P. Bateson (2006).

discretas. O léxico não é mais do que uma lista de palavras que carregamos na memória mental organizado de acordo com habilidades inatas³⁹.

Reconhecíveis como unidades de uma equação sentencial gerativa, as palavras devem ser interpretadas a partir de sua decomposição analítica em traços semânticos universais. Como a gramática gerativista é recursiva, consideram-se as palavras como composições de traços e as sentenças como composições de palavras. Produzir linguagem é aglutinar moléculas mórfica e semanticamente compatíveis. Daí resulta a opção homonímica para o trato lexical. A constituição da linguagem está livre de constrangimentos de ordem contextual e histórica.

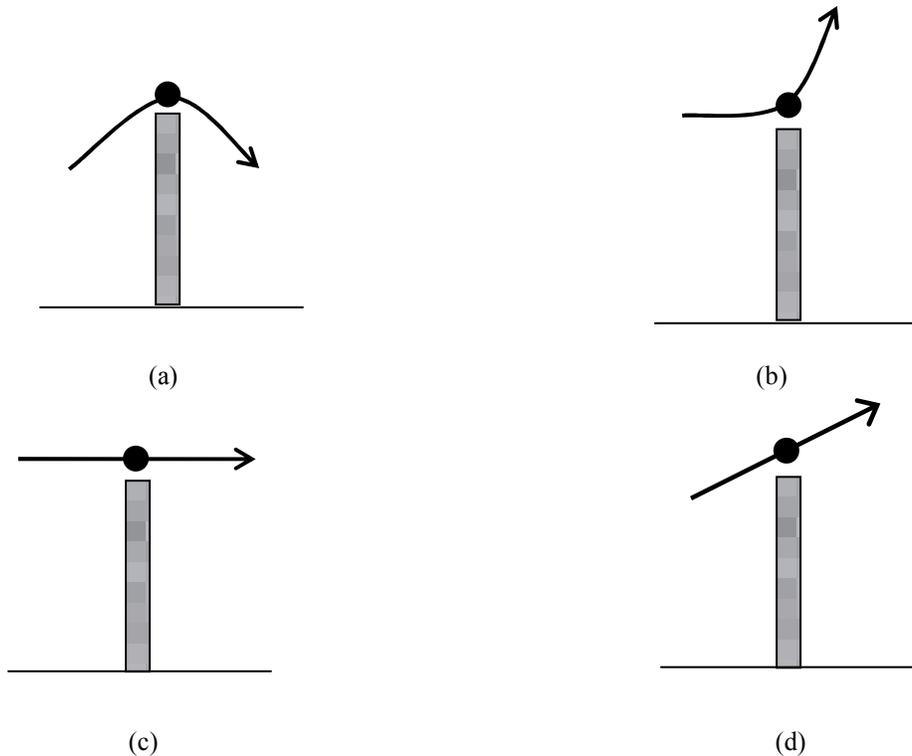
A lingüística formalista seguia orientação fortemente sincrônica, tanto em suas abordagens quanto em seus pressupostos, o que significa relegar os fatores históricos a segundo plano ou até mesmo excluí-los. (Cunha et al, 1999:00)

A opção gerativista considera epifenomênicas as ocorrências de significados diferentes associadas a uma única forma física. Mais vale a afirmação do valor isomórfico da linguagem que a avaliação do significado das palavras. A opção homonímica do gerativismo é incongruente com as opções epistemológicas da GC, que opta pela interpretação das preposições como polissêmicas.

Para os cognitivistas Tyler e Evans (2003), a polissemia não é a efetivação de um valor de significado oriundo de uma de matriz semântica. Em uma simples sentença em que ocorre um sintagma preposicional (SP), por exemplo, nota-se que o valor semântico

³⁹ Importante discussão sobre o tema foi apresentada por J. Macnamara.(*cf.* R. Jackendoff *et al.* 1999). A meu ver, o autor apresenta uma importante argumentação sobre o reconhecimento de referência, e posterior qualificação por crianças que pode ser satisfatoriamente associada a mecanismos cognitivos. Sobre o tema, ver também K. Fraurud (1996). A autora lista dados que contribuem para o reconhecimento da referência como exercício cognitivo e não léxico-categorial.

reconhecido em sua análise é diferente da soma dos traços semânticos dos termos que a compõem. Consideremos (23) *O gato passou pelo muro*. *Passar* e *pelo* são expressões polissêmicas, “ambíguas”, nas palavras de Tyler e Evans, que podem ocorrer em diversas situações; que podem perfilar diferentes modelos de trajetetos, mas, que juntas, são interpretadas como ilustra a figura (a). Ou seja, apesar da subdeterminação dos termos, reconhece-se que o deslocamento do “gato”, representado pela esfera preta, dá-se de forma contínua e arqueada, como as setas apontam; e não seguindo as trajetórias esquematizadas nas ilustrações (b-d):



Estamos diante da seguinte contradição. A sentença (23) *O gato passou pelo muro* contém itens lexicais aparentemente ambíguos que, juntos, são interpretados sem ambigüidade. (Tyler e Evans, 2003:10) [#21]

Para compreender o fato de a associação de termos ambíguos gerarem uma sentença relativamente subdeterminadas, os autores expõem os seguintes argumentos. Apesar de os itens lexicais não oferecem dentro e vêm informações suficientes para o reconhecimento do trajeto de deslocamento de um “gato”, sabemos, a partir de nossa percepção sensório-espacial sobre “muros” e “gatos”, e sua ativação em ‘rede integrada conceitual’ (‘conceptual integration networks’) que o perfil de deslocamento ilustrado pelo esquema é aceitável para ‘gatos passando por muros’⁴⁰. Se fosse mantida como válida uma leitura matricial, seria necessário imputar à expressão *gato*, ou a outro elemento da sentença, informações com um grau de sofisticação da seguinte ordem: gato = ‘animal que desenvolve um trajeto arqueado com inclinação x graus quando passa por muros de n metros’. Se operadas em redes de integração conceitual, as informações lexicais, sensoriais e contextuais “permitem o reconhecimento de objetos complexos a partir da percepção de parte dos traços [da entidade]” (Grady, 2000:340) [22]. O mesmo raciocínio vale para eventos como o exemplificado acima.

2.2. A Gramática Cognitiva como Divergência

O mais antigo artigo que aponta para a posteriormente nomeada Gramática Cognitiva geralmente aceito é um texto de George Lakoff (1972)⁴¹. Lakoff questiona

⁴⁰ Sobre o tema ver, J. Grady (2000); G. Fauconnier e M. Turner (1998); e Noë (2001). Especialmente o último, que discorre sobre limites e relações entre a experiência sensorial e a atividade mental.

⁴¹ Em seu curso sobre História da Linguística Moderna (UCD, 2004), Maria M. Manoliu cita *Le problème de l'article et sa solution dans la langue française*. (G. Guillaume, Paris, 1919) e *Petite introduction à la psychomécanique du langage*. (R. Valin, Québec, 1954) como obras precursoras da GC. Sobre a história dessa corrente de pesquisa, ver R. Langacker (1991); F. Varela *et al.* (1991), M. Salomão (1990); H. Gardner, (1996); C. Magro (1998); C. Sinha e K. Lopez (2001); M. Tomalin (2003); A. Kravchenko (2006). Sobre os precursores do cognitivismo, ver R. Rozestraten (2004).

como usar os mecanismos explicativos da lógica formal em situações em que ocorre vagueza (fuzziness) dos termos da sentença:

Os logicistas estão amplamente envolvidos com a confortável ficção de serem as sentenças da linguagem natural (pelo menos, as sentenças declarativas) verdadeiras ou falsas. Na pior das situações de interpretação, serem desprovidas de valor de verdade ou ‘nonsense’ /.../ Nitidamente, qualquer tentativa de limitar as condições de verdade das sentenças distorce os conceitos das línguas naturais, atribuindo-lhes fronteiras claramente definidas, no lugar de delimitações imprecisas. (Lakoff, 1972: 183) [#23]

Como os conceitos são fluidos e as fronteiras dos conceitos são indefinidas, não é possível executar o cálculo binário de seu valor de verdade. Considerando um exemplo como (24) *João é alto*, a sentença será verdadeira se houver um indivíduo a quem se atribua a predicação “ser alto”. No entanto, para Lakoff, não é possível traçar um valor referente para a definição da qualidade “ser alto”. Em uma equipe profissional de basquete, a medida 1,90m não é suficiente para qualificar alguém como alto. Em uma equipe de basquete infantil, 1,90m garante a qualificação “ser alto” ao indivíduo. Isso quer dizer que a atribuição de qualidade não ocorre fora de um ambiente de avaliação, no qual os valores partilhados pelos falantes são considerados. “Ser alto” ou “não ser alto” é a avaliação que fazem aqueles que a essa pessoa se referem em um determinado contexto. Essa avaliação é influenciada por contextos vividos pelos membros da comunidade em questão.

No início de seu artigo, Lakoff faz referência ao trabalho de Eleanor Rosch que, ambientada em um departamento de psicologia, “trabalha com essas questões” (Lakoff, 1972:183). O fato de essa discussão ter sido proposta inicialmente no departamento de

psicologia permite pensar que a psicologia e a linguagem não buscam estabelecer conjuntos de traços semânticos, fonológicos e sintáticos autônomos, mas investigar “de que forma as pessoas percebem se o pertencimento às categorias é nítido, ou se há variações nos graus de pertencimento.” (Lakoff, 1972:183) [#24]. No lugar de uma lingüística que se modela pelo preenchimento de uma estrutura universal com partículas, passa-se a se perguntar como as pessoas, a partir de seus mecanismos de percepção, constroem a linguagem que aceita variações e interpretações de acordo com protótipos, esses também histórica e culturalmente estabelecidos⁴². Para Geeraerts Dirk (1997), com esse movimento, retomam-se questões anteriores ao advento estruturalista.

2.3. Linguagem como Organismo

A lingüística cognitiva concebe a linguagem como um organismo relacionado com a história e com o ambiente. Com isso, é possível pensar que os processos de produção e amadurecimento da linguagem levam em consideração as relações entre os falantes, e entre os falantes e o ambiente. Assim, o surgimento de novas formas de ocorrência e sua efetivação como itens lingüísticos sociais se explicam por processos replicatórios⁴³.

Replica-se determinado comportamento, se esse for mais eficaz no ambiente e nas relações das quais participa. Aplicado ao campo dos estudos sobre a linguagem, esse conceito permite pensar que não é ‘o Brasil que fala português’, mas é que cada um de

⁴² Ao propor que o estabelecimento de protótipos acontece histórica e culturalmente, deve-se pensar em aspectos que podem atuar concomitantemente, mas são distintos. A evolução biológica é histórica, mas não cultural.

⁴³ Replicação é um conceito advindo das ciências biológicas. Proposto pelo biólogo Richard Dawkins em *The Selfish Gene* (1976), esse conceito pode ser definido da seguinte forma: ‘replica-se ou reincide-se em determinado comportamento com maior frequência, se esse for mais eficaz no ambiente e nas relações das quais participa’.

seus habitantes que fala português. A prática é a responsável pelo estabelecimento das regras de produção, de uso e de correção de uma dada língua. Sucede que a replicação lingüística é filtrada pelo uso e pela pertinência reconhecida pelos falantes. Analogamente, os processos de produção lexical são também filtrados pela frequência, localização e especialização de uso.

Bom argumento para a compreensão das mudanças por replicação é a alta frequência de repetição de palavras. Em artigo sobre o uso lexical, Dee Gardner (2004) cita frequências de uso lexical que foram observadas por P. Nation em pesquisas realizadas em 1990(a) e em 2001(b) que chegaram a resultados parcialmente distintos, porém não conflitivos:

Tipo de palavra	quantidade de itens	Usados em % do tempo (a)	(b)
Palavras de alta frequência de uso	2000	87	78
Palavras de uso universitário	800	8	8
Palavras técnicas	2000	3	3
Palavras de baixa frequência de uso	123200	2	11
TOTAL	128000	100	100

Tabela 3: frequência de uso lexical, a partir de P. Nation, 1990, 2001(*apud* Gardner, 2004)

Segundo os dados da tabela, o grau de repetição com o qual usamos as mesmas 2000 palavras básicas é nitidamente alto. Alain Lieury (s/d:134) cita pesquisa realizada com falantes franceses: de um total de 300.000 ocorrências lexicais observadas, ocorrem 8000 palavras diferentes com graus de repetição distintos; por exemplo: *enfant* (criança) aparece 305 vezes; *papier* (papel), 65. Dentre as mais repetidas se encontram os verbos “être” (ser/estar) e *avoir* (ter), com 14.083 para o primeiro, e 11.552 para o segundo. A preposição *à* tem 5.236 casos computados; não há dados para a preposição *de*.

A replicação lingüística observada em nosso cotidiano pode ser igualmente ilustrada pela produção mórfica de nomes populares dos estádios de futebol como Mineirão (Belo Horizonte), Ipatingão (Ipatinga), Castelão (São Luís), Castelão (Fortaleza), Albertão (Teresina), Teixerão (São José do Rio Preto) e Mangueirão (Belém). Por efeito replicatório, o sufixo [-ãõ] tornou-se morfema que exerce o papel específico de nomeação informal dos estádios de futebol.

2.4. O que é Gramática Cognitiva

Ron Langacker (1991) situa sua forma de estudo diferenciando-a da proposta gerativista: “a gramática cognitiva distingue-se bastante de qualquer versão da teoria gerativa” (1991:01)[#25].

O gerativismo admite como postulado a universalidade da gramática. O reconhecimento da configuração histórica e social das sentenças não está no escopo da análise lingüística, mas apenas sua interpretação através dos mecanismos de hierarquização dos componentes profundos que as compõem. A estrutura profunda básica é efetivada de maneiras distintas, mas reflete a construção básica locada em um ambiente de análise supra-lingüístico e supra-comunicacional que é a mente. A organização da mente é o ponto de partida para a produção e compreensão de todas as ocorrências lingüísticas. Isso significa que a efetivação de linguagem pode ser incompleta em sua forma física, mas é efetiva em sua representação mental, dado que as estruturas são implicitamente exercitadas pelos mecanismos mentais.

Langacker propõe modelo distinto. A sintaxe, vamos compreendê-la como a organização de uma sentença, não existe de forma autônoma. O ponto de partida para a análise sentencial não é a expectativa de haver ou não haver preenchimento ou não de

As linhas mais escuras do esquema indicam o grau de relevância produzido. Em (25), destaca-se o percurso do “walrus” (W); e em (26), salienta-se a posse por parte de “Joyce” (J) da entidade em questão. Para deixar mais nítido o que venha a ser uma diferença de saliência, nota-se que (27) soaria estranho:

(25) Brian sent a walrus to Antarctica.
 Ubiratã enviar:3SG.PRET PERF. um leão-marinho PREP.DAT Antártica.
Ubiratã enviou um leão marinho para a Antártica.

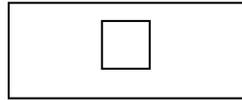
(27) ?? Brian sent Antarctica a walrus.
 Ubiratã enviar:3SG.PRET PERF (3SG.DAT) um leão-marinho.
Ubiratã enviou (para a Antártica) um leão marinho.

(Lee, 2001:75)

A presença da preposição *to* em (25) não é apenas uma variação na realização de uma sentença em relação ao exemplo seguinte. A preposição destaca o trajeto percorrido, deixando em segundo plano o ponto de chegada da entidade enviada. Parece-me interessante o argumento, porque aponta para a relação entre a GC e os postulados da psicologia da Gestalt que enfatizam os processamentos contrastivos entre *figura* e *fundo*.⁴⁵ Para Talmy, “*figura* é um objeto que move, ou que conceitualmente pode mover /.../ e *fundo* é o objeto referência” (1983:232, *apud* Brala, s/d:04) [#26]. A relação entre esse dois elementos está presente na interpretação das relações espaciais providas por cenários imagéticos e ou textuais.

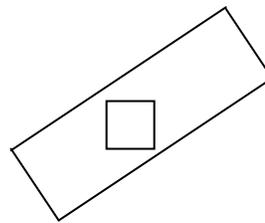
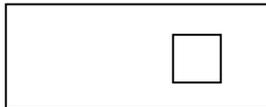
⁴⁵ Para os conceitos centrais da psicologia da Gestalt e sua relação conceitual com a gramática cognitiva, ver de A. T. Azevedo (2006).

Para Adriana Tenuta Azevedo (2006:59),



Nesse desenho, podemos ver tanto um quadrado sobre um retângulo, como um retângulo com um buraco quadrado. E uma interpretação exclui a outra num mesmo instante. No primeiro caso, sabemos que o retângulo permanece por sob o quadrado, ou seja, o fundo continua por sob a figura. (Azevedo, 2006:59)

O contraste entre as duas figuras aparece a seguir:



“A figura depende do fundo para sua caracterização. Se o fundo é alterado, nossa percepção da figura também se altera” (Azevedo, 2006:59). Os processamentos de reconhecimento e processamento imagéticos partem de processos relacionais. Só há fundo se houver figura, e vice-versa. A escolha de determinado componente como *fundo* implica na interpretação do outro elemento da relação como *figura*. A escolha do percurso como ponto proeminente gera a localização do destinatário como elemento secundário. Outro bom exemplo para perceber as diferenças entre perfis sentenciais aparece em Tyler e Evans (2003:53): (28) *O gato está cercado pela corda* e (29) *A corda cercou o gato*; esquematicamente aparecem como:

(28)



(29)



Na sentença (28), “gato” é a entidade de relevo; (29) salienta o papel que exerce a “corda”. No primeiro exemplo, a presença da preposição *pela* faz com que haja uma relação de destaque diferente do exemplo no qual *corda* exerce função de sujeito. Os modelos de interpretação da GC indicam que é o destaque desejado que leva à escolha de uma das duas formas possíveis e convecionalizadas na língua em uso⁴⁶. Mesmo que com alguma ressalva, sustenta-se a presença de um ‘processo de convenção’ para que o uso preposicional e a disposição do dativo anterior ao verbo tenham valor simbólico próprio. A convenção simbólica deve ser compreendida diferentemente da convenção arbitrária. Nesse sentido, Langacker assume, de alguma forma, que as construções de significado são historicamente estabelecidas. A convenção cognitiva é resultado de práticas replicatóricas amadurecidas no decorrer da história da linguagem e das comunidades de uso. Tais apontamentos indicam as diferenças de interpretação entre as linhas de análise gerativista e linha de pesquisa cognitiva contemporânea

⁴⁶ Sobre o tema “convenção”, ver D. Lewis (2002) e D. Laurier (1993). Laurier discorre sobre a proposta de Lewis de 1969. Ainda: J. Almog (1984) faz comentários sobre o estabelecimento dos significados a partir de Kripke que, segundo o autor, “expõe /.../ a base para uma teoria sócio-histórica geral do significado lingüístico. Enquanto um construto teórico sócio-histórico /.../ supõe-se que, na teoria da referência, seja preservada a *referência* através de uma cadeia histórica; supõe-se que, em uma teoria lingüística sócio-histórica, o *significado lingüístico* seja preservado através de uma *cadeia histórica*”. (p. 482). [#27] (cf. 2.3 desta Tese)

2.5. Sobre a Gramática de Construções

A Gramática de Construções (GCr) é ‘escola prima’ da Gramática Cognitiva (GC). Para Langacker (2005), tudo se passa como se sua proposta de pesquisa já fosse de alguma forma uma forma de GrC *avant-la-lettre*. Ou seja, procedimentos conceituais e de pesquisa por ele propostos se enquadram, hoje, dada a nomeação, como processos de GCr. Resulta que, entre modelos primos, ocorre uma relação colaborativa e especializada. O modelo de construções explica com maior eficácia as construções sentenciais e lexicais em que a motivação semântica sincrônica é pouco clara.

A GCr esposa explicitamente o postulado de haver no estabelecimento consensual das ‘construções’, e seu possível efeito analógico, uma relação com a história de uma dada língua. Se a GC enfatiza a corporificação como mecanismo semântico de justificação, a GCr assume que é a corporificação, ou convencionalização, se quisermos, que permite a compreensão de novos usos, novas formas e tipos lingüísticos⁴⁷.

⁴⁷ A apresentação das bases teóricas da GCr será feita mais adiante, no capítulo 6, em função da pertinência do tema para o tratamento dos dados feito naquele capítulo.

3. A Gramática Cognitiva Aplicada à Análise das Preposições

3.1. Princípios da Gramática Cognitiva

Para a GC, assim como as experiências, as habilidades humanas oferecem substrato para o amadurecimento da linguagem, “a estrutura da linguagem oferece importantes indicações sobre o fenômeno mental” (Langacker, 2000a:171) [#28]. A interação entre as duas faces desse conceito é reconhecida a partir da análise das relações sensoriais, corpóreas e espaciais⁴⁸. Alexander Kravchenko (2006) discute os alicerces epistêmicos da teoria cognitiva moderna:

O principal postulado da segunda geração das ciências cognitivas é que a cognição deve ser caracterizada pela corporificação (Johnson, 1987; Varela et al.; 1991), ou seja, há uma forte relação entre os conceitos e a lógica do corpo que deve ser tomado como ‘uma estrutura conceitual originária de nossa experiência sensório-motora e de nossas estruturas neuronais que permitem isso’. (Lakoff e Johnson, 1999:77 *apud* Kravchenko, 2006:56) [#29]

À compreensão do postulado da corporificação, é fundamental a noção de PONTOS DE REFERÊNCIA (referece points). Com esse intuito, Langacker (2000a) apresenta as diferentes formas de conceber os pontos básicos de referência. Não é possível pensar em ‘junta-do-dedo’ (ou ‘junção interfalangiana’) sem o conceito de ‘dedo’ como entidade holística. Se se dispuser do conceito ‘dedo’, a noção de ‘junta-do-dedo’ passa a ser facilmente repertoriada. Pela mesma análise, seguindo a relação base/parte, ‘dedo’ é uma noção dependente de ‘mão’, que é dependente de ‘braço’, que, finalmente, depende de ‘corpo’. A seqüência de conceitos *junta > dedo > mão > braço > corpo* obedece a uma

⁴⁸ Para elucidar o que vêm a ser relações sensoriais, vale destacar que a GC não atribui à linguagem (verbal) um espaço sumamente central ao comportamento humano. Sua evolução e sua prática envolvem uma matriz de aspectos bastante complexa e diversa. As restrições epistêmicas que se impõem à sua análise têm a ver com o escopo da lingüística, ela própria.

ordenação sistêmica de pertencimento base/parte, sendo que o último dessa escala constitui o domínio básico. As propriedades do domínio ‘corpo’ são de duas ordens. Ora é um organismo que possui partes relativas e relacionadas; ora é um organismo que se relaciona com o espaço a sua volta. Mesmo que, de alguma forma, a “mão” faça parte do “corpo”, não se diz algo como ‘a mão caiu do prédio’, mas ‘o corpo caiu do prédio’. É possível assim compreender o porquê da atribuição de valor de cunho inatista⁴⁹ feita por Langacker à organização lingüístico-perceptual (2000a:172; 1987:147).

Por sua vez, os conceitos arquetípicos, mecanismos abstratos de operação lingüística, mantêm relação com as experiências do dia-a-dia. Apesar de serem abstratos, possuem traços cognitivamente basilares:

O aporte lingüístico desses pares pertence a categorias lingüísticas universais como substantivo, verbo, sujeito e objeto. Por que têm essas categorias estatuto privilegiado? Sugiro que essas categorias sejam básicas e universais justamente porque representam a organização das habilidades cognitivas essenciais e os arquetipos conceptuais (2000a:173) [#30]

Tem-se com isso um possível modelo genérico para a compreensão do funcionamento preposicional. Preposições são formas lingüísticas que expressam a relação de percepção espacial, cuja organização possui relação orgânica com o ambiente.

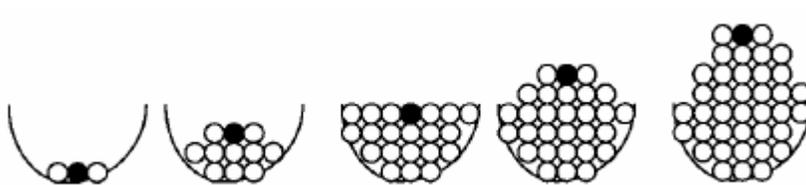
Testagens sobre uso e compreensão das preposições *in* e *on* em inglês, desenvolvidas por Garrod, Ferrier e Campbell (1999), comprovam essa interpretação. Os

⁴⁹ Langacker não se dedica à discussão sobre o conceito inatista. Parece-me que, em Langacker, ‘inato’ deve ser conceituado como o aparato biológico orgânico e sensorial. Esta visão, distinta do quadro gerativista que lega valor inatista à produção e à recepção da linguagem ela própria, pode ser questionada, assim como em J Taylor (1995), porque na busca pela comprovação desse aparato sensorial a partir de estudo lingüístico comparativo, esboça-se, no limite, uma argumentação fechada. Sobre o tema, ver D. Gil (2001).

experimentos realizados, que levaram em conta o grau de clareza espacial do uso preposicional; “demonstram que a informação sobre a relação de localização entre o referente e o relatado pode afetar a confiabilidade de quem observa o experimento na escolha das preposições” (1999:185) [#31]. As variações no uso da preposição inglesa *in* nos modelos ilustrativos montados pelos autores aparecem a seguir. O deslocamento da posição da esfera em relação à embocadura da vasilha faz com que haja maior aceitação do valor da preposição, partindo-se da esquerda para a direita:



O mesmo resultado foi obtido em situação experimental em que a esfera em destaque era sustentada pelas demais.



Há motivação espacial para o uso da preposição; há evidências da relação de internalidade que se estabelece entre esfera/ vasilhame e o uso preposicional: mesmo que haja contato com outros objetos, quanto mais clara for a internalidade, mais seguro será o

uso da preposição *in*. Este é caso de relação prototípica: quanto mais interno, o que é uma noção espacial, mais próximo do modelo relacional que justifica a semântica desta preposição inglesa.

Como metodologia semelhante à adotada neste primeiro experimento, Lynn Richards *et al.* (2004) mostram que além da geometria das formas participarem do reconhecimento da relação espacial entre a esfera e o vasilhame, nota-se que a função dos objetos desempenha papel importante⁵⁰.

O “controle extralingüístico” que exerce o container participa dessa elaboração. Tanto uma xícara, uma bacia ou uma piscina podem conter a esfera em seu interior. Esses receptáculos, porém, possuem diferentes níveis de controle. No deslocamento de uma xícara, a esfera tem seu deslocamento mais controlado do que ocorre em uma bacia. No caso da piscina, mesmo que se tenha a mesma relação de interioridade, o controle sobre a esfera é de difícil percepção, haja vista que esta não pode ser deslocada.

Segundo os pesquisadores, a influência da função do container no reconhecimento da relação de interioridade e efetivação da preposição *in* é proporcional à idade: quanto mais adulto, mais peso tem esse aspecto; dado que pode ser compreendido como indicação da primariedade da interpretação de espaço físico no uso de preposições.

3.2. Relação Marco/Trajeto e Preposições

Em geral, as línguas elencam “uma reduzida classe de elementos” reconhecidos como preposições ou como “adpostos” (Langacker, 1992:287). Na maior parte das vezes,

⁵⁰ Sobre o tema ver, Grabowisky,(1999) e Miller e Grabowisky (2000). Os autores descrevem como a forma e a posição dos objetos referenciais interferem na escolha da preposição. Em termos sumários o que dizem é o seguinte: no reconhecimento do esteja ‘à frente de um objeto’, leva-se em conta não apenas a posição deste em relação ao falante, mas também a morfologia do objeto tido como ponto de referência.

esses itens lexicais têm valor semântico de espaço, sendo que esse significado básico pode ser estendido, por metáfora, para outros usos.

As preposições podem exercer algumas funções gramaticais, nas quais sua vacância de significatividade (meaningfulness) e mesmo seu status de preposição sejam considerados duvidosos. (Langacker, 1992: 287). [#32].

Langacker discute os processos de constituição de conceitos a partir da idéia de proeminência. *Antes* e *depois*, por exemplo, são expressões de funcionamento preposicional reconhecível que podem, em usos paralelos, evocar o mesmo conteúdo conceitual: os exemplos (30) O Natal é antes do Ano Novo [O Natal precede o Ano Novo] e (31) O Ano Novo é depois do Natal [O Ano Novo segue o Natal] tem o mesmo significado. Percebe-se, porém, que muda a escolha do ponto ‘de partida’ e do ponto ‘de chegada’. O TRAJETOR (trajector) é a figura de primária (primary figure), a qual se configura como referência para o “contraste semântico” que permite a localização do segundo elemento que é o MARCO, (landmark). A escolha de um trajetor (Tr) estabelece um marco (Mc) como figura secundária. A explicação de valores relativos é propagada para outros grupos lexicais como adjetivos e advérbios (cf. Langacker, 1992: 293-4). A proeminência a ser destacada é definidora do percurso indicado pela preposição.

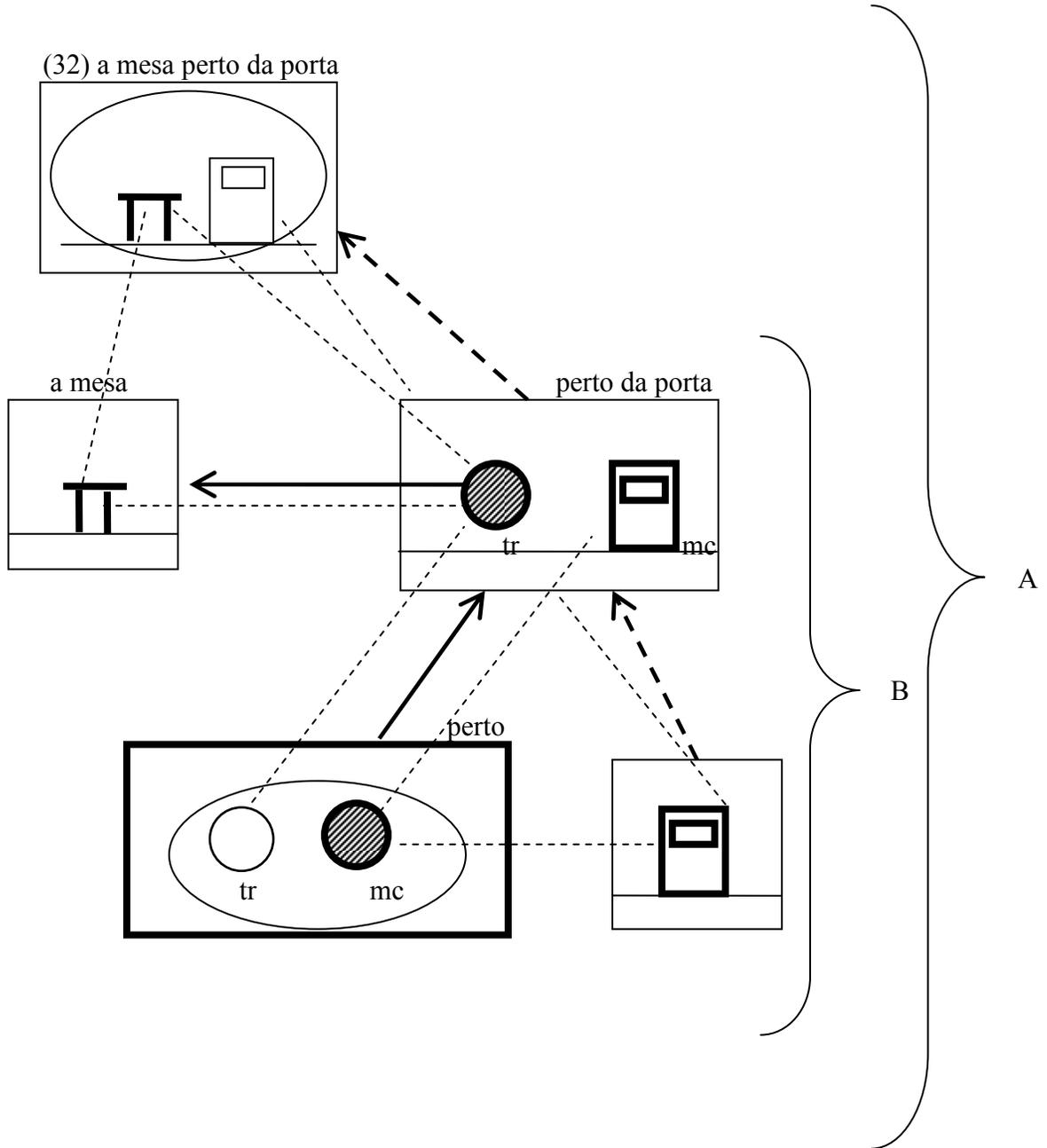
Os usos preposicionais são, por isso, dependentes da relação Tr/Mc; manifestam-se em formas dêiticas, anafóricas ou em expressões diretamente relacionais. Se alguém disser, *ladeira abaixo*, a compreensão de *abaixo* dependerá da presença e da localização do falante. A base pode ser reconhecida no próprio contexto dêitico como na situação ilustrada a seguir, sendo que a base é a “montanha”; e o vetor é o “esquiador” que vai na direção de um suposto vale:



Sai de baixo...
Lá vem gente!

Langacker (1992) propõe um exemplo lexical não-dêitico, independente de um contexto existencial. A relação entre *near* (perto) e *door* (porta), como aparece em (32) *the table near the door* (a mesa perto da porta), dá-se na associação entre elementos *near*, como trajetor, e *door*, como base.

A preposição *near* designa uma relação complexa de proximidade pela seguinte razão. Há dois níveis de relação: (i) um primeiro ponto estabelecido pela expressão *near* (perto [de]) que põe em relação o trajetor e o marco escolhido, *the door* (a porta); e há (ii) uma relação desta relação primeira com a expressão *the table* (a mesa) que aparece em um outro plano de análise. O modelo traça linhas diferentes para as diferentes relações de correspondência entre o modelo e a realização na expressão em análise: os traços mais fortes são indicação de proeminência dentro da relação, como aparece no esquema a seguir:

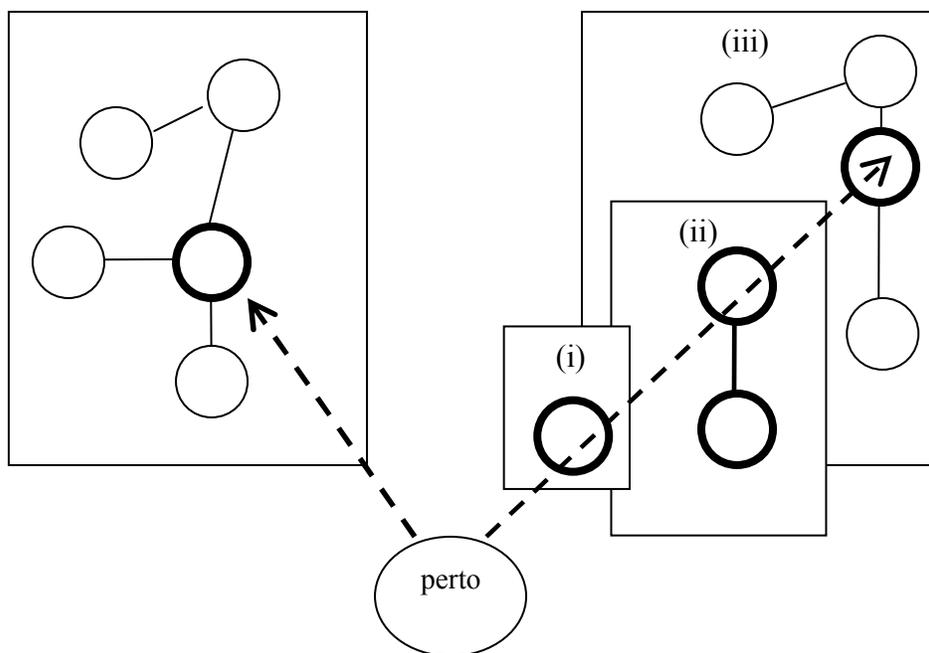


Em (32,) *porta* é o primeiro elemento a ser elaborado pelo segundo elemento do enunciado *perto*. ‘Elaborado’ quer dizer efetivado por um outro elemento do esquema designado pela preposição seguida de um substantivo, separados linear e fonologicamente, mas processados em esquema.

A relação entre os dois elementos pode ser descrita como ‘flecha e referência’ (Langacker, 1999); ‘ponto de partida e ponto de chegada’ (Pottier, 1997) ou com outro par de expressões que for adequado ao quadro de nomeações escolhido (*cf.* área ‘B’ do esquema)

Se colocarmos o terceiro elemento na ocorrência como em (32) *The table is near de door* (A mesa está perto da porta), teremos a seguinte interpretação: “o MARCO espacial neste caso é *mesa*, uma vez que *mesa perto da porta* traça uma relação tendo como referência a ‘*mesa*’ e não a relação de proximidade; *perto da porta* é seu modificador porque o seu TRAJETOR é elaborado por *mesa*.” (Langacker, 1992: 296) [#33]. A entrada deste outro elemento repertoria a relação de forma completa e em cadeia. (*cf.* área ‘A’ do esquema). Ocorre uma relação espacial entre uma referência e um outro elemento intermediada pela preposição.

O esquema que se segue ilustra como a interpretação de uma expressão que indica proximidade é complexa e associa diferentes níveis associativos (*cf.* área à direita no esquema, a seguir) e não apenas uma situação composicional (*cf.* área à esquerda no esquema, a seguir), em que há várias partes envolvidas, mas são poucos os níveis de processamento.



O exemplo (32) *A mesa perto da mesa* envolve uma relação complexa de associações espaciais e relacionais que pode ser descrita da seguinte forma textual: (i) *perto* significa pouca distância; (ii) *está-se perto*, se houver um ponto de referência; (iii) este ponto de *referência é um marco* e o que *está perto do marco é o trajetor*.⁵¹

⁵¹ Clareia essa distinção a apresentação de distinção semelhante em outra área do conhecimento. Na biologia, divergem dois modelos sobre o papel da organização das partes de um organismo: (i) um ‘reducionista’ e (ii) outro ‘holístico’. Para o primeiro, que se assemelha à idéia composicional, organização é um *assemblage*, ou seja, uma relação múltipla de influências que não tem hierarquização organizacional. Para o segundo modelo, que se assemelha à proposta da GC, e aos esquemas de Langacker, relações de hierarquia e integração devem sere considerados na análise do uso lingüístico. Sobre o tema ver, E. Crist e A. Tauber (1999)

4. Sobre a Gramaticalização

4.1. A Retomada do Tema e Conceito

GRAMATICALIZAÇÃO não é conceito novo e pode ser encontrado em textos gramaticais bastante anteriores aos que o restabeleceram como assunto pertinente para as discussões sobre linguagem “/.../ após um destruidor eclipse durante uma onda estruturalista pouco favorável à perspectiva diacrônica inerente à gramaticalização⁵², o tema volta a receber atenção nos anos 1970.” (Prévost, 2003:144) [#34]

Paul Hopper e Elizabeht Traugott (2002) assinalam que já se discutia o fenômeno da gramaticalização na obra de Humboldt (1767-1835). São igualmente encontradas menções ao tema em textos gramaticais antigos referentes à língua hindu⁵³.

Para a atual agenda acadêmica, atribui-se a Antoine Meillet (1912) e a Jerzy Kuryłowicz (1965) a formulação do conceito tal como é utilizado, sendo que, ao primeiro, tributam-se a nomeação e a especificação do fenômeno. Em Meillet, gramaticalização é descrita como:

... a transformação de uma palavra autônoma em um elemento gramatical. Esse processo, envolvendo a atribuição de caráter gramatical a uma palavra anteriormente independente é um dos dois meios pelos quais um novo construto gramatical é formado (Meillet, 1921:131, *In*: Campbell e Janda, 2001: 95). [#35]

⁵² Em L. Hjelmslev (1961): “A teoria lingüística /.../ deve buscar o que há de constante, e que não esteja ancorado em alguma ‘realidade’ externa à linguagem – uma constância que faça a linguagem (uma) linguagem, seja lá o que for, e que faça uma língua particular idêntica a ela mesma em todas as manifestações” (p. 08) [#36]; ainda, Hatifield (2002). Sobre o tema, G. Mounin (1984) diz “La ambición de Hjelmslev no es nada menos que la de fundar su teoría (palabra que define cuidadosamente) lingüística, a la manera e los lógicos que tanto admira /.../ sin equívoco de todos sus principios de partida y de todas sus definiciones básicas.” (p.138)

⁵³ L. Campbell & Richard Janda (2003), P.Hopper & E. Traugott (2002), F. Newmeyer (2001) e L. Campos (2004) apresentam ampla listagem de definições para o conceito. L. Vitral e J. Ramos (2006) oferecem análise sobre o tema de um ponto de vista formalista.

Em Kuryłowicz, gramaticalização é definida da seguinte forma:

Configura-se como gramaticalização a elevação de um morfema a um estatuto mais gramatical a partir de um item lexical menos gramatical... (1975[1965]: 52) [#37]

Hopper e Traugott (2002) discutem as definições que os precursores apresentam para o fenômeno. Gramaticalização é um processo de progressiva perda de autonomia da palavra e sua efetivação como partícula funcional. Em trajetória evolutiva de etapas contínuas, uma palavra passa de um estatuto lexical pleno para o estatuto lexical relacional. O que era um item autônomo passa a ser uma unidade lingüística que desempenha função dependente do apoio sintático e semântico do ambiente lingüístico no qual se ancora. Isso significa que as mudanças funcionais ocorrem concomitantemente às mudanças de ordem semântico-temática. As palavras em processo de gramaticalização progressivamente perdem sua forma esquemática e a substituísem por um modelo sintático-semântico relacional⁵⁴.

4.2. Exemplos de Gramaticalização

Os marcadores de advérbio e de substantivo da língua inglesa ‘-ly’ e ‘-hood’ são exemplos conhecidos de sufixos que se estabeleceram em tal função através de gramaticalização. ‘-ly’ tem origem na forma do inglês arcaico⁵⁵ ‘līc’, cujo significado era “aparência, corpo”; por sua vez, ‘-hood’ se origina de ‘hād’, palavra que denotava

⁵⁴ Há outras percepções sobre o tema. Para A.Castilho (1997) e, especialmente, para L.Vitral (1999), a gramaticalização gera troca de categoria sintática, ou seja, um item passa de uma para outra classe mentalmente existente. Com isso, passa a desempenhar função gramatical e não mais uma função lexical. Sobre o tema, ver também L. Vitral e J. Ramos (2006).

⁵⁵ Por inglês arcaico, compreende-se o período entre os anos 500 e 1100 da EC.

“estado, condição” (Rubin, 2004:03). Atualmente, essas duas expressões não são usadas de forma autônoma: ‘-ly’ e ‘-hood’ dependem de um contexto lexical que as receba para que possam ocorrer e serem reconhecidas como partículas mórficas sufixais de função semântica e sintática específica. Outros exemplos recorrentes na literatura especializada são o marcador de advérbio das línguas românicas ‘-mente’⁵⁶ e a partícula de negação francesa ‘pas’, cujo significado nominal inicial é “passo”⁵⁷.

A gramaticalização ocorre em etapas e os graus de gramaticalização podem ser observados. Os itens ‘-ly’, ‘-mente’ e ‘pas’ manifestem graus de gramaticalização diferentes. As três formas possuem comportamento completa ou parcialmente gramaticalizada: ‘pas’ é a menos gramaticalizada e pode ocorrer como núcleo de um SN, como em (33) *Je suis à un pas de la pharmacie* (Estou a um passo da farmácia), ou como marcador de negação: (34) *Je ne suis pas un bon étudiant* (Eu não sou um bom estudante); e ‘mente’ ocorre como núcleo de SN, (35) *Minha mente está confusa*, e como

⁵⁶ Várias são as fontes que reconhecem na formação adverbial em *-mente* um caso nítido de gramaticalização. Interessante registrar as palavras de Said Ali que anos antes da nomeação do conceito já descrevia o fenômeno; propôs ele: “enriqueceram-se estas [as línguas latinas], todavia com algumas formações desconhecidas do latim literário, com várias criações novas e, em especial, com os advérbios em *-mente* que se tiram de adjetivos. Essa terminação nada mais é do que o ablativo do latim *mens* v.g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um sufixo derivativo.” (2000[1921]:140). Mattoso Câmara propõe comentário de igual racioncínio; diz ele que “... há um mecanismo geral, que já vem do latim vulgar, para derivar latamente advérbios de adjetivos, em substituição aos processos do latim clássico. Consiste no emprego de *mente*, inicialmente o ablativo do substantivo feminino *mens* “mente, combinado com um adjetivo que se quer usar adverbialmente: o adjetivo é obrigatoriamente anteposto e concordo em gênero com *menta*, que tem na construção o sentido geral de “maneira, modo”. No latim literário clássico já se encontra início dessa construção, mas ainda sem a significação diluída e genérica do substantivo *mente*...” (1979:121). Sobre o tema, ver ainda M. Basílio (1998); C. Marchello-Nizia (1999); Hopper e Traugott (2002).

⁵⁷ D.Rubin lista expressões que se tornaram partículas, artigos, pronomes, preposições ou marcações verbais, como a preposição egípcia, *m-q3b*, e as formas cognatas hebraica, *ba-qéreb*, ugarítica, *(b-)qrb*, e acadiana, *ina qereb*, significam ‘no meio de’. Todas elas originam-se de um processo de gramaticalização, cuja fonte são as formas *qéreb*, do hebreu, e *q3b*, da língua egípcia, que significam “intestino” (Rubin, 2004:68); o que é indicação semântica interessante.

sufixo, (36) *Lucas está claramente cansado*, e ‘-ly’ apenas ocorre como sufixo adverbial, (37) *Logically, this means that...* (Logicamente, isso quer dizer que...).

4.3. Nota sobre Proposta de ‘Pancronia Lexical’

A partir desse raciocínio, parece-me interessante pensar em uma nomeação alternativa para as partes de uma palavra. No lugar de se pensar em ‘base’ e em ‘afixos’ como peças de naturezas mórficas diferentes, como é comumente feito no modelo RFP (Regras de Formação de Palavras)⁵⁸, sugiro pensarmos em uma situação em que um item lexical exista como uma unidade comunicativa pancrônica. Uma palavra como *realimentação*, por exemplo, poderia ser descrita da seguinte forma:

$$\begin{array}{ccccccc} \text{re} & + & \text{alimenta} & + & \text{ação} & \rightarrow & \text{realimentação} \\ \text{palavra } t(n-2) & & \text{palavra } t(n) & & \text{palavra } t(n-1) & & \end{array}$$

sendo que t = tempo e n = referência inicial. Ou seja, - *alimenta* - tem tempo n , porque seu valor semântico é o mais atuante; *re-*, como tempo $(n-2)$, dado que seu valor semântico é menos nítido em *realimentação*, e o substantivador *-ação* cuja notação temporal é marcada como $(n-1)$ posto que tem valor semântico intermediário. Comparativamente, uma expressão como *girassol*, será descrita com a marcação n igual para as duas partes:

$$\begin{array}{ccccccc} \text{gira} & + & \text{(s)sol} & \rightarrow & \text{girassol} \\ \text{palavra } t(n) & & \text{palavra } t(n) & & \end{array}$$

⁵⁸ Sobre o tema, ver S. Scalise (1987); L.Rocha (1999), M.Basilio (1999).

dado que ambas possuem carga semântica plena; e assim sucessivamente. A escala $t(n)$, $t(n-1)$, $t(n-2)$ $t(n-x)$ é comparativa. Isso quer dizer que o tempo cronológico linear pode ser visto de forma relativa ao grau de gramaticalização.

Uma mesma palavra pode trazer ‘pedaços de tempos diferentes’, sendo que, no limite, todos são portadores de uma mesma forma de origem plena; ou já nascessem como derivações feitas a partir decomposições pancrônicas⁵⁹. Essa última passagem é apenas uma indicação a ser examinada em futuras oportunidades de pesquisa, mas tem a ver com a pesquisa que aqui se desenvolve⁶⁰.

⁵⁹ O que se aproxima do conceito de “Recombinação” de L. Talmy. O autor fala em unidades discretas para haver recombinações. No caso que aqui apresento, pensa-se em uma situação de unidades dependentes dado o estágio de gramatização no qual se encontram. Sobre o tema, ver Talmy (2004)

⁶⁰ No capítulo XII de *Foundations of Cognitive Grammar* (1987), como assinalou-me a colega Sandra Becker, Langacker discorre sobre a composição lexical. O autor não alude a noções temporais, mesmo assim, mas seus comentários sobre o estabelecimento de um composto lexical, cuja soma das partes não equivale ao significado do composto em si, têm a ver com a sua historicidade.

5. Preposições e Gramaticalização:
como surgem as preposições

5.1. Opção pela Diacronia

A gramaticalização explica a formação e a semântica das preposições. Toda e qualquer preposição tem origem em uma PALAVRA PLENA que, num tempo passado, exercia função autônoma de provável SEMÂNTICA ESPACIAL⁶¹. No decorrer desta seção, discorrerei sobre esse dois pontos básicos. Sua aplicação em dados empíricos novos será feita na seção seguinte a partir da análise da preposição *de* do PB.

5.2. Gramaticalização e Preposições

Preposições são palavras de valor relacional⁶² que indicam movimento no espaço físico e outras relações desta originadas. A hipótese de ‘as preposições terem origem na indicação de movimento espacial ou corporal’ é importante em dois aspectos.

Primeiro, o reconhecimento de argumentos históricos permite em certa medida desvelar o valor semântico ainda nítido das preposições. Esse exercício é claro, por exemplo, na preposição *back* em inglês, e é vago na preposição *de* em português.

O exame dos termos gramaticalizados exige estudos que considerem variações temporais extensas ou variações temporais mais recentes, como é o caso do estudo das formas reflexivas cabo-verdianas *kabésa* e *kunpanheru*. A língua crioula cabo-verdiana das ilhas de Santiago apresenta partículas reflexivas de semântica bastante transparente.

⁶¹ Argumento contrário a esse postulado pode ser reconhecido nos fenômenos de lexificação e empréstimo lexical. No primeiro caso, para que se mantenha a proposta, seria necessário que uma preposição tivesse origem em uma palavra cujo valor pleno tenha desgastado e, em seguida, seja recuperado. Para o segundo caso, pode-se citar casos como a entrada de preposições em dialetos búlgaros que usam preposições “emprestadas”, notadamente a forma alemã *von* (*de*, em Port.), em casos genitivos. Sobre o segundo tema, ver B. Iglá (1999). Essa ressalva não é suficiente para colocar em questão a proposta; apenas relativiza-a.

⁶² Saussure se refere às delimitações dos valores dos termos do sistema lingüístico como “valores solidários /.../ que se limitam reciprocamente” (1972[1916]:159-160); o que sugere leitura sistêmica da organização do léxico. Mas Saussure não faz menção a ocorrências sintagmáticas, mas a um sistema lexical a ser compreendido em nas dimensões horizontal e vertical. Nesse sentido, portanto, a noção de ‘relação’ deve ser tomada de formas diferentes. Sobre o tema ver, T. Gamkretlidze (1974), J. Huford (1989), e D. Lucchesi (1981).

Em (38) *E'da raiba di su kabésa* (Ele sentiu raiva de si próprio.); ainda em, (39) *Nu krê kunpanheru txeu* (Nós nos amamos muito), nota-se nos exemplos colhidos em Manuel Veiga (2000) que junto às partículas reflexivas *kabésa* e *kunpanheru*, reconhecem-se nitidamente traços de seu valor semântico próprio. O exame de fenômenos em línguas que podem ser consideradas ‘novas’ permite fazer inferências sobre processos mais antigos e menos documentados, mas que se desenvolveram, estima-se, de acordo com razão semelhante. É plausível supor, portanto, que: “...toda e qualquer forma gramatical pode ter uma forma inicial lexical, sendo essa, portanto, resultado potencial de uma gramaticalização.” (Prévost, 2003:152) [#38].

A partir dessa premissa, podemos pensar que toda e qualquer preposição, em um tempo passado mais ou menos remoto, foi uma palavra plena e autônoma; salvo empréstimos exógenos. Se isso for verdade, podemos igualmente assumir que há diferentes graus de gramaticalização. Ou seja, quanto mais marcado for o grau de gramaticalização, mais dependente sintaticamente e frágil semanticamente se caracterizará a palavra⁶³. Em consequência disso, mais polissêmico-funcional⁶⁴ poderá ser o termo.

⁶³ Como aparece em S. Ross-Hagebaum: “o princípio da prototipização /.../ é um princípio teleológico (goal-oriented principle), /.../ uma forma que vem se gramaticalizando como preposição adquire um número crescente de características preposicionais prototípicas. Dentre as características mórficas, sintáticas e semânticas estão a opacidade e redução morfo-etimológica, a diferenciação pragmática em relação a expressões de forma semelhante, ausência de padrões produtivos para a formação de estruturas funcionais relacionadas, ausência de flexão, ocorrência em posição pré-posta, relevância semântica no caso de alternância de posição, comando dativo e ou acusativo, e caráter sintático fixo”. (2003:143) [#39]

⁶⁴ Por ‘polissemia-funcional’, aludo a situações em que não apenas variação de significado, mas também sua efetivação de significado, é regida pelo contexto sintagmático. A polissemia de uma palavra dita plena pode ser presumida mesmo fora de contexto.

5.3. A Primariedade Espacial Preposicional

A proposição de as preposições terem semântica primeiramente espacial é tema de debate. Marie-Line Groussier (1999), Benjamin Fagard (2002), Michèle Goyens e Walter De Mulder (2002) são autores que se manifestam favoravelmente pela hipótese localista, como é chamada por Kuryłowicz (1964)⁶⁵. Groussier justifica suas conclusões a partir de pesquisa diacrônica realizada com a língua inglesa; Fagard baseia-se em pesquisa diacrônica de *corpora* de língua francesa; e Goyens e De Mulder propõem estudo comparativo⁶⁶. Aqueles que se opõem a tal interpretação e propõem uma idéia antilocalista enfatizam a ausência de argumentos para a relação entre a leitura espacial e as demais interpretações possíveis⁶⁷.

Os argumentos favoráveis à primariedade espacial ('*primarité spatial*', no original) são os seguintes:

- (i) A maior parte das preposições tem sentido de origem. (Groussier, 1999)
- (ii) Pelo menos nas línguas indo-européias, a interpretação espacial das preposições é cronologicamente anterior a outras interpretações possíveis. (Groussier, 1999), sendo que as interpretações mais abstratas partem do sentido espacial. (Fagard, 2002)

⁶⁵ O termo de Kuryłowicz não tem a ver com a discussão sobre a abordagem 'localista' para o estudo do léxico que se opõe às abordagens 'componencial' e 'conceptual'. Sobre o tema, ver D.A. Cruse (2001).

⁶⁶ E ainda em S. Svorou (1993), (*apud* Goyens 2002:189) "Existem duas fontes principais para as partículas espaciais: os substantivos e os verbos. Todas as outras fontes sugeridas são estágios de um caminho de evolução". [#40]

⁶⁷ Para autores antilocalistas como R. Jackendoff (1990), "tanto a estrutura espacial quanto a estrutura temporal são projeções de uma organização abstrata que pode ser aplicada, com a devida especialização, a todo e qualquer domínio" (*apud* Fagard, 2002:313); [#41] e B. Pottier (1962), "...é praticamente impossível – apesar da engenhosidade de um Benveniste – derivar o sentido causal do sentido espacial, salvo se se estabelecer uma regra geral de atribuição de valor causal às preposições de aproximação [espacial]." [#42] D. Paillard (2000) se opõe à hipótese da primariedade espacial.

(iii) Em algumas preposições sem valor espacial, é possível reconhecer comportamentos indicadores da primariedade espacial (Groussier, 1999; Goyens, 2002)

Para Kuryłowicz (1964), a divergência entre os ‘localistas’ e os ‘antilocalistas’ não passa de uma “confusão entre sincronia e diacronia”. (*apud* Groussier, 1999:224). Levando adiante a hipótese da primariedade espacial, é possível pensar em um determinado momento da evolução da linguagem em que “apenas as relações espaciais poderiam ser expressas” (Groussier, 1999:224) [#43].

Para Michael Corballis (2003), essa hipótese não deve ser considerada absurda, tal e qual fazem autores como B. Pottier e Groussier (*cf.* Groussier, 1999:224). Corballis argumenta da seguinte forma. Para ele, a origem da linguagem tem forte lida com a passagem de formas expressivas gestuais para formas sonoras. Os processamentos cognitivos têm origem na evolução da entre som e gesto:

Antes disso, a língua era uma combinação de discurso e de gesto /.../ A mudança para o discurso autônomo livrou as mãos de qualquer papel crucial na linguagem, que por sua vez puderam explicar os desenvolvimentos extraordinários na confecção e na manipulação do ambiente que caracterizam nossa espécie, e distingue-nos claramente dos outros macacos grandes. (Corballis, 2003:209) [#44]

Se considerarmos os estágios primitivos da linguagem, é possível pensar em uma situação em que, de fato, tenha havido apenas a expressividade espacial das relações com o habitat e os instrumentos de convívio. Os homínídeos serviam-se da sonorização como artefato comunicativo que atuava em conjunto com as sinalizações dêiticas e processuais

das práticas sociais colaborativas⁶⁸. É importante ressaltar que a noção de tempo em Corballis opera uma linha cronológica que remonta à especiação do ser humano (*Homo sapiens*) há cerca de 170.000 anos⁶⁹. O sobressalto com a possibilidade de haver línguas em que apenas as relações preposicionais espaciais são apontadas deve ser reconsiderado, dada tal dimensão temporal. Assim, aceitar a gramaticalização como um fenômeno recorrente à linguagem desde seus passos iniciais implica em discussões que ultrapassam o domínio de uma descrição estritamente baseada em mecanismos cognitivos, digamos, ‘atuais’. Associando-se a uma proposta histórica de tal dimensão, assume-se também que as categorias léxico-funcionais são contínuas e que os argumentos diacrônicos são necessários à explicação das configurações sintáticas e semânticas⁷⁰.

Para a efetivação de estudo sobre expressões preposicionais a partir da gramaticalização, opta-se por uma argumentação que propõe um protótipo preposicional espacial enquanto mecanismo comunicativo. Em todo caso, mesmo que não haja consenso quanto à primariedade espacial das formas preposicionais, aceitam localistas e antilocalistas que as preposições configuram sentidos abstratos a partir de redes de projeções metafóricas e ou derivadas de um valor espacial básico (Langacker, 1993; Traugott e König, 1991; Zelinsky-Wibbelt, 1996).

⁶⁸ A gramaticalização das línguas sinalizadas aponta para caminho teórico semelhante. Sobre o tema, ver A.L. Sexton (1999).

⁶⁹ Sobre o tema, ver D. J. Povinelli e S. Giambrone (2001)

⁷⁰ E. Pontes (1992) aplica o conceito de gradualidade em mudanças diacrônicas, nomeado por Háj Ross como *squish*, ao estudo de locuções preposicionais do PB. Após a apresentação de casos de locuções preposicionais, substantivais e adverbiais que se encontram em “diferentes graus de evolução [histórica]”, Pontes afirma que o “fenômeno da diacronia, que Saussure e seus seguidores quiseram separar da sincronia, /.../ está sempre misturado com esta.” (Pontes, 1992:45). Sobre o tema ver também, Mello (1990).

5.4. Organizando a Hipótese

A hipótese a ser averiguada na pesquisa de *corpus* tem os seguintes postulados, a preposição *de*:

- (i) tem origem em processo de gramaticalização;
- (ii) tem valor semântico relacional;
- (iii) de primariedade espacial,
- (iv) cujas interpretações derivadas, categorizadas em três grupos semânticos, mantêm (ii) e (iii).
- (v) os grupos semânticos se organizam de acordo com um modelo prototípico radial de Gramática de Construções.

6. Pesquisa Empírica: análise de *corpus*, estabelecendo categorias

O *corpus* da pesquisa é formado por dados escritos inéditos colhidos em textos da internet⁷¹. Nesta seção, relato a metodologia adotada para esta pesquisa cujo, objetivo é estabelecer “a frequência na qual uma expressão específica [no caso desta tese: a preposição de] é usada em vários contextos.” (Talmy, 2005:9) [#45].

A escolha por dados eletrônicos é uma boa opção para tal fim, porque, com ela, tem-se acesso a um vasto volume de ocorrências produzidas sem a afetação da entrevista de coleta de dados ou de outros constrangimentos dialógicos dessa ordem. A análise de uma grande gama de dados permite traçar tendências em situação de uso sentencialmente contextualizado. Sobre tal ponto, Douglas Biber salienta que:

investigações adequadas sobre o uso da linguagem devem propor análise empírica para as funções e distribuição dos traços lingüísticos ocorridos em contextos naturais de discurso. /... / novos significados são descobertos apenas se houver exame do uso da palavra em contextos naturais de discurso. (In: Barlow e Kemmer (org.), 2000:287) [#46]

Na seqüência deste mesmo texto, Biber valida a pesquisa de *corpus* porque essa:

- (i) analisa padrões de uso advindos de textos reais;
- (ii) considera um grande volume de dados;
- (iii) apóia-se em instrumentos de contagem e análise computacionais; e
- (iv) permite a associação de técnicas quantitativas e qualitativas.

Uma pesquisa desenvolvida a partir de um ‘modelo de uso’, como pode ser assim nomeado, apresenta, certamente, suas limitações. Primeiro porque não se pode legar a

⁷¹ Os textos originais foram anexados em CD; são 115 páginas padrão TNR-10. Se for de interesse do leitor, os dados podem ser lastreados a partir da numeração da exemplificação que aparece na tese.

esta pesquisa valor de amostragem estatística. As tendências constatadas não permitem reconhecimentos generalizantes, porque até mesmo “uma estrutura [que é] totalmente aceitável /.../ [pode não] ocorrer nem uma vez em um corpus de grande extensão” (M. Perini, 2006:39); e porque é impossível o acesso a uma presunção de universo uniforme de dados para se lançar mão. Mesmo assim, mesmo que se relativize o valor representativo da pesquisa de *corpus*, esta opção de pesquisa acaba por endossar a postura epistêmica da teoria cognitiva contemporânea que reconhece com válido o reconhecimento de tendências dentro dos dados coletados, e os processos mapeados em uma análise que elucida qualitativamente aquilo que foi reconhecido como fenômeno pertinente; e não atua na busca de dados proporcionais uniformes.

Um segundo ponto sobre a pesquisa de *corpus* que merece atenção concerne a sua interpretação, análise e locação dos dados nas categorias propostas. O reconhecimento de uma suposta natureza heterofenomenológica⁷² dos dados não os isenta da interpretação do pesquisador, uma vez que “alguém, provido de sua própria fenomenologia, terá que ler /.../ os dados” (Talmy, 2000:6)⁷³ [#47]. É, portanto, parcialmente introspectiva a análise em pesquisa de *corpus*.

Por esse motivo, associados ao que foi organizado em categorias empíricas estabelecidas por esse procedimento interpretativo e classificatório, foram propostos testes que visam traçar uma descrição matricial com algum grau de controle sobre as interpretações introspectivas atribuídas aos dados (*cf.*6.7.3). Com isso, à coleta, contagem, classificação, associa-se outro mecanismo de análise.

⁷² Sobre o tema, ver S. Miguens, (1999), site: www.apfilosofia.org/documentos/pdf/DennettAPF2000.pdf.

⁷³ Sobre o tema, ver os trabalhos de H. Maturana e F. Varela, *cf.* Maturana, (1997).

Interessante desde já anunciar que, a despeito da produtiva associação de dois mecanismos explanatórios complementares, a análise final dos dados recorreu ao aporte teórico da Gramática de Construções (*cf.* 6.8). Esse modelo de estudo aporta embasamento teórico e metodológico para a lida de dados com um nível de dispersão significativo, tal e qual se estabeleceu após a contagem e testagem dos exemplos eleitos. Ademais, as gramáticas Cognitiva (GC) e de Construções (GCr) não se rivalizam; trato do assunto mais adiante.

6.1. Metodologia da Pesquisa

A coleta de dados desta pesquisa de *corpus* foi estabelecida de acordo com um procedimento simples e sem o mapeamento detalhado sobre os informantes incógnitos. Não foram levadas em conta a organização e a análise de variações sociais como idade, gênero, origem geográfica e escolaridade. A descrição do processamento cognitivo das preposições não descarta a possibilidade de haver influência de fatores como esses na escolha e na frequência de seu uso preposicional, notadamente no que concerne a avaliação do padrão normativo, mas esses aspectos não são objeto desta pesquisa.

Por ‘variações sociais’, aludo às variações que ocorrem em função de expectativas sociais sincrônicas (*cf.* 6.3). A forma através da qual os falantes aprendem e amadurecem o vernáculo pode exercer influência na escolha do elenco de preposições utilizadas. Há situações em que uma mesma população demonstra hesitação no uso de preposições em função da norma regente. Tal fenômeno é compreendido como uma situação de “mudança em progresso” (Gomes, 1998:66) e pode ser interpretado como uma pesquisa diacrônica. No entanto, e por esse motivo sua adjetivação como ‘social sincrônica’, não são avaliadas as variações em etapas diferentes no decorrer do tempo; essas variações são

observadas em faixas etárias distintas. Nesse caso, o que muda não é o tempo em si, mas ‘os tempos dos falantes’ que possivelmente ecoam épocas de uso distintas.

Optou-se por categorias sintagmáticas e semânticas abrangentes. São propostos dois grandes grupos sintáticos, um nominal e um outro verbal, como será explicado mais adiante (*cf.* 6.5). Aplicada a essa primeira organização, é traçada uma categorização cognitiva, considerando o valor semântico relacional espacial, especificamente ‘valor de direção-origem’, da preposição *de*. O sentido de origem é seu valor espacial primário. Deriva desse a interpretação de quantificação. Para os casos em que ‘origem’ ou ‘quantificação’, que é um valor derivado, não se aplicam, propõe-se a interpretação *by default*. Ou seja, a preposição *de* exerce a estrita função de marcação de relação entre dois termos.

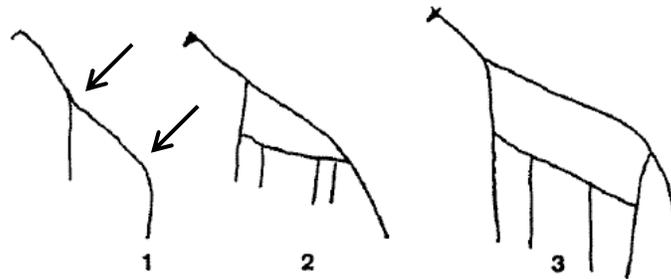
São três, portanto, as categorias de interpretação cognitiva que apresento: (i) valor de direção de origem; (ii) valor de quantificação e (iii) interpretação *by default*. Essa última categoria não deve ser vista como uma adequação teórica adaptativa, mas como de fato uma manifestação da ontologia preposicional distinta das duas categorias anteriores. Foi o fato de não serem reconhecidos limites claros entre essas categorias que me levou à busca por uma solução descritiva da GCr. (*cf.* 6.8)

6.2. Sobre a Granularidade da Pesquisa

Foi feita a opção por uma análise em torno de grupos descritivos extensos, com um grau de granularidade amplo que busca mapear esquemas gerais de processamento

cognitivo. Categorias mais abrangentes permitem a interpretação de processos cognitivos gerais.⁷⁴

Uma boa forma para compreender o que são esses níveis (ou graus) de granularidade em uma descrição é a sua observação em representações icônicas. Na série de ilustrações alinhadas a seguir, observa-se um aumento do grau de detalhamento entre as figuras [1-3]. A figura [1] é composta por dois traços e por duas alterações na inclinação na linha básica (como apontam as setas na ilustração). E a terceira é composta por seis traços, sendo quatro básicos e dois adjacentes; a figura [3] apresenta ainda delimitação de área, mudanças de inclinação das linhas básicas e algum detalhamento com a representação das orelhas do animal. A figura [2] tem configuração intermediária. Vê-se que a representação da figura [3] é de granularidade mais miúda do que a representação da figura [1], que, *grosso modo*, tem os traços representativos, ou os ‘grãos’ maiores.



Para Augustin Holl (2002), não é a apenas um caso de variação no grau de detalhamento dos desenhos. O autor sustenta que ocorrem variações no grau de

⁷⁴ Em G. Fauconnier (1987): “as operações cognitivas que desempenham papel central na construção dos significados (meaning) do dia-a-dia são as mesmas que aplicamos para raciocinar, pensar e compreender. Nesta perspectiva, não se faz necessário recorrer a características peculiares *ad hoc*. A cognição é o parâmetro-chave que integra todas as outras variáveis juntas.” (*apud* Holl, 2002:76) [#48]

granularidade e, conseqüentemente, ocorrem variações nos diferentes *modi operandi* usados na representação gráfica do animal. Na figura [1], tem-se somente um perfil básico do animal representado. A ilustração [3], por sua vez, opera com traços básicos, traços secundários, delimitação de limite no desenho, mudança de inclinação das linhas e com algum detalhamento específico na cabeça do animal. São formas de operação da imagem que aumentam o nível de especificidade descritiva com a incorporação de procedimentos ilustrativos de ordens distintas daquelas usadas na primeira figura. Tudo se passa, portanto, com se houvesse representações icônicas em categoriais gerais e em categorias mais restritas.

Mudanças de nível de detalhamento e de sua forma operacional, no entanto, não engendram conflito epistêmico e metodológico. A análise de ocorrências especificadas condiz com modelos explicativos abrangentes, se a operação dos aspectos categoriais miúdos for coerente com o fora estabelecido em um nível categorial mais geral. Assim como aparece nas ilustrações acima, a delimitação de áreas e de detalhes em [3], procedimento que não havia sido feito previamente, acontece dentro do espaço das já linhas existentes em [1].

Na pesquisa sobre a preposição *de*, adotou-se um nível de granularidade mais amplo para a maior parte dos dados colhidos. A adoção de categorias mais graúdas permite o estabelecimento e a comparação de processos que são gerais. Em seguida, foram examinados dois casos particulares que ilustram esse processo cognitivo geral em contextos semânticos restritos: (i) “gostar *de*” e “achar *de*”, e (ii) alguns quantificadores, acompanhados por *de*, como *milhares de...* e *centenas de...*

Para a compreensão da regência do verbo *gostar* e, como elemento auxiliar, a regência do verbo *achar* (cf. 6.9.1), e para a compreensão da demanda pela preposição *de* por alguns quantificadores (cf. 6.9.2), aplicou-se um modelo explanatório mais fino, com uma granularidade descritiva mais miúda⁷⁵.

6.3. Preposições e Variações Sociais

Como disse antes, não foram adotados critérios sociais na análise do processamento da preposição *de*. Registro, todavia, a pesquisa de Cristina A. Gomes. A autora apresenta trabalhos sobre variações sociais no uso preposicional em duas ocasiões em 1998 e em 1999. Analisando a presença da preposição *a* e sua alternância de uso em relação à forma *para* em ambientes verbais bitransitivos do PB, Gomes (1998) constata que:

A variante <0> [vazia] é mais freqüente entre os falantes de escolaridade mais baixa – MOBREAL e Primário, 32% e 21%, respectivamente, e decresce nas outras faixas, chegando a 2% entre universitários. A preposição *a* apresenta uso inversamente proporcional ao observado para a ausência da preposição, isto é, aumenta a freqüência de seu uso à medida que aumenta o nível de escolaridade – 6% entre os mobralenses e 63% entre os universitários. (Gomes, 1998:66)

Em publicação posterior, servindo-se de um manancial empírico mais abrangente Gomes (1999) comenta que:

⁷⁵ A variação da granularidade da pesquisa tem sentido comparativo. Parece-me ser bastante possível que determinado estudo avaliado por uns como ‘larga granularidade’ possa ser locado por outros em uma situação de ‘granularidade fina’. A avaliação da granularidade de uma pesquisa deve ser feita tendo como referência os objetivos da pesquisa desenvolvida. A noção mesmo de “grão” é passível de interpretações e, com isso, origens metafóricas distintas. Grão pode ser uma peça de um sistema; grão pode ser uma peça de um conjunto e, grão, no limite, pode ser o próprio sistema, se se pensá-lo como o universo de análise. Esse comentário ecoa as diferenças que há entre posturas epistêmicas atomísticas e holísticas. As primeiras sustentam a tese de composicionalidade de tal ordem imperativa que cabe ao trabalho científico a compreensão das partes fundamentais que geram o organismo. Por outro lado, a opção holística vê na partícula nada além de uma manifestação do que o sistema descreve. Sobre o tema, ver M. Silcox (2005)

O nível de educação é uma condicionante importante para o subgrupo dos bitransitivos. /.../ os resultados revelam uma clara relação entre o nível de escolaridade e a escolha variacional. Falantes com um nível de educação mais alto tendem a rejeitar o apagamento preposicional /.../ O apagamento preposicional é preferido entre falantes com nível de escolaridade mais baixo. (Gomes, 1999: 219) [#49]

Gomes anota que a preposição *de* apresenta comportamento particular no que tange sua variação em função dos níveis de escolaridade⁷⁶. Segundo a autora, “os resultados da pesquisa “parecem apontar...

... para a existência de um grupo que tende a apagar a partícula [de]: *necessitar de, lembrar de, esquecer de, precisar de*; e outro grupo que tende a mantê-la: *gostar de*. Essa variação não tem a ver com o nível de formalidade. (Gomes, 1999: 222) [#50]

Os comentários de Gomes (1998, 1999) endossam a idéia da preposição *de* apresentar particularidades em uso específico no PB. Ou seja, o uso ou a rejeição da preposição *de* sofre influência de aspectos exógenos alheios à formalidade do texto. Este fenômeno não se limita apenas à preposição *de*. Se considerarmos o que pedem as gramáticas normativas, como ocorre nos sites de correção gramatical normativa, veremos que há instruções incoerentes com a prática cognitiva. Situações como a ilustrada pelo texto de site copiado a seguir:

⁷⁶ Sobre o uso da expressão ‘bitransitividade’: é possível que ocorra transitividade sem preposição, ou mesmo, sem que haja o complemento. Para este raciocínio, penso na proposta de Talmy (2001) a respeito de ser o verbo – e, consequentemente, a sentença – uma expressão de superfície de um evento, do qual participam diferentes graus de transitividade. Nesse sentido, o valor da pesquisa da autora como indicação de uma influência social torna-se mais marcado.

Qual a forma correta: "entrega a domicílio" ou "entrega em domicílio"? A regra purista é usar a domicílio com palavras que indicam movimento (levar roupa, mandar o lanche, enviar bilhetes, trazer uma pizza, ir **a domicílio**) e em domicílio quando sem movimento (dar aulas, cortar cabelo, fazer a unha/consertos/comida congelada **em domicílio**).

fonte: <<<http://kplus.cosmo.com.br/materia.asp?co=49erv=Gramatica>>>

apontam para uma ingerência normativa no uso preposicional⁷⁷. Não se leva em conta aquilo que é usado, mas considera-se um mecanismo analógico para passar de um uso de valor cognitivo perceptível para outro em que isso não acontece. A variação no uso preposicional nesses casos tem motivação exógena, uma vez que se limita à busca de consenso sobre a escolha de uma ou outra preposição.

6.4. Coleta e Organização dos Dados

Os dados que compõem o *corpus* de análise foram colhidos na internet entre os meses de dezembro de 2003 e janeiro de 2004. Vinte blogs brasileiros captados através de um procurador *on line* foram gravados e transcritos todos para um único texto em formato WORD.

A coleta de dados em ambientes eletrônicos é um recurso recente para a pesquisa empírica em lingüística. É certo que este meio exerce influência nas composições sentencias, nas escolhas lexicais, e nas relações de interlocução e categorizações; o tema é assunto de discussões em pesquisas que investigam as relações meio/expressão⁷⁸. Porém, conforme anunciado, não há detalhamento sobre os informantes e a relação que esses estabelecem em suas práticas de comunicação. A meu ver, posto que o objeto

⁷⁷ Comentário de caráter semelhante sobre a substituição do uso de *a* por *para* encontra-se em M. Salomão (1990:36)

⁷⁸ Sobre o tema, ver W. D. Meurers, 2004.

central de análise são as relações cognitivas reconhecidas em ambientes sintagmáticos, tais informações não são essenciais para a averiguação da hipótese proposta.

Através das ferramentas de busca do software e subsequente destaque em negrito, assinalei e contei eletronicamente todas as preposições *de* presentes nos documentos do *corpus*. A quantidade de dados iniciais foi enorme: foram cerca 1730 ocorrências da preposição na forma *de*, mais 500 e 520 nas formas *da(s)* e *do(s)*, totalizando aproximadamente 2300 ocorrências da preposição com ou sem artigos agregados.

Nesta mesma de fonte empírica, foram destacadas e registradas as ocorrências das preposições *em* e *com*, a serem usadas mais adiante em análises comparativas. Adotou-se o mesmo mecanismo de busca e destaque adotado para o *corpus* organizado para a preposição *de*.

Selecionei as primeiras 1000 ocorrências encontradas no *corpus* da pesquisa para análise e foram distribuídas da seguinte forma: 792 casos da preposição *de*; *em* apareceu 117 vezes, e *com*, 91 vezes. A outra parte dos dados foi reservada para testes e ensaios de contagem e de categorização. Em um momento seguinte de contagem manual e análise dos dados, foram eliminados e corrigidos alguns erros de reconhecimento de pelo programa de computador. Na passagem de um formato blog para o modelo textual de uso no WORD, ocorrem algumas diferenças na paginação, na separação silábica e algumas outras imperfeições de configuração que ocultam e ou criam dados falsos. O número de erros dessa natureza foi bastante restrito (inferior a 1%) e, assim, desconsiderado no tratamento numérico. Com os devidos ajustes, o total de preposições analisadas alcançou as 1008 ocorrências; como aparece organizado na tabela a seguir;

	<i>de</i>	<i>com</i>	<i>em</i>
no. de ocorrências	800	91	117
Em %	80%	9%	11%
Total	1008 (100%)		

Tabela 4: número de preposições coletadas para a pesquisa da tese

Cuja representação gráfica é:

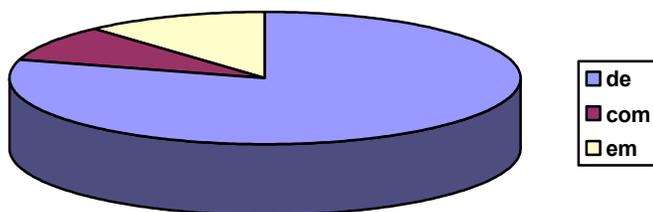


Gráfico 1: distribuição da frequência de ocorrências das preposições *de*, *com* e *em*

Confirma-se a prevalência da preposição *de* sobre as demais. Considerando apenas as preposições *de*, *em* e *com* nos levantamentos frequenciais de Diório Jr. (2003), Tabela 1, e de Camlog (1986), Tabela 2, chega-se a valores proporcionais semelhantes. Em Diório Jr., *de* representa aproximadamente 56% dos casos; *em* 35% das ocorrências, e *com* aparece em 9% dos casos. O mesmo exercício de proporcionalidade aplicado aos dados de Camlog (1986) remete a 57%, 21% e 6% das ocorrências, respectivamente.

6.5. Ambientes Genéricos: nominais e verbais

As ocorrências de uso da preposição *de* foram inicialmente distribuídas em dois ambientes sintagmáticos genéricos: um primeiro de valência nominal e um segundo de valência verbal.

Nessa categorização inicial, é pertinente o estabelecimento de uma classificação em função da natureza sintagmática do complemento pós-preposição. Ostensivamente realizados ou não, os complementos nominais acompanhados da preposição *de* ou dos verbos que aprecem sucedidos pelo SP em análise compõem dois modelos distintos. O primeiro grupo tem forma genérica $s_N[...(de)_s[...]]$ e engloba as ocorrências entre duas partes nominais N_1 e N_2 ; vamos nomeá-lo como modelo NOMINAL-NOMINAL. No segundo modelo genérico, $s_V[...(de)_s[...]]$, as relações ocorrem entre esquemas verbais e complementos nominais pós-preposição *de*; vamos chamá-lo de modelo VERBO-NOMINAL. Os processamentos nominal e verbal constituem os grandes processos lingüístico-cognitivos. Através de pares de nomeações distintos como ‘sujeito/predicado’; ‘referência/movimento’; ‘tema/comentário’; ‘função/argumento’; ‘entidade/processo’, SN/SV, sentenças associam mecanismos cognitivos nominais e verbais⁷⁹. Para a GC, Ron Langacker (1991) apresenta o processo da seguinte forma:

Tendemos a povoar o mundo com objetos discretos, sendo que cada um, em um dado momento, ocupa um espaço distinto. Alguns desses objetos têm a capacidade de mover e interagir com outros objetos, particularmente através de contato físico. (Langacker, 1991:207) [#51]

⁷⁹ Sobre o tema, ver F. Nef (1991); D. Laurier, (1993) e S. Prasada, (1999).

Como mecanismo cognitivo, tendemos a reconhecer a instância nominal em objetos discretos e a eles associar movimentos sensorialmente perceptíveis, expressos pela instância verbal. Posto em outros termos, a delimitação de referência, e eventual qualificação, e a esquematização de movimentos, e eventual modalização, são os procedimentos cognitivos basilares a partir dos quais outros procedimentos nominais e verbais mais abstratos podem ser aludidos e compreendidos.

Esse é o motivo pela opção por duas grandes categorias analíticas de manifestação sintagmática, categorias essas que serão distribuídas em manifestações sintagmáticas internas. Tudo se passa como se houvesse uma organização cognitiva geral básica – referências e movimentos –, que servisse de ponto de partida para que, através de procedimentos analógicos, metafóricos e híbridos, outras formas de interação e expressão entre linguagem e as percepções sensoriais amadurecessem⁸⁰.

Os modelos sintagmáticos genéricos aqui propostos englobam manifestações sintáticas variadas como $_{SN(Q)}[...(de)_{SN}[...]]$, onde $_{SN(Q)}$ é um quantificador, e $_{sv}[_{SN}[(de)_{SN}[...]]$, situação na qual ocorre incorporação do objeto direto pelo verbo ou expressão verbo-nominal de valor semântico dependente dos dois constituintes. Em todo caso, as variações sub-categoriais podem ser submetidas a interpretações semelhantes às desenvolvidas para os modelos gerais.

⁸⁰Em G.Fauconnier (1997:18): “Nossas rede conceptuais são intrinsecamente estruturadas por mapeamentos analógicos e metafóricos, que desempenham papel-chave na construção de seu significado sincrônico e em sua evolução diacrônica”. [#52] Esse comentário não se aplica diretamente ao tema, mas é bastante condizente com o que vem sendo desenvolvido pela GC.

A título de ilustração, listo uma série de exemplos (1-6)⁸¹ oriundos do *corpus* locado na categoria nominal-nominal:

- (1) $_{SN}$ [Eduardo Campos, $_{SN}$ [o tipo **de** $_{SN}$ [cara]]] q alguns...
- (2) $_{SV}$ [... tenho $_{SN}$ [uma nova mania **de** $_{SC}$ [fazer $_{SN}$ [anime music videos]]]]
- (3) $_{SV}$ [... chega para $_{SN}$ [o advogado mais caro **da** $_{SN}$ [cidade...]]]
- (4) $_{S_{ADV}}$ [Ontem $_{S}$ [eu naum fiz $_{SN(Q)}$ [nada [**da** $_{SN}$ [vida...]]]]]
- (5) $_{S}$ [O advogado, $_{SP}$ [no $_{SN}$ [leito **da** $_{SN}$ [morte]], pede uma Bíblia...
- (6) ... $_{SN}$ [risada ... **de** $_{SN(+PRON)}$ [alguém $_{S}$ [q sabe q naum vai passar...]]]

Foram incluídos nessa primeira categoria exemplos em que há elipse nominal, como em (7) e em (8):

- (7) ... $_{SV}$ [é $_{S_{Adv}}$ [bem resolvida $_{SP}$ [na $_{SN}$ [minha vida]]]] e $_{SP}$ [na (*vida*) **de** $_{SN}$ [algumas pessoas]]]
- (8) ... $_{SV}$ [falta $_{S_{Adv}}$ [agora $_{SN}$ [o (*vestibular*) **de** [$_{SN}$ ciências]]]]]

Como uma subcategoria dentro do modelo NOMINAL-NOMINAL, foram locados exemplos em que o elemento que antecede a preposição é um adjetivo, como:

- (9) $_{S}$ [estou $_{S_{Adj}}$ [feliz muito $_{S_{Adj}}$ [mais feliz $_{SP}$ [**do** $_{S'}$ [que poderia imaginar]]]]]]]
- (10) $_{SV}$ [não foi $_{S_{Adv}}$ [muito $_{S_{Adj}}$ [diferente $_{SP}$ [**do** $_{S'}$ [que houve em woodstock]]]]]]]
- (11) amando alguém que $_{SV}$ [está $_{S_{Adj}}$ [longe $_{SP}$ [**do** $_{S'}$ [que estando /.../ sozinhos]]]]]

⁸¹ A numeração dos exemplos foi reiniciada para facilitar o acompanhamento pelo leitor. A partir deste ponto, todos os exemplos pertencem ao *corpus* da pesquisa. Exemplos hipotéticos serão identificados com letras entre parênteses.

Na categoria geral VERBO-NOMINAL, encontram-se exemplos do tipo:

- (12) ... e_{SV}[terminou **de**_{SC}[ver_{SN}[o jornal]]]
- (13) s[O pintinho_{SV}[saiu **do**_{SN}[ovo]]] e disse:...
- (14) s[_{SV}[Fala] **de**_{SN(+QU)} [onde?]]]
- (15) s[..._{SV}[o horror_{SV}[tomou_{SN}[conta **do**_{SN}[coração (de)_{SN}[um soldado...]]]]]]]
- (16) s[...alguns_{SV}[diriam_{SC}[q **de**_{SADV}[taum_{SA}[inútil]]]]] desperdiça oxigênio...
- (17) ... s[_{SV} [vai_{SC}[precisar **dele**_{SP}[com_{SN}[urgência]]]]]
- (18) ...s[Preferi escrever logo pra todo mundo] **do** que_{SC}[ficar num bate-boca]
- (19) s[esquecemos_{SP}[**de**_{SC}[trancar_{SN}[o cofre_{SP}[do escritório]]]]]

Dois são os processos cognitivos envolvidos no funcionamento da preposição *de* em situações verbais distintas: (i) quando da expressão de um evento apresentado pela forma superficial do verbo; ou (ii) quando da formulação de relações nominais de complemento e modificação de diversas naturezas semânticas⁸². Assim, dada a categorização geral que engloba as formas de ocorrência em dois modelos genéricos, chegamos aos seguintes dados:

Modelo	no. de ocorrências
Nominal-Nominal	651(81%)
Verbal-Nominal	149 (19%)
TOTAL	800 (100%)

Tabela 5: frequência de ocorrência nominal/verbal para a preposição *de*

6.6. Comparando com as Preposições *com* e *em*

Mesmo que não se tenha por enquanto uma análise clara deste fato, é interessante observar que a ocorrência da preposição *de* em ambientes nominais segue uma

⁸² As ocorrências verbais não serão analisadas nesta pesquisa.

distribuição de tendência oposta à que ocorre com outras duas preposições computadas: há mais ocorrências em ambientes nominais do que em ambientes verbais, ao contrário do que ocorre para *em* e *com*, como aparece na tabela e no gráfico a seguir:

	<i>de</i>	<i>com</i>	<i>em</i>
Nominal	651 (84%)	15 (17%)	55 (47%)
Verbal	149 (16%)	76 (83%)	62 (53%)
Total	800 (100%)	91 (100%)	117 (100%)

Tabela 6: frequência de ocorrências em ambientes nominais ou verbais para *de*, *com* e *em*

Graficamente se apresenta como:

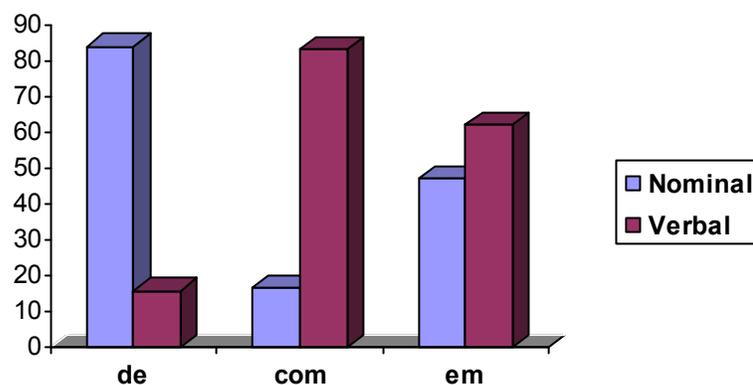


Gráfico 2: frequência de ocorrências em ambientes nominais ou verbais para *de*, *em* e *com* (em %)

Uma possível explicação para esse quadro em que aparecem tendências opostas está ligada à tipologia lingüística. A partir dos dados organizados acima, faço um breve comentário em acordo com uma categorização tipológica que localiza o português em um grupo de línguas que fazem uso de preposição em composições lexicais de especificação.

A comparação com o inglês, que pode fazer associações lexicais especificadoras por justa-posição, evidencia essa peculiaridade⁸³. Nos pares de exemplos a seguir, a relação entre os dois elementos da unidade sintagmática é feita de formas diferentes: (a) $_{SN}[pista]_{SP}[de]_{SN}[corrida]]$ // *racetrack*; (b) $_{SN}[pena]_{SP}[de]_{SN}[morte]]$ // *death penalty*; (c) $_{SN}[nota]_{SP}[de]_{SN}[100 \text{ dólares}]]$ // *one hundred dollar bill*. Essa parece ser a razão pela qual o uso da preposição *de* em ambientes nominais é muito recorrente em português. Na tabela abaixo, observa-se que dentro dos ambientes nominais, o uso preposicional de *de* representa 90% do casos.

	<i>de</i>	<i>com</i>	<i>em</i>	Total
em uso nominal	651	15	55	721
em %	90,3	2,1	7,6	100

Tabela 7: frequência de ocorrências em ambientes nominais para *de*, *com* e *em*

Para comprovar que esse aspecto é relevante para o estabelecimento de um quadro tipológico efetivo, seria importante dispor de pesquisa que classifica os usos da preposição inglesa *of* de acordo com o ambiente sintagmático em que ocorrem. Este é um ponto a ser encarado em pesquisas a serem desenvolvidas.

6.7. Análise do Modelo Nominal-Nominal

Nesta etapa da apresentação empírica, passo a considerar os valores semânticos que assumem a preposição *de* nos contextos nominais das 651 ocorrências colhidas no *corpus*. A interpretação desses valores segue o princípio apresentado na exposição teórica inicial sobre o valor espacial primevo da preposição e seu deslizamento para sentidos

⁸³ Sobre o tema, ver D. J. Napoli (1993). A autora relata que o russo e o alemão dispõem deste mecanismo.

metafóricos e figurativos (cf. 6.3). De forma mais clara ou mais opaca, direta ou indiretamente, *de* manifesta alguma relação espacial. São 3 categorias propostas para a análise da ocorrência da preposição *de* dentro do ambiente nominal:

- | | |
|----------------------------------|------|
| (i) Valor Nominal Direção | (ND) |
| (ii) Valor Nominal Quantificação | (NQ) |
| (iii) Valor Nominal Intrínseco | (NI) |

Por valor NOMINAL DIREÇÃO, ou de Origem, notado em ND, compreendo as ocorrências da preposição *de* que indicam que o primeiro elemento N_1 tem origem no segundo elemento N_2 . A interpretação de Valor NOMINAL QUANTIFICAÇÃO (NQ) justifica a presença da preposição entre um item lexical de quantificação, como *dúzias, parte, frente e milhares* e o SN que o segue. Por valor NOMINAL INTRÍNSECO (NI), compreendo situação em que a relação entre os dois elementos relacionados pelo uso preposicional tenha sua relação não especificada. Por que estas três categorias?

A análise e a organização dos dados levaram-me a estabelecer três categorias de interpretação. Até onde eu saiba, a proposição de Direção e de Quantificação são opções analíticas inéditas. Como veremos, a soma dos casos de ND e NQ representa 39% dos dados. A interpretação NI é sugerida e explicada por Langacker (1992) e por Benveniste (1974). Desconsideradas as Ocorrências Duvidosas, em NI, foram locados os demais exemplos colhidos no *corpus*. Os exemplos listados (20-25) ilustram respectivamente cada uma das categorias de ocorrência, que serão analisadas nas seções a seguir:

- | | |
|--------------------------------------------------|------|
| (20) ... pra ver o q o povo de lá tem pra dizer. | (ND) |
| (21) ... (automóvel) alugado do padre... | (ND) |
| (22) ... no resto do hospital. | (NQ) |

- (23) ... o início de uma nova peste. (NQ)
 (24) ... mudança de volume no inferno... (NI)
 (25) ... filho do jardineiro... (NI)⁸⁴

Analisaremos cada uma das interpretações. As quantidades de ocorrências para cada uma delas foram as seguintes:

	ND	NQ	NI	Total
no. de ocorrências	100	108	328	536
%	19%	20%	61%	100%

Tabela 8: frequência de ocorrências das sub-categorias nominais

Graficamente, apresentam-se como:

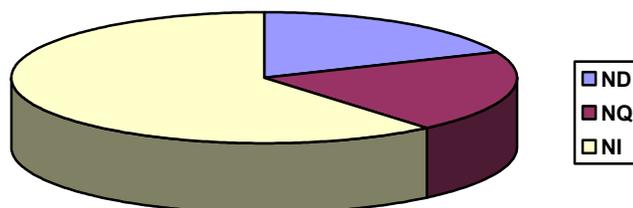


Gráfico 3: distribuição da frequência de ocorrências de *de* nas sub-categorias nominais

A diferença entre as 800 ocorrências analisadas, sendo 546 nominais e 135 verbais, e os 16% não apresentados na Tabela 8 representa os casos para os quais não se encontrou uma explicação satisfatória. São localizadas 124 situações como (26) ...*de qualquer forma...*, (27) ...*amigos da pesada...* (28) *que Deus a castigasse de novo...* e (29) ...*apesar de não cair de pé..* cuja compreensão de acordo com o modelo proposto deixou

⁸⁴ Uma forma possível de se evidenciar a interpretação NI do exemplo, diferenciando-a das demais categorias, é pensando como “ser filho” engendra existir uma relação familiar em que existe um pai.

dúvidas. Mesmo que tenham sido categorizados entre nominais, (26-27), ou verbais, (28-29), esses casos não entraram nas subcategorizações propostas. Provavelmente, para situações como essas, deve-se pensar em cristalizações, colocações⁸⁵ ou em acidentes que escapam ao modelo teórico e que se estabeleceram por replicação.

Novamente, vale pensar que a acidentabilidade na efetivação e na socialização dos usos preposicionais, notadamente para a preposição *de*, é justificada pela sua opacidade semântica; a preposição *de* é uma forma de uso *by default*. Antes de levar adiante a análise das subcategorias, apresento os dados coletados categorizados:

	ND	NQ	NI	Verbal	??	Total
no. de ocorrências	100	108	328	135	129	800
%	13%	17%	38%	17%	15%	100%

Tabela 9: frequência de ocorrências dos dados coletados

As categorias nominais ND, NQ e NI serão separadamente tratadas nas seções seguintes.

6.7.1. Valor Nominal de Direção, ou Origem (ND)

Valor NOMINAL DE DIREÇÃO (ND) representa 19% dos exemplos nominais computados; foram 100 casos sobre um total de 536 casos. As ocorrências dessa categoria têm em comum a possibilidade de ser o segundo elemento nominal, N₂, compreendido como a fonte ao que se faz menção antes, N₁, ou seja, através do uso da

⁸⁵ ‘Cristalizações’ são expressões que não geram novas expressões por analogia ou por algum outro processo; sua ocorrência é condicionada a contextos de uso limitados, como *Era uma vez...* e *via de regra*. Cristalizações se estabelecem através da associação do uso constante replicatório em situações, de alguma forma, ritualizadas. Defino ‘colocação’ como a ocorrência de uma unidade fraseológica de significado global. Formas como *dar no pé*; *ficar de castigo* são exemplos. Sobre o tema, ver G.Dostie (2002)

preposição *de*, perfila-se uma relação de direção sendo que N_1 tem origem em N_2 , como aparece em:

(20) pra ver o q o povo de lá tem pra dizer

Neste exemplo, “o povo” é reconhecido pela sua origem “*de lá*”. A indicação do valor ND para o elemento N_1 é perfilada pela preposição *de*. A mesma interpretação pode ser atribuída ao exemplo seguinte:

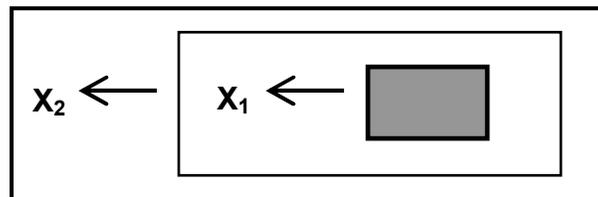
(30) Houve um profeta da Palestina

Em (30), o reconhecimento de valor ND parece-me igualmente clara. O “profeta” tem origem na “Palestina”; o que, em uma ilustração esquemática, pode ser visualizado como:



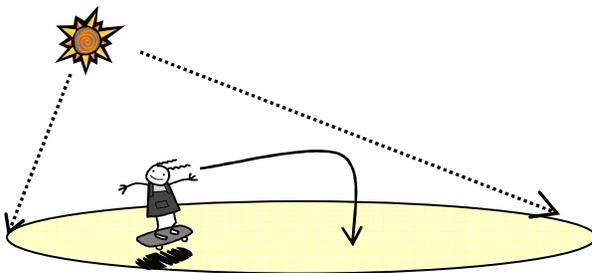
No esquema, ‘X’ é a entidade que tem origem indicada pela seta no retângulo interno. O modelo sumaria a relação entre N_1 e N_2 com valor de direcional de origem estabelecida por *de*. De um ponto de vista de especificação semântica, pode-se dizer que o “profeta” é identificado por sua origem pátria. A interpretação pode ser feita para o exemplo (31) *a menina mais bonita da FATEC*.

O outro exemplo a ser listado como ND permite novamente uma interpretação próxima às já elencadas, mas de caráter mais sutil. Em (19) *o [automóvel] alugado do padre*, a origem do automóvel está no ‘padre’. O carro pertence ao ‘padre’; é ele, portanto a origem do ‘o [automóvel] alugado’. O evento verbal ALUGAR perfila uma relação de origem e destino da entidade alugada. A substituição da preposição *de* pela preposição *para* delinea uma outra direcionalidade para o evento. No lugar de se ter a origem do automóvel “no padre”, desloca-se o automóvel “na direção do padre”. A ocorrência da preposição *de* no exemplo (18) estabelece uma fotografia de onde vem a entidade alugada. O uso da preposição em análise aponta a direção de origem; o uso da preposição *para* mapearia a direção oposta de destino. Nos dois casos de uso preposicional, ocorre a delimitação de relações espaciais. A hipótese do valor espacial primevo para as ocorrências preposicionais se confirma com a análise comparativa entre *para* e *de*. No exemplo (32) *a habilidade especial do herói da história*, o valor de ND é operado em uma relação de rede. Como aparece no esquema abaixo, N_1 tenha origem em N_2 que tenha origem em N_3 , e assim por diante.

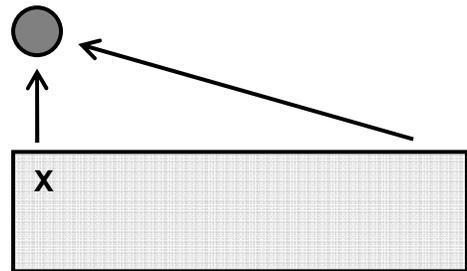


Nesse caso, X_2 , ‘a habilidade especial’ tem origem em X_1 ‘o herói’, que tem origem em ‘a história’. Nos termos da GC, um mesmo sintagma pode desempenhar a função de Trajetor em relação a um Marco; e, em outra situação, opera como o Marco em

relação a outro sintagma. Nota-se que o esquema montado para este exemplo é harmônico com o esquema geral de valor espacial de origem. De forma direta ou indireta, as perfilações cognitivas operam em rede e podem empregar outras preposições. No exemplo hipotético (a) *A menina está na luz do sol*, pode-se propor o seguinte esquema de interpretação:



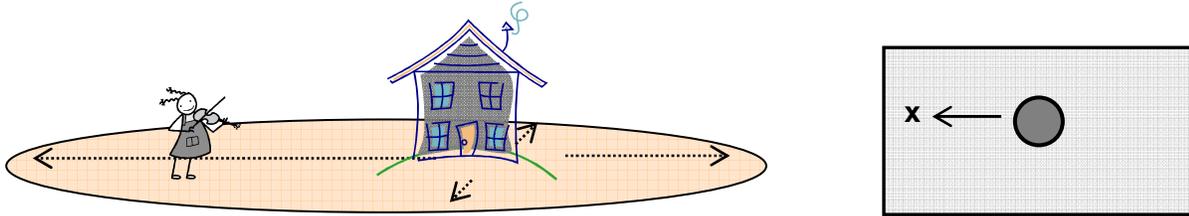
(a) *A menina está na luz do sol*



A ‘luz’ tem origem no ‘sol’, por isso *de*; e a presença de ‘a menina’ no espaço é indicado por *em (na)*. Assim, reconhecem-se a origem da ‘luz’, dada a direção que traça a preposição *de*; e o espaço no qual se encontra ‘a menina’, dada a ocorrência de *em*, que tem valor de localização. No esquema, o espaço, representado pelo retângulo cinza, é “gerado” por essa ‘luz’. Por esse motivo que as setas aparecem em direção contrária às que aparecem no esquema icônico. À preposição *em*, por sua vez, cabe a função de locar *a menina* nesse espaço.

Temos uma situação de operação em rede de SNS e preposições, criando, com isso, um cenário espacial complexo. A ocorrência (32) *eu queria fazer aqui perto de casa mesmo*, colhida no *corpus*, tem situação semelhante para a interpretação da delimitação do venha a ser a proximidade.

Em (32), “casa” dá origem a um espaço que a tem como referência de proximidade; essa relação é perfilada por *de*; em um esquema ilustrativo:



(32) ...*aqui perto de casa mesmo*

Para (32), o círculo indica a origem da proximidade no exemplo – nesse caso, a posição das setas é a mesma nas duas representações –; o retângulo indica a área de proximidade e ‘x’, o dêitico *aqui*, onde se encontra a personagem da representação esquemática. Em suma, vimos nos exemplos como a interpretação de ND para a preposição *de* é harmoniosa com o modelo da GC. Aos exemplos aqui tratados, (30-32), aplica-se a explicação de forma clara e direta.

6.7.2. Valor Nominal de Quantificação, ou Parte (NQ)

A interpretação da preposição *de* como marcação relacional de parte, portanto, de seleção quantitativa em um conjunto é exemplificada nos casos (33-36),

(33) Eles estão no topo de uma colina...

(34) ... e os restos mortais de um polvo

(35) Sim, tipo 50% do tempo...

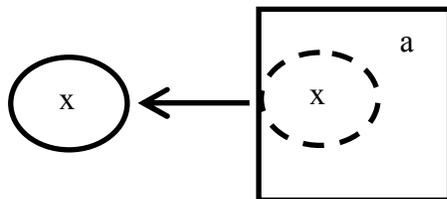
(36) Se eu tivesse um pouco de humildade...

e representa cerca de 20% dos casos locados dentro do rol das sub-categorias nominais, com 108 casos contados.

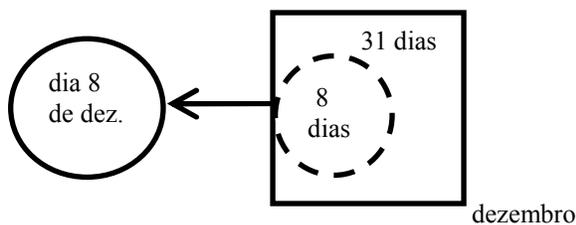
Por valor NOMINAL DE QUANTIFICAÇÃO (NQ), ou por Parte, compreende-se toda e qualquer parcela de um conjunto maior. Supõe-se assim que se ocorre *de* após o quantificador, estabelecendo uma relação partitiva, sendo que o universo originário da parte aparece após a preposição. De maneira precisa ou vaga, o SN anterior à preposição *de* seleciona uma determinada parcela do conjunto apontado pela referência do SN pós-preposição; a direção de determinação da origem da parte segue o mesmo caminho da categoria nominal anterior, ND.

A interpretação NQ pode ser amplamente exemplificada pelas ocorrências colhidas no *corpus* como aparece em (37) *em alguma parte do corpo*, (38) *centro de Porto Alegre*, (39) *dia 8 de dezembro* e (40) *os ultimos (sic) da fila*.

‘Alguma parte’, ‘centro’, ‘8’, ‘últimos’ são partes de conjuntos maiores. Ou seja, ‘alguma parte’ refere-se a uma determinada parte do conjunto ‘corpo’; 8 de dezembro é um e nomeadamente o oitavo dia dos trinta e um dias que compõe o conjunto dezembro. O mesmo raciocínio vale para ‘centro’ e para ‘os últimos’. Existe uma cidade, ‘Porto Alegre’; seu centro é parte dela; existe uma fila; ‘os últimos [colocados]’ são parte dela. É, portanto, condição para sua interpretação em NQ o reconhecimento de formação de subconjunto, cujo conjunto-fonte é posposto à preposição. Esquemáticamente, podemos compreender essa interpretação da seguinte forma:

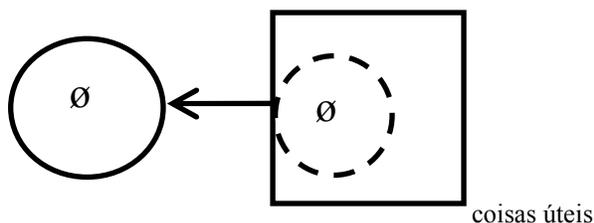


Neste modelo, 'x' é parte do conjunto 'a'. O círculo tracejado foi retirado do conjunto maior; a seta representa o papel relacional NQ atribuído à preposição *de*.



(39)... *dia 8 de dezembro*

Em (39), '8' quantifica o número de dias selecionados no mês de dezembro, sendo que 'dezembro' é um conjunto, mês, com 31 dias. Para o próximo exemplo, (41), a relação de quantificação é semelhante, porém menos precisa:



(41) *Bom hj naum fiz nada de uti(l)... soh descansei...*

Apesar de configurar um conjunto vazio, indicado por \emptyset , ‘x’ seleciona um subconjunto a partir do conjunto maior ‘b’. Outros vários exemplos se encaixam na subcategoria NQ: (42) *Que parte de uma árvore você é?* (43) *pelo resto de minha vida*, (44)... *os vilões no meio do caminho*, e (45) *O instigante George Michael, ex-WHAM, que deixou milhões de fanzocas*.

6.7.3. O Valor Nominal Intrínseco, ou *by default* (NI)

328 ocorrências, o que equivale a 61% dos casos de *de* em ambientes nominais, foram interpretados como NI. O valor NOMINAL INTRÍNSECO para interpretação da preposição *de* é justificado pela sobrepujança semântica que rege a relação entre dois elementos N que ladeiam a preposição.

Emile Benveniste e Ron Langacker explicam o que venha a ser NI⁸⁶. O primeiro dedica-se ao tema em exposição sobre a substituição dos casos latinos pela crescente incidência preposicional, notadamente a substituição do genitivo e do dativo por *de*. Para o autor, relata Hersunld:

Um predicado tal como FILHO é um bom exemplo de substantivo transitivo, ou *relacional*, porque ele pede necessariamente um argumento suplementar: FILHO (x) (‘x tal que x seja filho) deve ser obrigatoriamente estendido para a forma FILHO (x,y) (‘x tal que x seja filho de y); em Benveniste (1974), *filho* équivalente a *filho-de*.” (Hersunld,1980: 82-83) [#53]

⁸⁶ G. Gross (1981) é de opinião contrária, para ele “a preposição que precede o substantivo (como em ‘chemin de fer’ [trilho de ferro]) constitui um elemento sobre o qual não se faz pertinente a busca por um sentido intrínseco” (p. 39) [#54].

Ou seja, a relação filho/pai é inerente aos dois elementos. Não se é pai sem filho, tampouco filho sem pai. A nomenclatura de parentesco determina que ‘pai’ só é possível se houver um ‘filho’; e vice-versa: toda vez que se fala de ‘filho’, presume-se a existência de ‘pai’, sua contrapartida hierárquica no sistema de parentesco das línguas neolatinas.

Em sua análise sobre a preposição inglesa *of*, Langacker (2000a) destaca que essa forma preposicional “[é] frequentemente reduzida /.../ e virtualmente inaudível” (p.77). É possível que *of* tenha este comportamento, porque o seu apagamento não inibe a compreensão da relação *by default* que se estabelece inerentemente entre os elementos que a ladeiam. A especificidade espacial que outras preposições oferecem à relação entre os elementos não ocorre com *of*, e com *de*. Assim como *sob* em português, a forma *under* em inglês, “traça uma relação entre dois elementos em diferentes locações ao longo de um eixo vertical” (2000a:78) [#55]

Retomando o exemplo de Benveniste: o reconhecimento de conceitos inerentes que embasam a relação conceptual pai/filho se encaixa no quadro teórico das relações entre ‘domínios’ (cf. Langacker, 1987; Croft e Cruse, 2004). Basicamente, o que a GC propõe é que os significados das unidades lingüísticas constroem-se em relações conceptuais nas quais existem um domínio-base e conceitos (*frames*) a ele associados. Da mesma forma como o conceito matemático de “raio” é compreendido dentro do domínio “circunferência”, a relação conceptual “filho/pai” pertence ao domínio-base “família”.

O apagamento da preposição *de* em papel *by default* é possível porque sua ocorrência não engendra variação de interpretação. A operação cognitiva de reconhecimento de qual é a relação entre N_1 e N_2 dentro de um determinado domínio-base de um caso como esse permanece inalterada.

Assim, à preposição *de*, pode outorgar-se a função de evidenciar a ocorrência da relação entre os dois elementos nominais, sem especificação de seu valor semântico. Essas ocorrências ilustram que o peso semântico de uma preposição deve ser avaliado, levando-se em conta a carga informacional e a natureza da relação que há entre os elementos que a ladeiam: ‘pai/filho’ e ‘dúzia/ovos’ relacionam-se cognitivamente de formas distintas: o primeiro como NI e o segundo como NQ.

A operação cognitiva da preposição *de* em cada um desses casos será diferente. Mesmo que se trate de outros idiomas e de outros tempos, parece-me possível validar para o PB o que ocorreu com o francês arcaico⁸⁷ e com as línguas crioulas alídicas estudadas por Migge (2003)⁸⁸. A ausência da preposição é aceita porque não afeta a relação de predicação por ela introduzida.

O mesmo acontece fenômeno acontece no PB e no crioulo Cabo-Verdiano. Dulce Duarte⁸⁹ descreve semelhanças no uso preposicional entre as duas línguas. Dentre outros aspectos partilhados, como a substituição do verbo *haver* pela forma *ter*, chamam a atenção de Dulce Duarte a ausência da preposição *a* junto ao verbo *assistir*; a substituição dessa mesma preposição pelas formas sintéticas *no(a)*, como em ‘ir na (à <) casa de João’ e em ‘falar no (ao <) telefone’, e a ausência da preposição *de* em usos oracionais. Exemplifica Duarte: (a) *N sisti un programa na televizaun*. (Eu assisti [a] um programa na televisão); (b) *Ana bai na caza di Djon* (Ana foi na casa do João); (c) *Kel li e un filmi k'in gosta txeu*. (Esse é um filme [de] que gosto muito).

⁸⁷ Exemplos: M. Hersunld (1980): (a) *Le fiz le roi* (O filho o rei); (b) *li serf Dieu* (o servo Deus); em Harrison e Ashby (2003): (c) *Jonas /.../, ki fu el ventre la balaine*. (Jonas /.../ que foi a barriga da baleia); (d) *El cil est fil roi Tibaut l'Escavon*. (O cílio é filho rei Tibaut, o Escavon); (e) *La teste Brun* (A cabeça Bruno).

⁸⁸ Exemplos: Migge (2003): (f) *Den put milk coffee* (Eles colocaram leite café)

⁸⁹ Comentário pessoal.

Isso posto, para a compreensão da expressão langackerina ‘valor inerente’, podemos fazer uso de argumentos empíricos, haja vista que esses clareiam o que venha a ser uma relação inerente à definição da expressão RELAÇÃO INERENTE. Compreende-se que a relação entre dois termos nominais é inerente, se for interpretada, *by default*, de acordo com o aporte semântico dos termos N_1 e N_2 . No lugar de se pensar em um comando de exclusividade sintática, pode-se pensar em um uso preposicional vazio, no qual N_1 e N_2 estabelecem-se como termos relacionados, cuja transparência semântica não é reconhecível sincronicamente.

As relações entre N_1 e N_2 nos exemplos (46-47) são, respectivamente, de natureza inerente, intrínseca (NI), ou *by default*; de direção (ND), em (48-49); e quantificação nos outros dois exemplos (50-51):

- | | |
|-------------------------------------------------|------|
| (46) ... com as taxas de natalidade do jeito... | (NI) |
| (47) Frank Rizzo, Major e Chefe de Polícia | (NI) |
| (48) ... começa com a letra “I” de iscola | (ND) |
| (49) ... isso é coisa de viado. | (ND) |
| (50) ... deixou a quadrilha de contrabando... | (NQ) |
| (51) Que dia da semana você é? | (NQ) |

Para Langacker, o valor intrínseco de *of*, forma equivalente em inglês para *de*, deve ser interpretado como uma motivação semântica não espacial. Em suas palavras, “*of* perfila uma relação intrínseca; é possível reconhecer motivação semântica em seu uso em perífrases nominais”. (Langacker, 1992: 286) [#56].

Seguindo lógica semelhante, porém sem se basear nos princípios da GC, Gaston Gross (1981) expõe solução para a ocorrência de preposições francesas aparentemente

sem motivação semântica. Neste artigo, o autor havia elencado soluções elípticas⁹⁰ para os casos em que a relação N₁ N₂ não lhe parecia clara:

A dificuldade vem do fato de que, em alguns casos, o substantivo classificador [que pode ser apagado é recuperado por elipse] como em (a) *l'avion est à (une altitude de) 1000m* (o avião está a (uma altitude de) 1000m); (b) *Paul est sous (l'effet des) antibiotiques* (Paulo está sob (o efeito de) antibióticos); e (c) *Il a cessé de fumer par (raison de) économie*. (Ele parou de fumar por (razão de) economia) (Gross : 1981:35) [#57]

A possibilidade de redução a uma forma elíptica evidencia a suficiência informativa dos termos que se mantiveram presentes. A motivação semântica é presente, de forma opaca, mas só pode ser mapeada em estudo diacrônico⁹¹. Se for verdade que a preposição *de* exerce *by default* a função de evidenciar a relação intrínseca entre N₁ e N₂, podemos pensar que a preposição *de*:

- (i) pode ser anulada, conservando-se a interpretação prévia;
- (ii) pode ser trocada por outra, mantendo coerência com a nova relação estabelecida entre N₁ e N₂ de acordo com a preposição escolhida; e
- (iii) *de* exerce função de especificação; ou seja, N₂ restringe o valor de N₁, por isso pode ser trocada por um adjetivo.

Nos exemplos (8)... *falta agora o vestibular de ciências*, (10) *o pintinho saiu do ovo* e (12) *o horror tomou conta do coração*, nota-se que *sp*[de ciências] não exerce a

⁹⁰ Sobre o tema ver “Análise funcional da elipse de preposições em português” de E. Saraiva (1984). Neste estudo, a autora conclui que “o contexto discursivo ou pragmático é suficiente para recuperar a relação que seria codificada pela preposição elidida.” (p.95)

⁹¹ Voltarei a este ponto mais adiante, mas gostaria de registrar que este é um caso de diferenças interpretativas de ordem epistemológicas; não empíricas.

mesma função que exercem *SP*[do ovo] e *SP*[do coração]. No exemplo (8), o *SP* especifica (ou modifica) a natureza do *SN*⁹².

Como a interpretação de valor *NI* à preposição *de* não é muito clara, em função de seu caráter *by default*, o exercício de testes introspectivos aplicados a alguns exemplos pode auxiliar em sua avaliação. Alguns dados oriundos da fonte empírica foram escolhidos para os testes e categorizados como *ND*, *NQ* e *NI*. Esses exemplos terão inicialmente a preposição *de* apagada, e será observado se a interpretação *NI by default* continua reconhecível.

Em seguida, a preposição será substituída pelas formas *com*, *em* e *para*. Aqui, será julgada a modificação semântica do exemplo modificado. Se se mantiver interpretação condizente com a situação em que ocorre *de*, atribui-se marcação positiva, [+]; o aporte semântico dos *SNS* que ladeiam a preposição tem expressividade suficiente para esquematizar relação semelhante, mesmo que haja outra preposição no lugar de *de*. Há uma ressalva a ser feita sobre esse teste. Por vezes, a rejeição do exemplo modificado pela troca da preposição (como será notado nos quadros a seguir) deve-se ao fato de ser situação agramatical; e não como um caso em que se estabelece nova relação entre os dois elementos nominais do sintagma. De qualquer forma, o que é levado em conta para compreender as ocorrências como exemplos mais ou menos claros, como possíveis casos prototípicos, é o valor positivo a ele atribuído neste teste. Ao final, será proposta uma forma adjetival derivada do *SP* regido por *de* com o intuito de reconhecer se há, ou não há, situação de especificação.

⁹² Para Langacker (2000b: 81-83), a diferença entre especificação e modificação é uma questão de grau. Para deixar mais clara esta distinção, vamos pensar que, por vezes, um alto grau de qualificação pode não ser suficiente para o exercício da especificação, sendo o oposto igualmente verdadeiro. É possível que uma solitária atribuição de modificação execute efeito de especificação.

Esses três exercícios de interpretação, (i) Apagamento, (ii) Substituição e (iii) Adjetivo, visam assinalar características que compõem o protótipo de uma preposição *de* que opera como NI. Se os exemplos analisados receberem avaliação positiva nos três quesitos apresentados para teste, será tido como caso de protótipo. Por protótipo, concebo a ocorrência concomitante de traços característicos⁹³.

Os testes são concomitantemente aplicados a exemplos NI e NQ oriundos do *corpus*. Nos quadros que seguem, apresenta-se a seguinte notação: se ao exemplo atribui-se interpretação positiva, indica-se com o sinal [+]; a interpretação negativa é indicada com [-]. Caso haja dúvida, marca-se com (?). Divididos em grupos de acordo com o valor atribuído à preposição, os testes são aplicados a casos supostamente típicos de cada uma das possibilidades de interpretação. Assim, um exemplo como (47) deve ser interpretado da seguinte forma:

Tipo de teste	Exemplo (47)	Interpretação	Valor
(i) Apagamento	Chefe <u>Ø</u> Polícia	[+]	(iv) 3/5
(ii) Substituição	Chefe <u>para</u> * <u>em</u> * <u>com</u> Polícia	[+] [-] [-]	
(iii) Adjetivo	Chefe <u>policia</u>	[+]	

(i) mesmo como apagamento da preposição *de*, mantém-se a mesma interpretação; (ii) a substituição da preposição em estudo por *para*, *com* e *em* é aceita no primeiro na caso (com interpretação semelhante à original), mas não o é nos outros dois casos; (iii) é possível a substituição do SP por uma forma adjetival; isso é marca de valor especificação, que é traço de NI; (iv) recebe o valor 3/5, ou seja, das 5 possibilidades de marcação positiva, obteve 3 marcações.

⁹³ Revisão e discussão sobre o estabelecimento de protótipos, com uma boa dose crítica, podem ser encontradas nos trabalhos de G. Kleiber (1990,1994). Nesta parte da pesquisa, opta-se pela proposta protótipo do tipo ‘air de famille’: a eleição do indivíduo prototípico dá-se em função do nível de partilhamento de traços.

Testes

GRUPO 1: exemplos de NI

Tipo de teste	Exemplo (8)	Interpretação	Valor
Apagamento	Falta agora o vestibular <u>Ø</u> ciências ⁹⁴	[+]	4/5
Substituição	Falta agora o vestibular <u>para em *com</u> ciências	[+] [-] [-]	
Adjetivo	Falta agora o vestibular <u>científico</u>	[+]	

Tipo de teste	Exemplo (47)	Interpretação	Valor
Apagamento	Chefe <u>Ø</u> Polícia	[+]	3/5
Substituição	Chefe <u>para *em *com</u> Polícia	[+] [-] [-]	
Adjetivo	Chefe <u>policial</u>	[+]	

Tipo de teste	Exemplo (4)	Interpretação	Valor
Apagamento	O advogado no leito <u>Ø</u> morte pede uma Bíblia...	[+] (?)	3/5 ou 2/5
Substituição	O advogado no leito <u>para *em com</u> ⁹⁵ a morte pede uma Bíblia...	[+] [-] [-]	
Adjetivo	O advogado no leito <u>mortuário</u> pede uma Bíblia...	[+]	

Tipo de teste	Exemplo (24)	Interpretação	Valor
Apagamento	A taxa de mudança <u>Ø</u> volume	[+] (?)	2/5 ou 1/5
Substituição	A taxa de mudança <u>*para, em *com</u> volume	[-] [+] [-]	
Adjetivo	A taxa de mudança <u>*volumal</u> ⁹⁶	[+] (?)	

Tipo de teste	Exemplo (108)	Interpretação	Valor
Apagamento	Não pode fazer pose <u>Ø</u> playboy	[+]	1/5 ou 2/5
Substituição	Não pode fazer pose <u>para, * em com</u> playboy	[-] [-] [-]	
Adjetivo	Não pode fazer pose <u>playboyzística(?)</u>	[+] (?)	

⁹⁴ Como indicação dessa possibilidade: em consulta feita a sites brasileiros via Google (em 12/12/2006), aparece um número significativo de ocorrências como “vestibular medicina”, “vestibular Letras”, “vestibular direito”; como o caso: “específicos do **vestibular Direito** GV, na medida em que não priorizou a avaliação da capacidade de memorização de um grande número de fórmulas e resultados”, do site << educatererra.terra.com.br/vestibular/gabaritos/gv_mat.pdf >>

⁹⁵ Este é um caso em que a sentença formada tem aceitabilidade, mas altera a relação entre as partes nominais do exemplo, conforme foi comentado acima.

⁹⁶ Um caso como este ilustra que a possibilidade de substituição do SP por uma forma adjetiva pode ser restringida pela disponibilidade de itens lexicais condizentes no português. Isso não invalida o teste, haja vista que formas “inexistentes”, como aparece em (64), podem ter seu valor semântico reconhecido.

Tipo de teste	Exemplo (112)	Interpretação	Valor
Apagamento	Chegando na Cidade <u>Ø</u> deus	[-]	1/5
Substituição	Chegando na Cidade <u>para</u> <u>*em</u> <u>com</u> deus	[-] [-][-]	
Adjetivo	Chegando na Cidade <u>divina</u>	[+]	

valor total (a): (4+3+3+ 3+2+1) = 16; valor médio = 16/6 = 2,67
 valor total (b): (4+3+2+ 2+1+1) = 13; valor médio = 13/6 = 2,17
 média (a) e (b) = 2,42⁹⁷

GRUPO 2: exemplos de NQ

Tipo de teste	Exemplo (45)	Interpretação	Valor
Apagamento	George Michael deixou milhões <u>Ø</u> fanzocas	[-]	2/5 ou 1/5
Substituição	George Michael deixou milhões <u>*para em</u> <u>*com</u> fanzocas	[-] [+][-]	
Adjetivo	George Michael deixou milhões fanzocas	[+] (?)	

Tipo de teste	Exemplo (67)	Interpretação	Valor
Apagamento	Gastou um pouco <u>Ø</u> seu tempo para ficar sozinho	[+]	2/5
Substituição	Gastou um pouco <u>*para em</u> <u>*com</u> seu tempo para ficar sozinho	[-] [+][-]	
Adjetivo	Gastou um pouco <u>*temporal</u> para ficar sozinho	[-]	

Tipo de teste	Exemplo (43)	Interpretação	Valor
Apagamento	Se eu tivesse um pouco <u>Ø</u> humildade	[+]	2/5
Substituição	Se eu tivesse um pouco <u>*para em</u> <u>*com</u> humildade	[-] [+][-]	
Adjetivo	Se eu tivesse um pouco <u>*humilde</u>	[-]	

Tipo de teste	Exemplo (91)	Interpretação	Valor
Apagamento	Saudades e montes <u>Ø</u> beijos prá (sic) vocês	[+]	2/5 ou 1/5
Substituição	Saudades e montes <u>*para</u> <u>*em</u> <u>*com</u> beijos prá (sic) vocês	[-] [-][-]	
Adjetivo	Saudades e montes <u>*beijais</u> prá (sic) vocês	[-] (?)	

Tipo de teste	Exemplo (22)	Interpretação	Valor
Apagamento	para averiguar no resto <u>Ø</u> o hospital	[+]	1/5
Substituição	para averiguar no resto <u>*para</u> <u>*em</u> <u>*com</u> o hospital	[-][-] [-]	
Adjetivo	para averiguar no resto <u>hospitalar</u> ⁹⁸	[-]	

⁹⁷ O cálculo do valor médio segue a seguinte fórmula = (média da Σ valores dos quadros /no. de exemplos)

⁹⁸ Neste caso, há aceitação do exemplo modificado, mas com uma interpretação diferente. “Resto hospitalar” não tem sentido espacial como o tem “resto do hospital”. Ao se dizer (a) *Vou conhecer o resto hospitalar*, pensa-se em algo diferente de (b) *Vou conhecer o resto do hospital*.

Tipo de teste	Exemplo (107)	Interpretação	Valor
Apagamento	Pedaço <u>Ø</u> o meu ser	[-]	0/5
Substituição	pedaço <u>*para</u> <u>*em</u> <u>*com</u> o meu ser	[-][-][-]	
Adjetivo	Pedaço <u>existencial</u> (?)	[-]	

(a) valor total: (2+2+2+ 2+1+0) = 10; valor médio = 10/6 = 1,67
(b) valor total: (2+2+2+ 1+1+0) = 8; valor médio = 8/6 = 1,33
média (a) e (b) = {(1,67 +1,33)/2} = 1,50

GRUPO 3: exemplos de ND

Tipo de teste	Exemplo (108)	Interpretação	Valor
Apagamento	são brilhos <u>Ø</u> um céu em cor	[-]	2/5
Substituição	são brilhos <u>*para</u> <u>em</u> <u>*com</u> um céu em cor	[-][+][-]	
Adjetivo	são brilhos <u>celestiais</u> em cor	[+]	

Tipo de teste	Exemplo (29)	Interpretação	Valor
Apagamento	bonita <u>Ø</u> FATEC	[-]	2/5
Substituição	bonita <u>*para</u> <u>em</u> <u>*com</u> FATEC	[-] [+] [-]	
Adjetivo	bonita fatequiiana	[+]	

Tipo de teste	Exemplo (110)	Interpretação	Valor
Apagamento	gosto <u>Ø</u> chiclete	[+]	2/ 5
Substituição	gosto <u>*para</u> <u>*em</u> <u>*com</u> chiclete	[-] [-] [-]	
Adjetivo	gosto <u>chicletal</u>	[+]	

Tipo de teste	Exemplo (16)	Interpretação	Valor
Apagamento	estou orgulhosa <u>Ø</u> vocês	[-]	1/5
Substituição	estou orgulhosa <u>*para</u> <u>*em</u> <u>com</u> vocês	[-] [+][-]	
Adjetivo	estou orgulhosa <u>.....</u>	[-]	

Tipo de teste	Exemplo (34)	Interpretação	Valor
Apagamento	restos mortais <u>Ø</u> um polvo	[-]	2/5 ou 1/5
Substituição	restos mortais <u>*para</u> <u>em</u> <u>*com</u> um polvo	[-] [+] (?) [-]	
Adjetivo	restos mortais <u>marinhos</u> (?)	[+]	

Tipo de teste	Exemplo (109)	Interpretação	Valor
Apagamento	Donas-de-casa <u>Ø</u> a cidade	[-]	2/5 ou 1/5
Substituição	Donas-de-casa <u>*para</u> <u>em</u> <u>*com</u> a cidade	[-][+] (?) [-]	
Adjetivo	Donas-de-casa <u>cidadinas</u>	[+]	

(a) valor total: $(2+2+2+ 2+1+0) = 10$; valor médio = $9/6 = 1,5$
 (b) valor total: $(2+2+2+ 1+1+0) = 9$; valor médio = $7/6 = 1,17$
 média (a) e (b) = $\{(1,17 + 1,5)/2\} = 1,33$

Os testes remetem a valores relativos interessantes. Se é certo que se mantém um elevado nível de dubiedade; é também certo que os testes oferecem uma base de comparação a ser levada em conta. Com intuito comparativo, a aplicação dos testes a 18 exemplos colhidos do *corpus* estabeleceu os seguintes valores:

	NI	NQ	ND
média positiva	2,42	1,50	1,33
% ⁹⁹	48%	30%	27 %

Tabela 10: índices de prototipidade de NI, a partir das testagens

Em 43% das possibilidades de marcação, a interpretação NI recebeu leitura positiva. Esse valor representa 13% a mais de marcas positivas se comparada com o NQ e 17% a mais no caso da categoria ND. Pode-se concluir, portanto, que a comparação dos índices de prototipidade de ocorrências, como aqui foi feito, é uma estratégia possível para o reconhecimento de situação de uso *by default* para a preposição *de*.

Outra indicação interessante a ser apontada entre as três categorias está no papel que o SN pós-preposição exerce. Consideremos (8), (22) e (108):

- (8) vestibular de ciências
- (22) resto do hospital
- (108) brilhos do céu

⁹⁹ A ser considerado que 100% é total de marcações positivas o que equivaleria a $30/6 = 5$.

exemplos claros de NI, NQ e ND¹⁰⁰, respectivamente, temos que cada um dos SNS pós-preposição associa-se a um papel temático diferente reconhecível por uma pergunta condizente com essa interpretação. Não é tarefa desta pesquisa a discussão sobre os papéis temáticos. Mas o reconhecimento de papéis temáticos é um recurso a mais para a interpretação das relações entre as partes nominais da qual participa a preposição em análise. Assim, para (8) seria pertinente uma pergunta do tipo: ‘vestibular de/para o quê?’; para (22), ‘resto de que?’ e para (108), parece-me pertinente uma indagação como ‘brilho de onde?’ Nota-se que apenas o exemplo NI, a saber (8), aceita variação de preposição na pergunta-teste.

A meu ver, as indicações aqui apresentadas possuem considerável valor descritivo. A avaliação pessoal, a aplicação de testes e um breve exercício de reconhecimento de casos levam a essa afirmação. No entanto, como os valores matriciais apresentados nos testes e em uma possível variação de interpretação dos exemplos das categorias, faz-se necessário registrar a ocorrência de forte variação no grau de “pertencimento” a cada uma das categorias. Levando-se em conta os mecanismos analíticos apresentados, percebe-se que há exemplos cuja interpretação é mais fácil do que a de outros exemplos.

Em função disso, passo a considerar o último passo da categorização dos exemplos tratados em granularidade ampla. Para tal, serão usados os preceitos da

¹⁰⁰ Estes exemplos foram encontrados nos seguintes contextos de ocorrência (*cf.* Dados, em CD anexo); são eles: (8) Eh....meus vestibulares taum quase acabando.....soh falta agora o **de** ciencias....o **de** historia e **do de** espanhol. /.../(22) quando tenta se levantar para averiguar no resto **do** hospital Annity é segura pelo médico: /.../ (108) A beleza **de** teus olhos // eu julgo, eu analiso: // são brilhos **de** um céu em cor de mil momentos.

GRAMÁTICA DE CONSTRUÇÕES apresentada por William Croft (2001)¹⁰¹ e, de certa forma, também por Margarida Salomão (1990).

6.8. Gramática de Construções

Gramática (Radical) de Construções (GCr) – em inglês: *Radical Construction Grammar* – é o nome dado a um modelo de análise sintática que se anuncia como “uma severa ruptura com as teorias sintáticas precedentes” (Croft, 2001:4) [#58]. Destaca-se a assertividade da manifestação de separação entre escolas teóricas, porque o modelo da GCr não busca por princípios gerais e subseqüentes formas de superfície; a GCr não patrocina a existência de estruturas orgânicas mentais que explicariam as diversas manifestações sentenciais e sintagmáticas; o que almeja a GCr é listar as construções possíveis, que, apesar de Croft atribuir-lhes algum valor arbitrário, são, a meu ver, de provável alastramento analógico para uma língua ou para um tipo de língua: “Gramática (Radical) de Construções oferece uma forma de integrar variações sincrônicas internas às línguas com posturas tipológicas.” (Croft, 2000:7)[#59]. Por esses motivos, Croft a nomeia como uma proposta ‘radical’ – adjetivo que não tem sido usado em textos brasileiros.

Nessa nova vertente, tem-se algo como uma metodologia de análise sintática ‘empírica realista de aplicação tipológica’. O trabalho de Willian Croft associa, às descrições sintáticas advindas das linhas gerativa e funcionalista, o intenso aporte teórico

¹⁰¹ É importante assinalar que a entrada do arcabouço teórico da Gramática de Construções nesta tese se deu na parte final de um logo percurso teórico. Os primeiros ensaios de análise se serviram de argumentos funcionais; não resultaram em indicações satisfatórias. Passou-se a uma pesquisa cognitiva. Dentro dos postulados cognitivos, houve um movimento da pesquisa que associou argumentos cognitivos e diacrônicos para levar a diante a hipótese proposta. A meu ver, a análise já era forte, mas carecia de exercícios comprobatórios auxiliares. Com esse intuito, foram aplicados testes de avaliação. Novamente, o resultado dos testes deixou a desejar. Neste caso, passou-se para uma nova linha teórica que comunga vários postulados com a GC. A GCr aglomera argumentos diacrônicos e cognitivos. É certo que uma entrada mais detalhada nesta teoria seria de bom alvitre, mas esse percurso deverá ser traçado em pesquisas e estudos futuros.

e empírico que oferta a GC sobre a cognição humana e animal, mas que, avalio, tem pouca lida com a sintaxe.

O projeto da GC é assumidamente semiológico e não centra esforços na descrição das formas organizacionais, mas sobre suas operações cognitivas corporificadas e simbólicas (*cf.* Langacker, 2000b). A GCr, por sua vez, assevera a possibilidade de lida cognitiva para as construções sintáticas. As variações semânticas podem ser, de certa forma, claramente percebidas através de julgamento introspectivo. A percepção do valor cognitivo dos construtos sintáticos pode exigir a realização de movimentos comparativos diacrônicos.

O projeto da GCr tem, com isso, caráter pancrônico; é, de fato, uma ruptura ‘radical’ como os modelos de análise sintática comumente praticados no século XX, e pode ser sumariada em cinco tópicos¹⁰²:

- (i) Não há formas sintáticas infinitas; os grupos lingüísticos disponibilizam de um determinado rol de possibilidades;
- (ii) Comuns às construções sintáticas são as oposições entre parte/todo (meronímica); as funções ocupadas pelos elementos sentenciais são mapeadas pelos papéis temáticos.
- (iii) Generalizações entre línguas e entre usos internos a uma mesma língua podem ser estabelecidas através de protótipo e usos em níveis prototípicos derivados do primeiro.
- (iv) As formas se estabelecem por motivação semântica, através de relação simbólica.
- (v) Os únicos primitivos gramaticais são construtos.

¹⁰² W. Croft abre esta seção com as seguintes palavras “Gramática (Radical) de Construções Radical é impressionantemente simples – é um modelo de representação sintática genuinamente minimalista” (2001:362) [#60]

Ou seja, a GCr espousa a seguinte hipótese central: as línguas elencam séries de construções sintáticas, de regra básica meronímica, a serem praticadas pelos falantes. Os idiomas podem ser agrupados em categorias tipológicas que justo se diferenciam pelo leque de construções postas em uso.

É condizente com a teoria pensar em uma hierarquia de possibilidades sintáticas: construções sintáticas traçam nuances entre formas mais próximas ou mais distantes dos modelos primitivos prototípicos. O uso de protótipos é, portanto, um artifício central para a GCr.

Se considerarmos este aspecto, Margarida Salomão (1990) já argumentava em favor de um modelo de construções apresentação de sua tese. A autora não nomeia sua pesquisa como fiel a uma Gramática de Construções. No entanto, a descrição que apresenta sobre a polissemia do verbo *dar* e suas associações preposicionais usa de artifícios teóricos e analíticos nitidamente construcionais. Para se ter uma idéia dessa posição, o resumo da tese, interessante assinado por seu orientador Charles Fillmore, termina com o seguinte apontamento:

A análise do verbo *dar* no português brasileiro sugere que a gramática de uma língua deve ser vista como uma estrutura conceitualmente motivada; e, assim, não pode ser explicada se que sejam feitas referências a parâmetros semânticos e cognitivos. (Salomão, 1990:2) [#61]

Posto em outros termos, assim como o faz Croft, Margarida Salomão faz uso de uma série de mecanismos explanatórios sintáticos e semânticos frontalmente contrários ao estruturalismo e gerativismo. Tais apontamentos serão, posteriormente, agrupados sob o epíteto ‘severa ruptura’ da Gramática de Construções. A seguir listo trechos de seu texto que me levaram a tal constatação:

“... há evidências em prol da proposta de Lakoff, segundo a qual a gramática deve ser vista como uma ‘categoria radial de construções’” (Salomão, 1990:283)

“... o contraste entre as duas construções modais com *dar /.../* é uma questão de perspectiva” (p.21)

“O fato de a teoria de categorizações radiais admitir os conceitos de categorização central e subcentros torna esta noção extremamente útil na compreensão do efeito prototípico”. (p.27)

“... as construções não-centrais são tratadas como variações de uma Construção Central; e, desta forma, espera-se que essas possuam traços da Construção Central” (p.38)

[#62]

Parece-me correto reconhecer em Lakoff, Fillmore, Ross e respectivos grupos de pesquisa, os fundamentos do modelo GCr, haja vista que esses já se empenhavam em um projeto teórico e empírico de cunho cognitivo que lidava com temas semânticos, sintáticos e lexicais, assumindo, para tal, padrões prototípicos de explicação. A GCr é um projeto científico que tem cancha e porosidade para contemplar, sem inflação epistemológica, a entrada de fenômenos diacrônicos e contextuais.

6.8.1. Protótipos Lingüísticos

Há vasta literatura em lingüística sobre protótipos. Uma ótima apresentação sobre o tema aparece em *Linguistic Categorization: prototypes in linguistic theory*, de John Taylor (1995)¹⁰³. M. Perini (1994) e H. Mello (1990) também discorrem sobre o tema,

¹⁰³ Para um estudo aprofundado sobre protótipos lingüísticos, é importante pensar em elementos da lógica de Boole; notadamente no que tange as diversas formas distribucionais que podem assumir modelos prototípicos.

sendo o primeiro propositor de tratamento discreto com vista ao estabelecimento de classes regidas por traços.

M. Perini não sugere simplicidade nesta investida, tanto o é que aceita que elementos sejam locados em ambientes de duas ou mais classes, mas sustenta haver classes sintáticas e lexicais discretas. Heliana Mello, por sua vez, inspira-se em Háj Ross (textos de 1972, 1973, 1974) e propõe que se adote um modelo de *squiches*; explica:

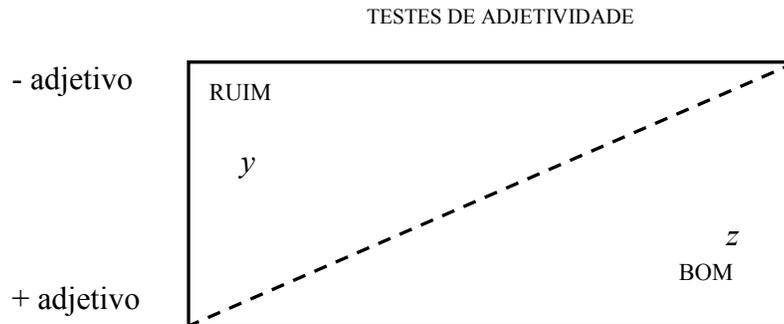
... as palavras, assim como as funções sintáticas, compõem um *quasi-continuum*, em oposição à classificação discreta tradicional. Um *squich* é uma matriz que evidencia o grau de pertinência de uma dada forma em uma dada classe, ou seja, através de um *squich*, pode-se perceber que há, por exemplo, diferentes graus de nominalidade... (Mello, 1990:128)

A partir das proposições de Mello, vamos assumir que protótipo é um elemento que possui a maior marcação matricial dentro de um grupo analisado. Uma maior incidência de marcas características de uma determinada categoria aufere à ocorrência avaliada o rótulo de ‘exemplo mais típico’¹⁰⁴. As outras ocorrências analisadas serão locadas mais ou menos próximas deste exemplo de acordo com a variação da quantidade os traços coletados¹⁰⁵. Em Mello (1990:129), é proposta uma ilustração sobre como se vê,

¹⁰⁴ Esta opção não é partilhada por todas as linhas de pesquisa. Para os gerativistas, mesmo na lida com questões de ordem diacrônica, pensa-se em categorias discretas. J. Ramos e L. Vitral (2006), autores gerativistas, ao tratarem sobre o tema, afirmam que: “Para nós, ou o item é de uma classe ou de outra. Em outras palavras, quando o item é inserido numa estrutura oracional, ele já tem sua classe sintática definida. /.../ Dentro de uma estrutura um item nunca tem estatuto categorial indefinido ou mesmo ambíguo.” (p.24)

¹⁰⁵ É característico dos estudos lingüísticos o fato de os protótipos de uso da linguagem sofrerem alterações, corrupções e perda prototipicidade. Uma expressão que, em uma dada época, é marca forte de linguagem juvenil, por exemplo, pode ocupar nova função prototípica em outro momento da história desta comunidade de fala, ou perder, por completo, seu valor de destaque identitário que exercia num tempo anterior.

em uma matriz de traços, os casos de maior e de menor grau de pertencimento a uma categoria, no caso: adjetivo; com algumas adaptações reproduzo-a seguir:



Na parte superior do esquema, são dispostos os exemplos, partindo do ‘menos adjetivo’ em direção ao ‘mais adjetivo’. No eixo lateral, listam-se os traços característicos. Assim, *y* é um caso de um adjetivo com muitas marcas de baixa adjetividade; portanto, elemento RUIM na escala prototípica. O exemplo *z*, dada a posição que ocupa na matriz, é exemplo de alta adjetividade – logo, um exemplo BOM.

Será utilizado padrão semelhante; porém em posição diferente, posto que a análise partiu de um elemento mais pertinente – o que seria o exemplo BOM – para um outro menos pertinente – exemplo RUIM. Tem-se, contudo, a mesma inclinação de reta.

6.8.2. Aplicação a Exemplos do *corpus* – análise de NI

Se dispusermos os dados dos testes em uma tabela comparativa (*cf.* Tabela 11), observaremos que, entre os exemplos analisados como elementos do grupo NI, há uma reta descendente indicativa da passagem de um elemento com mais marcações

características de interpretação *by default* para uma menos marcada (veja na área ‘a’ do gráfico).

Na tabela, o reconhecimento de maior pertencimento a uma categoria é avaliada pela quantidade de marcações positivas que aparecem associadas a cada um dos exemplos analisados. Observa-se que a linha tracejada que corta a tabela 11 na parte associada ao grupo em exame tem formato igual ao apresentado por Mello (1990):

EXS.	GRUPO NI						GRUPO NQ						GRUPO ND					
	8	47	4	24	108	53	45	67	43	91	22	107	109	29	110	16	34	111
Teste 1	+	+	+?	+?	-	-	-	+	+	+	+	-	-	-	+	-	-	-
Teste 2a	+	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-
Teste 2b	+	-	+	+	-	-	+	+	+	-	-	-	+	+	-	+	-	+
Teste 2c	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Teste 3	+	+	+	+	+?	+	+?	-	-	-?	-	-	+	+	+	-	+	+
SOMA	4	3	2/3	2/3	1/2	1	1/2	2	2	1/2	1	0	2	2	2	1	1/2	1/2

Tabela 11: matriz de traços observados nos testes, de acordo com o protótipo de NI

Que se apresenta graficamente da seguinte forma:

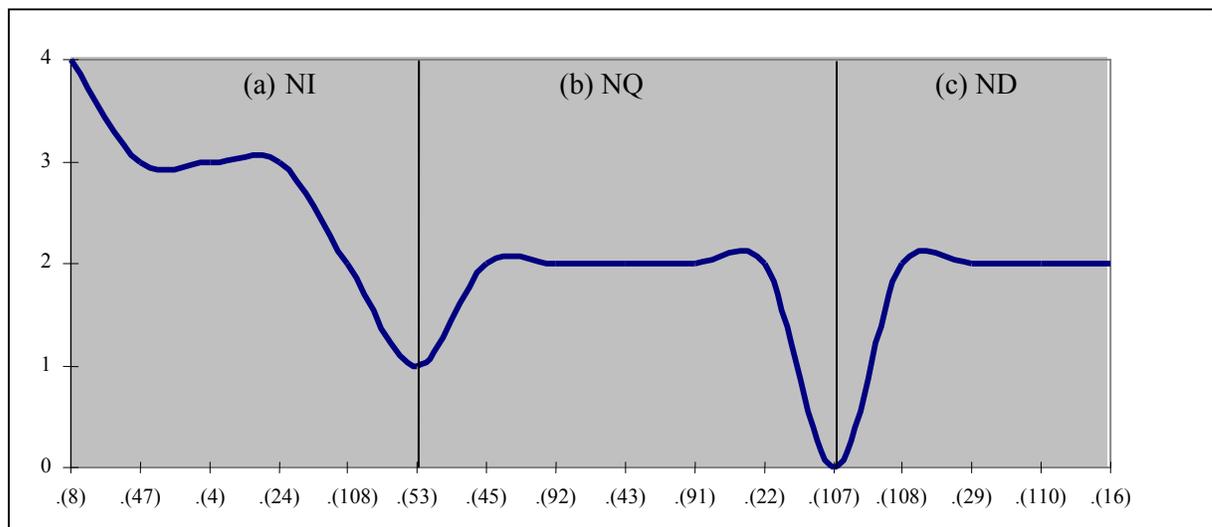


Gráfico 4: traços de pertinência ao modelo, de acordo com o protótipo de NI

A interpretação NI tem, no exemplo (8), seu prototípico e, em (53), sua ocorrência menos característica. Na área (b), relativa a NQ, e na área (c), relativa a ND, não há traçado de tendência. Isso não é estranho, posto que os testes visavam a interpretação do valor prototípico de NI e não das demais categorias propostas. De fato, em termos ideais, seria de boa valia que testes específicos fossem aplicados às interpretações NQ e ND; o que poderá ser feito em pesquisas futuras. Não obstante, tem mais relevância a aplicação de testes de interpretação para os casos mais opacos. Entre os valores NQ, ND e NI, parece-me certo ser o último a interpretação que exige análise mais acurada.

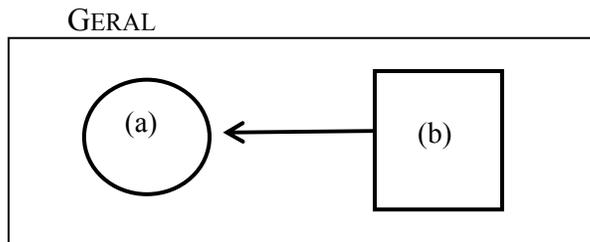
Tudo se passa como se houvesse um modelo básico central e, na ordem ND, NQ e NI, tivéssemos uma escala de distanciamento contínuo radial, sendo que mais próximo do modelo básico está a interpretação Nominal Direção, em seguida, Nominal de Quantidade e, por último, e assim, a mais opaca, a leitura Nominal Inerente. Este é o croquis de um modelo prototípico radial geral que veremos a seguir¹⁰⁶.

6.8.3. Proposta de Modelo Prototípico Geral, ou Central

Retomo a hipótese central da tese para a apresentação do modelo central, ou geral, de análise: a preposição *de* tem como valor prototípico a marcação de movimentação espacial de origem. Isto é, em sua acepção prototípica, *de* exerce valor semântico que lhe era outorgado pela palavra plena de origem. Esse valor histórico é reconhecido no modelo prototípico geral.

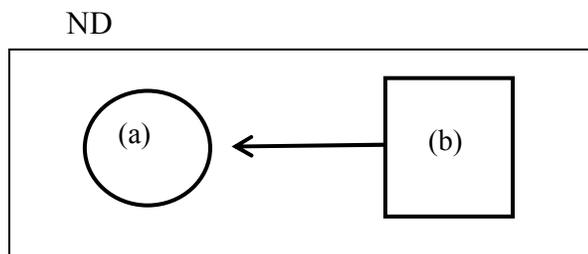
¹⁰⁶ Cida Araújo desenvolve investigação sobre outras preposições do PB e segue linha de pesquisa semelhante. Em trabalho inédito, ao qual tive acesso, a pesquisadora traça ‘rede semântica’ para a interpretação da forma *sob*.

Esquemáticamente, tem-se:



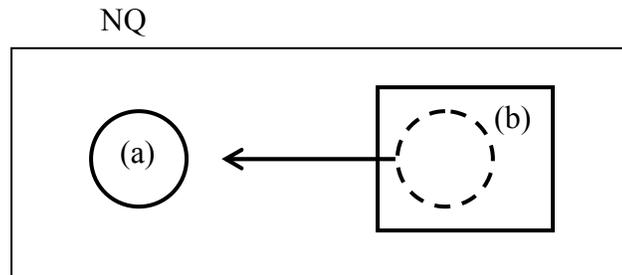
sendo que, entre os elementos do esquema, ocorre a seta indicativa da direção de origem marcada pela preposição *de* entre a forma (a) e a forma (b); sendo (a) \neq (b). A segunda forma, o quadrado, representa de onde vem a primeira, o círculo. A partir deste modelo prototípico, estabelecem-se as interpretações derivadas: ND, NQ e NI.

A interpretação de valor ND é a mais próxima do modelo genérico. Valor nominal de direção é ilustrado por casos como (57) *Risada maligna de alguém q tem* e (60) *caia uma lágrima do rosto*. É nítido o aporte informacional da preposição ao verbo. A interpretação ND em muito se assemelha ao modelo geral. É da parte (b) que tem origem o elemento em (a). Esquemáticamente,



O segundo modelo interpretativo derivado de um modelo geral refere-se ao valor nominal de quantificação (NQ). A partir do lugar de origem institui-se um conjunto de uma quantidade x . Ou seja, o elemento (a) do esquema é composto por elementos cuja origem é o todo, representado em (b).

Esta forma de interpretação pode ser exemplificada por (70) *foram 5 tubos de sangue* e por (74) *dois litros de leite atravessaram a rua*. Em forma de esquema, tem-se a seguinte apresentação:

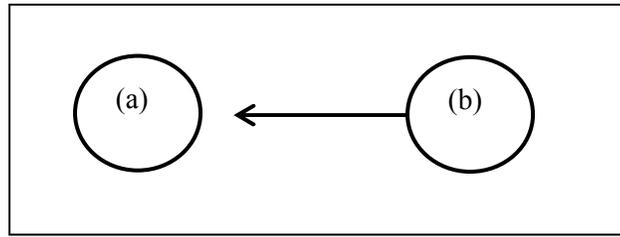


Esses dois modelos iniciais de interpretação se distinguem. Em NQ, constituem-se grupos com uma determinada quantidade comumente praticada; em ND, refere-se a unidades que vêm de um ponto de origem (b). A interpretação NQ é mais opaca do que ND.

A terceira interpretação é a que mais se distancia do modelo prototípico. NI, valor nominal inerente, refere-se a um uso preposicional a tal ponto gramaticalizado que pode ser reconhecido como forma de construção gramatical, própria às línguas neolatinas, que apenas evidencia uma relação inerente entre dois itens nominais. O valor semântico que se atribui a *de*, entre N_1 e N_2 , advém do aporte semântico das palavras plenas e não da preposição ela mesma; como em (52) *Dias deliciosos de praia* e (53) *Mansão da Barbie*.

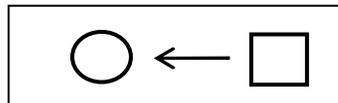
No esquema que delinea essa fraca relação derivada do modelo genérico, a formas (a) e (b) aparecem com a mesma forma ilustrativa, (a) = (b). A hierarquia meronímica, presente em ND e em NQ, em NI, não mais é reconhecida:

NI

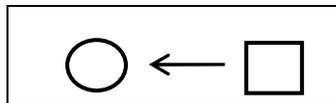


A comparação entre os modelos propostos revela um aspecto interessante da GCr (logo a seguir). Há uma perda progressiva e concatenada perda de especificidade dos componentes do esquema, conservando-se a sua organização. Passa-se de uma composição de 3 elementos concomitantes e distintos: o círculo, o quadrado e a seta, para uma composição de dois elementos distintos:

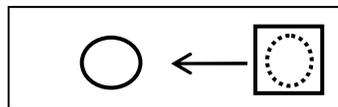
GERAL



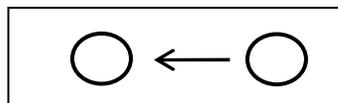
ND



NQ

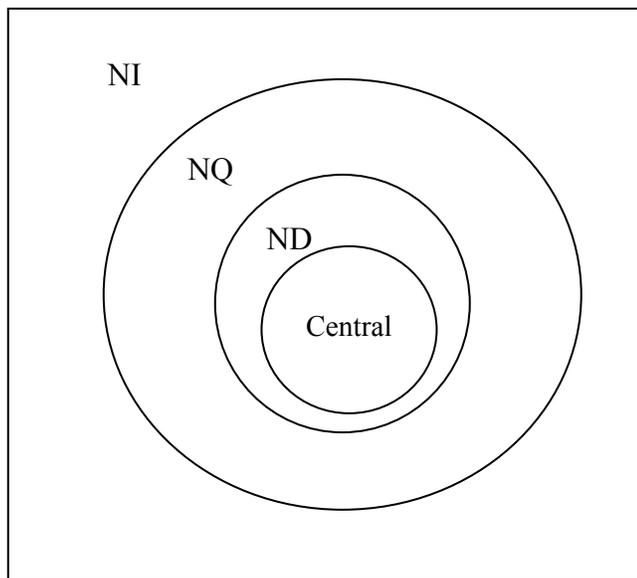


NI



Ocorre um progressivo esvaziamento do valor prototípico geral, de ND para NI. Neste processo, o esquema torna-se menos individualizado no que concerne às funções dos seus integrantes, mas mantém-se a construção que põe em relação dois elementos nominais através de um item preposicional. A meu ver, isso é um indicativo satisfatório do valor tipológico da construção $[N_1 \text{ de } N_2]$ da língua portuguesa.

Para usar a proposta da GCr, é interessante dispor os esquemas interpretativos em um esquema radial. Como será nota abaixo, o modelo Geral, agora nomeado como Central, ocupa posição nuclear a partir da qual ND, NQ e, finalmente, NI se organizam:



ND é a forma mais próxima da construção central; NQ aparece com um pouco mais de distância e NI, dado o afastamento, conserva poucos e opacos traços do modelo

central.¹⁰⁷ É uma forma conceitualmente justificada, mas superficialmente opaca. Nos termos de Margarida Salomão: “A gramática é conceitualmente motivada; mas não necessariamente conceitualmente transparente.” (1990:286) [#63]

6.9. Análises de casos específicos

Nesta parte da tese, servindo-me das discussões teóricas e metodológicas que a antecedem, dedico-me à análise de casos específicos. No lugar, portanto, de adotar uma granularidade ampla para a pesquisa, passa-se ao uso de uma granularidade fina. O estudo de casos específicos aplica, em escala reduzida, preceitos amplos. Tem-se, portanto, ao mesmo tempo, exemplificação que endossa a análise empírica anterior e peculiaridades próprias a cada caso.

Dois casos serão analisados: (i) o uso da preposição *de* em alguns quantificadores, mas não todos (*cf.* 6.9.1); e (ii) uma aposta diacrônica e cognitiva para descrever a regência dos verbos *gostar* e *achar* (*cf.* 6.9.2).

6.9.1. O Uso da Preposição em SPs Quantificadores

A interpretação que apresento ajuda a resolver uma indagação apontada por Gilles Fauconnier em 1977. Em seu doutorado, Fauconnier aponta para o fato de haver aceitação de (a) *beaucoup de chevaux* (muitos cavalos) e a refuta de sua forma singular, (b) **beaucoup de cheval* (*muito cavalo); propõe uma explicação que, a meu ver, é pouco clara; segundo ele:

¹⁰⁷ G. Kleiber (1990) ressalta a importância do conceito de protótipo para os trabalhos em lingüística. O autor alerta para o fato de pesquisadores não se preocuparem com as estruturas que podem ocorrer dentro os diversos modelos de protótipos. No caso desta pesquisa, assume-se o modelo ‘radial’. Os esquemas de protótipo apresentados por Kleiber no artigo citado são: ‘modelo-flor’; ‘air-de-famille’ e ‘modelo cadeia’.

Isso é válido para substantivos “contáveis” /.../ e para substantivos referentes a substâncias e substantivos abstratos empregados com o sentido de espécie /.../ No entanto, *beaucoup* aparece também na forma singular. (Fauconnier,1977:226) [#64]

A restrição semântica proposta por Fauconnier pode ser reescrita da seguinte forma: a presença da preposição *de* entre o SN e SP deve-se à natureza do complemento pós-preposição.

Pela nova proposta apresentada, o que justifica a validade de (a), exemplo no qual o SN contido pelo SP aparece na forma plural, tem a ver com o valor de NQ da preposição *de*; e não com a natureza do SN por ele contido. O exemplo (a) *beaucoup de chevaux* é aceitável no plural, porque não se pode fazer referência a uma grande quantidade de “cavalos” a partir de um “cavalo” apenas. Ou seja, só é possível reconhecer parte de um conjunto formado por entidades discretas se houver mais de uma entidade nesse conjunto.

A interpretação da preposição *de* como NQ está diretamente relacionada ao valor semântico inicial de ‘*beaucoup*’ (“avoir un beau coup de...(ter uma grande fatia de...)). *Beaucoup* tem valor quantificador, e não de intensificador. Em francês, essa função é exercida pelo advérbio *très* (cf. cap.4 da tese). Assim, também não é aceito outro exemplo citado por Fauconnier (1977:219), (c) **beaucoup de journal* (*muito de jornal): *journal* (jornal) no singular não pode configurar um conjunto do qual se retira outro menor.

Por esse critério, elucidam-se o porquê de ocorrências como (d) *milhares de pessoas*, (e) *centenas de pessoas* e (f) *levas de pessoas*, mas não serem possíveis as mesmas estruturas sintagmáticas, porém com os numerais no singular: (g) **mil de pessoas* e (h) **cem de pessoas*. ‘Milhares’, ‘centenas’ e ‘dúzias’, assim como as expressões ‘grupo’ e ‘um tanto’, são conjuntos formados a partir de uma de relação entre

quantificador e quantificado perfilada pela preposição *de* em sua acepção NQ. Os SNS anteriores à preposição nos exemplos (d-f) compõem conjuntos e não quantidades binárias exatas.

A ocorrência do *corpus* de número (45) *O instigante George Michael, ex-WHAM, que deixou milhões de fanzocas* é exemplo dessa situação. Em (45), “milhões” não deve ser interpretado como uma quantidade de pessoas que ultrapasse de fato $1,1 \times 10^6$, mas como um conjunto, pouco definido numericamente, porém bastante significativo para o texto no qual se usou a expressão. Ainda dentre dessa linha de raciocínio, parece-me ser possível resolver ainda uma outra questão; esta apresentada por Robert Dale “[como] um particularmente importante ponto de vista sobre a referência subsequente” (1992: 25); e diz ele:

Isso sugere que as descrições subsequentes [à preposição] dependem mais da semântica do que está sendo descrito do que da sua sintaxe do núcleo do o sintagma nominal que o antecede (1992:25) [#65]

Conforme já citado antes, Dale (1992) lista casos como (a) *a few drops of wine vinegar* (algumas gotas de vinagre), (b) *a handful of raisins* (uma mãozada de uvas) e (c) *avocado skin* (casca de abacate), (d) *garlic glove* (dente de alho) e (e) *alfafa sprout* (broto de alfafa). Não aparece a preposição *of* em todos esses casos, mas a ambigüidade na escolha do ponto semântico ou sintático mais importante ser a quantificação ou a referência está presente.

Diferentemente de Arnold Zwick (1993), que sugere haver três possibilidades de interpretação para o valor núcleo de uma forma de modelo $_{SN}[_{SP}[_{SN}[\dots]]]$ – para o autor ou se tem (i) referência semântica; (ii) obrigatoriedade sintática ou (iii) lócus morfossintático

–, a meu ver, o que vale é a relação entre os dois SNS mediada pela preposição; trata-se, portanto, de uma interpretação semântica da relação estabelecida por *de*. Se considerarmos o modelo interpretativo cognitivo de *de*, e sua forma aloléxica¹⁰⁸ inglês, não é a semântica do núcleo sintático (‘head’) do SN anterior, quantificador, ou do núcleo do SN posterior à preposição *of*; o que vale é a relação entre os dois SNS.

O fato de ser ainda mais marcada a ambigüidade em português – como nos pares (vi) *colher de metal* e (vii) *colher de sopa*; (viii) *barril de madeira* e (ix) *barril de pólvora* – permite enxergar que o que vale é a relação entre os SNS que ladeiam a preposição e não os valores semânticos desses sintagmas isoladamente; mas a relação perfilada pela preposição. Como forma de testagem, pode-se atestar que a interpretação de *colher de sopa* como ‘colher para sopa’, e *barril de pólvora* como ‘barril para pólvora’ são, ao contrário dos outros exemplos, possíveis.

6.9.2. A Regência dos Verbos *Gostar* e *Achar*

(i) *Gostar*

Gostar é um verbo que aparece com complemento SP de preposição *de*. Apesar de ter significado bastante próximo de *adorar*, o primeiro se distingue do último pela

¹⁰⁸ Este termo técnico é usado por A. Wierzbicka e S. Bién respectivos grupos de pesquisa para designar manifestações lexicais distintas em idiomas distintos, porém de valor semântico universal, como explica S. Bién (1973:144) “introducimos a noção de “lexema”; um lexema-tipo (lexeme-type) é consistido pelo conjunto de seus aloléxicos e a escolha de uma função que descreve qual deles deve ser usado em um dado contexto. Todos aloléxicos de um lexema devem ser, do ponto de vista lingüístico plenamente equivalentes, apesar de ter forma sonora e escrita diferente.” [#66]. Aproprio-me do termo, originalmente usado para as categorias semânticas universais, para aludir à situação de funcionamento preposicional. Sobre o tema, há vários artigos disponibilizados no site <<<http://www.une.edu.au/lcl/nsm/nsm.php>>> (outubro, 2006)

exigência da preposição. Os exemplos (32-34) ilustram tal demanda específica de complemento:

- (32) como gosto **de** esportes e natureza lá fui eu
>> (32') *como gosto esportes e natureza lá fui eu
(33) eu gosto **de** ti
>> (33')* eu gosto ti
(34) eu admito que gosto **de** sexo
>> (34') * eu admito que gosto sexo

Gostaria de propor explicação para o porquê dessa exigência sintática pura. Por sintática pura, pensa-se em traços de uso lingüístico aos quais não se associam motivações semânticas¹⁰⁹. Assim, a ocorrência da preposição *de*, junto ao verbo *gostar*, pode ser classificada como uma demanda 'sintática pura'. Creio que há outra visão possível para esse caso, a partir de argumentos que associam a interpretação desta preposição como sentido de origem e argumentos de ordem diacrônica. Para tal, vou me servir da comparação com o verbo *adorar*.

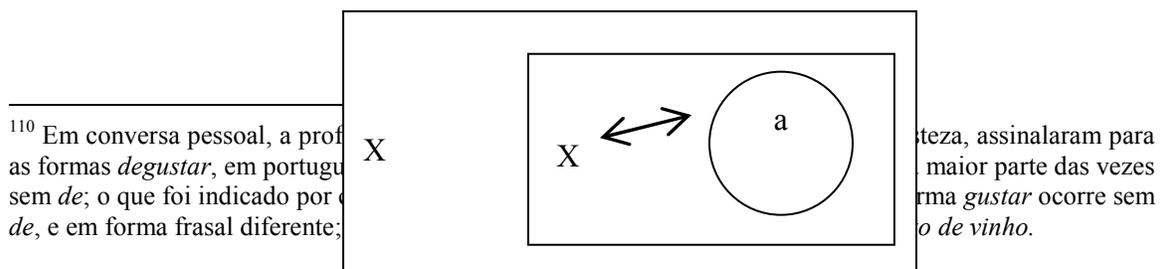
Registra a literatura que o verbo *gostar* do português tem origem no verbo latino *g *stare*, cujo significado é 'provar', 'saborear' e 'experimentar'. (Lispki, 1975:151). Pelo menos parcialmente, as formas *gôuter*, do francês, e *gustare*, do italiano. Outras línguas românicas, no entanto, se distanciaram da semântica de origem latina e desenvolveram significados mais abstratos para a expressão. Na língua galega e em

¹⁰⁹ Cf. nota 7. Para evitar o desconforto do retorno ao texto, copiei-a aqui: "M. Perini relata que há vários anos trabalha com o 'princípio da sintaxe residual', segundo o qual reconhecem-se motivações semânticas às ocorrências lingüísticas; na ausência dessas, assinala-se uma situação em que "traços formais não associados a traços semânticos" (2006:77)

português, *gustar* perde o valor de origem em prol de um significado, ainda “sensual”, diria Lisпки, mas mais distante das percepções sensoriais. *Gostar* nessas duas línguas pode ser compreendido como ‘atribuir valor positivo a algo com que se tem contato’.¹¹⁰

Mesmo com as diferenças semânticas entre a dupla ibérica e o francês/italiano, ao verbo *gostar*, em suas várias formas fônicas, são atribuídos valores de apreciação sensitiva, como em *gouûtez le vin* (fr.), *gustate questo vino* (it.), *gustar de vino* (gl.) e *gostar de vinho* (port.). Esse último comentário pode parecer contraditório com o que abre a discussão, uma vez que o verbo engendra interpretações semânticas distintas nas línguas românicas e aparece com o mesmo tipo de complemento para o verbo. Isso não é um incômodo para a proposta da GC, porque importa a forma pela a qual as línguas citadas esquematizam o evento, e assim o verbo, justificando a presença ou a ausência da preposição *de*.

Em francês e italiano, GOSTAR é algo como ‘ter contato com o sabor de alguma coisa’. Assim, *gôuter le vin* e *gustare il vino* é a mesma coisa que ‘experimental o vinho’. Em português e em galego, gostar deve ser interpretado como um processo de avaliação: experimenta-se determinado produto e aufer-se julgamento avaliativo. Assim, o evento GOSTAR, expresso pela forma superficial *gostar*, pode ser pensado como a expressão verbal da avaliação positiva feita a partir do contato com a entidade. Por isso, justifica-se o uso da preposição *de*. Esquemáticamente podemos representar o evento do verbo da seguinte forma:





Da entidade ‘a’, originam-se características sensorialmente perceptivas, como a cor, o cheiro e a textura, que serão julgadas. No esquema, as setas com duas pontas representam as características que a entidade oferece. Essas aparecem com duas pontas, porque a recepção dos traços depende da sensorialidade de receptor. Neste modelo, a seta mais forte representa a avaliação que faz esse receptor do que percebeu de ‘a’. São dois movimentos: um primeiro de percepção sensorial; por isso, *de*; e um segundo avaliativo.

A partir dessa explicação cognitiva, parece-me possível compreender qual seria a motivação semântica de reconhecimento diacrônico para a diferença na regência entre *gostar* e *adorar*. Segundo os dicionários etimológicos, *adorar* vem da união das ‘ad’ e ‘orar’; ou seja, “celebrar/rezar junto a”¹¹¹. *Adorar* não aceita uma interpretação de avaliação a partir de traços percebidos pelo observador; logo, não aceita a marcação de origem traçada pelo uso da preposição *de*. A adoração prescinde de julgamento.

(ii) Achar

Outros verbos esquematizam interpretação similar para a participação da preposição *de* na efetivação da transitividade verbal. *Achar* é um exemplo. Se se perguntar (a) *o que você achou da música?*, tem-se, novamente, uma situação de avaliação a partir de traços comportamentais e ou físicos observados na entidade.

111 No Oxford English Dictionary, lê-se: “Adore = O. French. aöre-r, aüre-r, aoure-r: ad**r* -re to address, salute, reverence, in late L. to worship; f. ad to + **r* -re to speak, entreat, beg, f. **r*- (nom. **s*) mouth. Refresh in 14th c. Fr. as adourer, adorer, whence Eng. adore.”

Explica-se, assim, porque soa estranho a pergunta (b)**O que você achou da sua vida?*, mas soa aceitável a mesma questão, porém, na forma presente do indicativo: (c) *O que você acha da sua vida?* Em (b), a forma pretérita sugere que seja feita a avaliação a partir de experiências passadas; o que é impensável. No presente do indicativo, em (c), é possível que se avalie a vida durante sua existência.

Fica nítido o papel que desempenha a preposição *de* junto a este verbo com a comparação entre os exemplos (d) *Você achou a casa?* e (e) *O que você achou da casa?* No primeiro caso, após o verbo aparece um SN que designa uma entidade¹¹². Em (e), o _{SP}[da casa] remete a aspectos oriundos da ‘casa’ que justificam a avaliação da entidade; tanto o é que, para a pergunta (e) *O que você achou da casa?*, são possíveis respostas como (f) *Gostei do telhado* e (g) *Agradei do jardim*. Nas duas, ocorre a preposição *de*. É justamente a presença dessa preposição que outorga aos verbos o valor de avaliação¹¹³. Os verbos *gostar*, em (f), e *agradar*, em (g), são dois verbos diferentes que expressam eventos distintos. No entanto, ambos traçam uma idéia de movimento/percurso comum em função da ocorrência da preposição *de*.

Para Denis Paillard (2000), esta é uma situação em que “valores particulares [são analisados] como o produto da interação da F[orma] E[squemática] do verbo e outros elementos co-textuais” (Paillard, 2000: 54) [#67]. Em seu artigo sobre predicação verbal e

¹¹² Há vastíssima literatura técnica sobre a Referência; como indicação para essa discussão, ver A. Nøe (2001); T. Fretheim e K. Gundel (1996), sobre reconhecimento de entidades e reconhecimento de características das entidades). Ver também W. Hizen (2006), para uma discussão de ordem biológica e conceitual.

¹¹³ Há uma peculiaridade com o verbo *achar* para a qual não tenho explicação e pode ser um tema interessante para pesquisas futuras. Penso na impossibilidade deste verbo ocorrer como (a) *Eu acho/achei a casa bonita*, mas (b) * *Eu acho/achei da casa bonita*, para a mesma pergunta ‘o que você acha/achou da casa?’ Ou seja, a preposição *de* aparece na pergunta, mas não na resposta. Possivelmente, há diferenças no peso, digamos, da forma esquemática do verbo, como aponta D. Paillard (2000).

seus valores esquemáticos, Paillard nomeia as preposições como ‘palavras de relação’ (mots relateurs).

Se presentes entre um SV e um outro sintagma, como ocorre em (h) s[Eu_{SV}[li_{SN}[um livro_{SP}[sobre_{SN}[Freud]]]], por exemplo, e em (i) s[Eu_{SV}[li_{SN}[um livro_{SP}[sobre_{SN}[o sofá]]]], a preposição tem valores predicativos diferentes; explica o autor:

A idéia central aqui apresentada é a seguinte: as Construções Preposicionais [C-prep.], (situações de uso não-circunstancial) não podem ser examinadas como simples argumentos do verbo. Elas devem ser analisadas dentro de um quadro combinatório do tipo verbo/preposição. Esta tese tem conseqüências importantes para a representação dos verbos e das preposições. (Paillard, 2000: 63-64) [# 68]

Assim, da mesma forma que sv[ler sobre Freud] tem funcionamento diferente de sv[ler sobre o sofá], constituem construções preposicionais as ocorrências *achar de...* em (e), *gostar de...*, em (f) e *agradar de...*, em (g). Nesses casos, a presença da preposição não é circunstancial. Os três casos, e parece-me que a conclusão pode ser estendida para vários outros, elencam a ‘palavra relacional’ *de* em função que está além de um simples introdutor de complemento verbal; preposição exerce função argumental.

7. Conclusões

7.1. Sobre a Pesquisa Empírica

O objetivo almejado pela pesquisa empírica pode ser apresentado em três pontos: buscou-se (i) moldar um esquema para a análise preposicional (ii) que considere a preposição *de* como oriunda de processo de gramaticalização, (iii) cujo valor semântico original teria origem na noção espacial de deslocamento.

Creio termos chegado a bons resultados. Conforme visto, a análise dos dados aponta para três categorias em que o sentido espacial inicial pode ser reconhecido; isto é um feito inédito.

Na interpretação da função da preposição *de* em ambientes sintagmáticos nominais, vimos que 19% dos exemplos podem ser interpretados como casos de ND; e 20% como casos de NQ. Ou seja, do total dos exemplos oriundos do *corpus*, em 39% dos casos nominais mostra-se possível a interpretação espacial, direta ou derivada. Quando ladeada por formas verbais, a preposição *de* foi interpretada em 90% dos dados com alguma indicação direta ou derivada de origem. Nesta última análise, apenas os casos duvidosos não se encaixaram na proposta de interpretação espacial. Em uma avaliação geral, em 65% das ocorrências, reconheceu-se valor espacial de direção. Afora os experimentos cognitivos apresentados como argumentação de apoio, o valor 65% parece-me suficiente para comprovar a hipótese apresentada.

Com isso, é razoável pensar que tanto a hipótese central quanto as categorias analíticas inéditas desenvolvidas foram comprovadas. Vale reforçar que, para os casos estudados há interpretações divergentes. Fato. No entanto, creio que outras propostas taxonômicas não pecarão se forem constituídas tendo como base as discussões teóricas, empíricas e categoriais aqui defendidas. Revisões categoriais não me parecem ser contestações de ordem profunda.

No que concerne às análises mais específicas, de granularidade empírica mais restrita, observou-se detalhadamente a interpretação da preposição *de* como marca de origem de conjunto, como nos quantificadores, e de origem de aspectos avaliativos, o que foi notado nos verbos *gostar*, *achar* e *agradar*. A preposição *de* tem na maioria dos muitos casos analisados valor espacial em suas acepções variadas. Novamente, parecem-me ser inovadoras as análises discutidas. São propostas que não elencam de afirmações *ad hoc* – tal como a alegação de idiosincrasia – como mecanismo explicativo.

No que diz respeito ao processo de gramaticalização, não foram apresentados dados que a documentem a evolução de uma possível forma inicial plena para a atual convenção lingüística *de*, que usamos no dia-a-dia da língua portuguesa. Como já foi destacado, a impossibilidade e a ausência de documentação histórica são grandes desafios para a teoria e para a prática da lingüística. No entanto, o uso de recursos comparativos com línguas ‘novas’ como os crioulos e as línguas de sinais; de analogias a casos preposicionais com graus de gramaticalização menos marcados e de argumentos advindos da GC permite concluir que é claramente mais plausível pensar-se em processos evolutivos lentos e que tenham por ponto de partida formas nominais plenas, do que se pensar em evoluções abruptas e mudanças para categorias pré-existentes.

Endosso, portanto, a conclusão à qual chega Guillaume Desagulier (2005) após a análise de casos de mudanças lingüísticas na língua inglesa. Para o autor, é meritório de destaque o fato de a abordagem “cognitivo-funcional ter apontado que em toda categoria gramatical (morfossintática ou semântica) há uma gradação; o que não é mais do que a prova de sua evolutividade (évolutivité).” (Desagulier, 2005: 469) [#69].

O fato de haver graus de evolução das preposições faz com que ocorram diferenças nos comportamentos sintáticos e semânticos dessas palavras. É possível, porém, reconhecer-lhes algum valor de ‘grupo’ (notem que é diferente de ‘classe’). As preposições são palavras cujo processo de configuração deu-se em detrimento de sua autonomia, tornando-se assim dependentes dos contextos sintagmático nos quais se apóiam e ou atuam como partículas predicativas argumentais.

A comprovação da interpretação básica espacial e da origem gramaticalizada para a preposição analisada traça com clareza um quadro empírico condizente com os fundamentos da GC e suas conseqüências metodológicas. Mesmo o reconhecimento de casos duvidosos, de empréstimos e de acidentes não conflita com o que é feito na gramática cognitiva contemporânea. Para essa linha de pesquisa, busca-se traçar tendências, interpretações e processos, no lugar de regras e de leis fixas de aplicação categorial imperativa. A GC aceita contestações e discussões conceituais originárias da antropologia, da psicologia e da biologia, sendo que, com a esta última, espousa procedimentos epistemológicos maleáveis. Friso que essa não se trata de uma falta de rigor de análise vis-à-vis as ocorrências consideradas, mas a aceitação de serem os construtos lingüísticos peças complexas e submetidas a uma vasta lista de componentes.

O segundo movimento teórico adotado para a análise dos dados levou em conta o aporte teórico da Gramática de Construções. Como vimos, a noção de protótipo lhe é central. Servindo-me deste conceito, foi possível locar as categorias em uma escala de proximidade com o valor espacial inicial proposto. A interpretação NI é a mais opaca e a mais obscura; no limite, essa interpretação tem os traços originais apagados. No entanto,

a ela é possível a aplicação de testes comparativos que apontam para sentido espacial que moldou o seu funcionamento sintático e estrutural.

Para as duas outras categorias, o grau de distância é menor. Com isso, para os exemplos aí organizados, o reconhecimento do valor semântico da preposição *de* é possível, sendo que ND é mais claro do que NQ.

7.2. Sobre a Ontologia Preposicional

A por vezes vivaz discordância contra os postulados formalistas centra-se na oposição feita a categorizações rígidas e simplificadas. Filósofos como Daniel Dennett, Jaegwon Kim e W.Quine; bons pesquisadores inter-disciplinares como Chris Sinha e Varella *et al.* listam indagações que evidenciam a simplicidade e o reducionismo com os quais tem sido tratado o tema ‘linguagem/mente’, notadamente no que concerne a associação ‘estados mentais’ e ‘estados lingüísticos’.

Dennett (1998) alerta para um certo descuido no trato da relação entre ontologia e epistemologia de tal forma que passa-se de um estatuto a outro sem se atentar para as variações interpretativas que tal troca pode engendrar. Kim (2000:2) relata que o modelo fisicalista ecoa os movimentos teóricos neovitalistas que defendiam a unicidade científica nos anos 1920. Segundo o filósofo, o modelo de pesquisa unificada defende que “estados mentais podem apenas ser processos cerebrais; a pesquisa científica poderá mostrar isso” [#70]. Se isso fosse verdade, poderia ser cotejada uma correspondência entre o mundo cerebral e o mundo simbólico. No entanto, haver, sempre, configurações neuronais e efetivações lingüísticas não permite pensar em uma suposta superveniência do cérebro sobre a mente. O ‘monismo anômalo’ davidsoniano é o bastante para contestá-la (*cf.* Kim, 2000: cap.1). Em termos sumários, a proposta de Davidson diz que o fato de os

objetos que têm forma terem cor não permite pensar que é a forma do objeto que determina cor do objeto; e assim por diante. A co-existência não engendra por si só uma relação de causalidade.

Ademais, Quine, como explica Sandra Laugier (1996), já apontava para a fragilidade do conceito de mente/cérebro tal como tem sido apresentado. Para Quine, tudo se passa como se o conceito gerativista mente/cérebro fosse uma estranha instância trans-material. A mesma indagação aparece em Sinha (inédito) e em Varela (1993). Com o mesmo intuito crítico, a defesa da historicidade, da acidentabilidade e da antropologia da linguagem aparece em Dirk Geeraerts (1997), Peter Koch (2003), John Holm (2000) e Pierre Larrivé (2003). Cada um a seu turno, os autores aludem à excessiva simplificação empírica advinda do estruturalismo. Que não se deva ‘jogar fora criança com a água do banho’, estamos em acordo. Os questionamentos e propostas formalistas têm incontestemente valor acadêmico e científico. Deve-se, porém, assumir que há limitações teóricas de grande alura. Penso na rigidez metodológica sincrônica que resulta, por sua própria formulação, impedimento a temas de pesquisa valiosos.

Assim, como fica provado nesta tese, não é possível compreender a ontogênese das preposições – a meu ver, em especial a preposição *de* dado seu estado de opacidade semântica –, sem se dialogar com as propostas epistêmicas e conceituais pré-estruturalismo. Ao que tudo indica, o tema ‘preposições’ havia sido locado em uma categoria de pesquisa de segundo plano até o cognitivismo contemporâneo. O que era antes proposto baseava-se em análises atemporais, que, por vezes, aludiam às categorizações da biologia como modelo para as categorizações da lingüística. Com isso,

preposições não eram mais do que uma das categorias lexicais que exerceriam funções sintáticas e semânticas igualmente organizadas.

Mesmo que se tome como modelo o que supostamente propõe a biologia, deve-se levar em conta que a taxonomia biológica comporta vários níveis: classes>ordens>famílias>espécies. Deve-se pensar também que mesmo as classes ou as espécies podem ser classificadas de acordo com os ambientes nos quais se desenvolveram e adaptaram. Subclasses, sub-espécies, raças geográficas ou variações são expressões comumente aceitas pela taxonomia biológica. Por vezes, mesmo *avant la lettre*, a distinção filogenia, ontogênese e epigenia já faz parte das discussões em biologia há tempos. Sobre este tema, lembro que a biologia considera um vasto número de aspectos para explicar como podem ocorrer a especiação, o isolamento ou a associação, o hibridismo ou a monotipicidade, a manutenção ou a modificação dos tipos em um único ser vivo. Isto posto, se a lingüística elege a taxonomia biológica como modelo forte, deve pensar que a o modelo inspirador, ele próprio, aceita graus de pertencimento bastante maleáveis, histórica e geograficamente amadurecidas¹¹⁴.

O fato de haver diferentes tipos de palavras diferentes – umas mais fortes e outras mais fracas – tem a ver com os aspectos defendidos por autores que endossam práticas de pesquisa da GC e da GCr. A preposição *de* é um exemplo claro disso. Como vimos, *de* é uma palavra desgastada, dependente e fraca. Por isso, é fortemente susceptível a usos acidentais, interpretações essencialmente ambientais e erros. Da mesma forma que estudantes de L₂ têm mais dificuldade na compreensão de metáforas mais fracas ou mais distantes do reconhecimento deste grupo humano, “erra-se” mais no uso de preposições cujo valor é fraco. A preposição *de* é a mais fraca das preposições do português.

¹¹⁴ Sobre o tema ver, J.Rufflié (1983) e M. Maneli e P. Bateson (2006).

De forma diversa ao que diz Antony Kroch, para quem “é mais fácil explicar o passado a partir do estudo do presente do que o contrário” (Kroch, 2005:01, *apud* Barros, 2006:03) [#71], a meu ver, vale rematar a tese com uma ótima idéia de Dan Sperber (*cf.* Epígrafe): ‘a história dos caminhos se faz pela passagem das pessoas. Essa história pode ser registrada; ou pode ter suas etapas a tal ponto esquecidas e apagadas que parecem nunca terem existido.’

Esta é uma postura mais modesta e mais realista: o estudo da evolução passado permite inferir comentários sobre por que o presente é como ele é.

8. Comentários Finais

Esta última sessão aponta para possíveis desdobramentos e futuras pesquisas originadas da pesquisa que ora se conclui. De forma sucinta, expressarei algumas indagações que surgem de particularidades observadas durante o processo de descrição do funcionamento da preposição *de*.

Como observamos, a um volume grande de casos, foi associada a leitura *by default*. Vimos também que há casos que não foram satisfatoriamente bem explicados; o porquê da ocorrência da preposição *de*, restando-lhe o papel de marcação sintática de pouco ou nenhum aporte semântico sincrônico. Por esses dois motivos, parece-me possível pensar em um nível auto de acidentalidade para as ocorrências da preposição em análise. Tudo se passa como se *de*, dadas a sua intensa presença e a sua fragilidade semântica, pudesse ser avaliada como uma palavra com forte chance de variação e “erro” quando de sua efetivação como item lexical por falantes da língua portuguesa.

Autores como Heliana Mello (1999), John Holm (2004) e Umberto Ansaldo (2004) atentam para o fato de o contato entre línguas ser motivação de reestruturações, de situações de criolização ou de semi-criolização. Isso quer dizer que o vernáculo brasileiro, assim como os de países com histórias semelhantes no que concerne a lida com o idioma, pode ter peculiaridades que escapam a uma explicação derivativa, digamos, e se enquadram no rol dos acidentes. Nas palavras de Ansaldo,

O contato pode gerar infecção, sobretudo se for intenso e repetitivo. /.../ Apesar da idéia da contaminação levar a reações imediatamente negativas, infecções e vírus desempenham papel fundamental na evolução, e não precisam, portanto, serem vistos exclusivamente sob o jugo dos termos negativos. (Ansaldo, 2001:485) [#72]

Pode-se tomar a expressão “infecção” como uma boa metáfora explicativa. Formas lingüísticas simplificadas em sua efetivação lingüística inicial podem ter se efetivado como usuais justamente por um efeito de infecção: o uso de um influencia o uso de outro... e assim por diante. Interessante notar que assim como no Brasil, o uso preposicional da língua inglesa no Quênia parece ser simplificado de alguma forma :

Observa-se que no uso do inglês do Quênia, ocorre simplificação, através do apagamento de preposições que possuem um valor semântico muito semelhante. Tem com isso a prevalescência a de preposições de sentido mais geral, em detrimento de preposições de uso específico. (Mwangi, 2004:32)
[#73]

O fenômeno semelhante é observado em Angola:

Os bilíngües angolanos [falantes de Kimbundu e Português] que se encontram ao nível do bilingüismo funcional não conseguem fazer a diferença entre as diversas funções e produzem frases complexas como por exemplo: (a) *Vão depressa na casa do camarada Nazário*, em vez de: (b) *Ide depressa à casa...* (Mingas, 2000:76)

Jinny Choi (2001) relata o caso próximo no uso preposicional do espanhol paraguaio. O caso deste país é particularmente interessante, porque 49% da população são bilíngües espanhol e guarani, o que permite inferir a ocorrência de transferências diretas do guarani para a língua colonizadora. Segundo Choi, paraguaios usam *en* para casos de verbos de direção onde seriam aceitas preposições de direção. Na língua guarani, o morfema pós-posto *pe*, e sua forma alomórfica *me*, possui dupla função de “permanência de movimento.” (Choi, 2001:183).

Analisando os dados coletados para esta pesquisa, nota-se como há uma nítida queda no uso da preposição *a*:

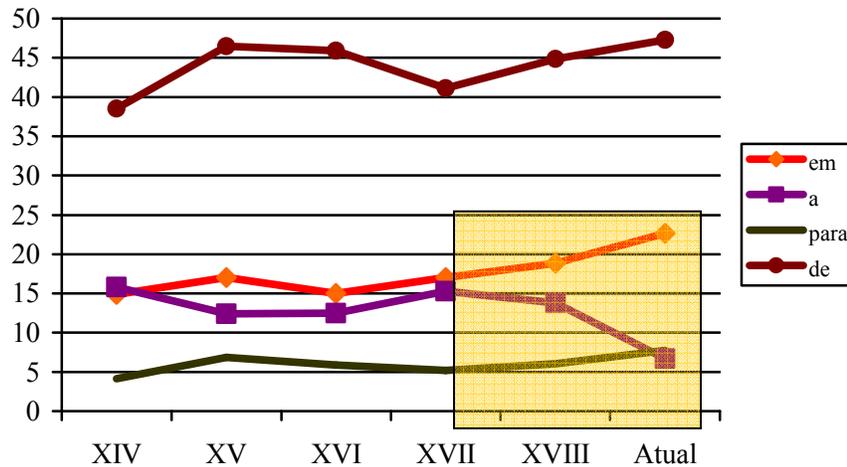
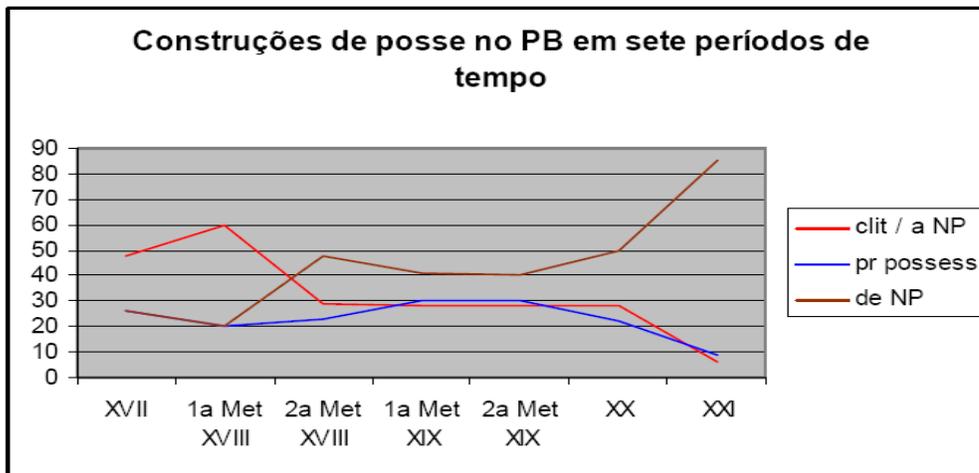


Gráfico 5: variação no uso de algumas preposições da língua portuguesa no Brasil

Na parte destacada do gráfico, nota-se que o uso de *em* e *para* cresce em proporção inversa ao uso da preposição *a*. Aumenta sua frequência de uso de *em* e *para* a partir do século XVII, ao passo que a preposição *a*, em caminho contrário e passa a ter seu uso mais restrito. A meu ver, tem-se, com este gráfico, argumento empírico interessante a ser considerado como indicação da possível ocorrência de redução do número de preposições em uso e, conseqüentemente, uma maior versatilidade das preposições existentes.

Ev' Ângela Barros (2006:62) expõe dados semelhantes em sua pesquisa:

GRÁFICO III



O que mais nos interessa nos dados listados acima é a notória ascensão da frequência da preposição *de* nos ambientes pela autora estudados: o que era uma forma secundária entre os séculos XVII e 1ª metade do XVIII ultrapassa os 60% de uso no século XX, com projeção crescente para o tempo atual. É certo que seria de grande valia se houvesse um estudo comparativo sobre a incidência de fenômeno semelhante nas outras manifestações da língua portuguesa.

9. Bibliografia

9.1. Artigos

- AARTS, Bas. "Conceptions of gradience in the history of linguistics". *Language Science*, 26:343-389, 2004.
- AIKHENVALD, Alexandra. "Mechanisms of change in a real diffusion: new morphology and language contact". *Journal of Linguistics*, 39: 1-29, 2003.
- ALMOG, Joseph. "Semantical anthropology" *Midwest Studies in Philosophy*, 9: 479-489, 1984.
- ALTSCHUL, Nadia. "Difracción, *collation externa* y diasistemas: de la cultura del manuscrito y la crítica textual". *La Crónica*, 32(1): 187-204, 2003.
- ANDOR, József. "The master and his performance: an interview with Noam Chomsky". *Intercultural Pragmatics*, 1(1): 93-111, 2004.
- ANSALDO, Umberto. "Contact, typology and the speaker: the essentials of language". *Language Sciences*, 26: 485-494, 2004.
- AYRES-BENNETT, Wendy. "Socio-historical linguistics and the history of French". *French Language Studies*, 11: 159-177, 2001.
- AZEVEDO, Adriana Tenuta. "Tempo, modo e aspecto verbal na estruturação do discurso narrativo". *Estudos da Linguagem*, 2(3): 177-193, 1995.
- BANDURA, Albert. "Social Cognitive Theory: an agentic perspective". *Annual Review of Psychology*, 51:1-26, 2001.
- BARDER, Françoise. "Prépositions dans les langues indo-européennes anciennes". *Faits de Langue*, 9: 49-60, 1997.
- BARR, Dale. "Establishing conventional communication systems: Is common knowledge necessary?" *Cognitive Science*, 28: 937-962, 2004.
- BASILIO, Margarida. "Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil." *D.E.L.T.A.*, 14:17-28, 1998.
- BASILIO, Margarida. "A Morfologia no Brasil: indicadores e questões". *D.E.L.T.A.*, 14:53-70, 1999. (n. especial).
- BEAULIEU, Louise e BALCOM, Patricia. "La structures des propositions adverbiales du Français: arguments sociolinguistiques". *French Language Studies*, 12: 241-262, 2002.
- BEHRENS, Leila, "Polysemy as a problem of representation" (review article on Pustejovsky, James. *The Generative Lexicon*. MA/Londres, 1995.) *Lexicology*, 4(1):105-154, 1998.
- BERG, Márcia Barreto. "A natureza categorial da preposição". *Revista de Estudos da Linguagem*, 7(1):107-124, 1998.

BERGH, Gunnar e SEPPÄNEN, Aimo. "Preposition stranding with *wh*-relatives: a historical survey". *English Language and Linguistics*, 4(2):295-316, 2000.

BIÉN, Janusz. "Towards computer systems for conversing in Polish", *Computational And Mathematical Linguistics: Proceedings of the International Conference on Computational Linguistics*, vol.1, 1973, disponível no site: <<<http://acl.ldc.upenn.edu/C/C73/C73-2015.pdf>>>

BERGH, Gunnar e Seppänen, Aimo. "Preposition stranding with *wh*-relatives: a historical survey". *English Language and Linguistics*, 4(2):295-316, 2000.

BOILEAU, Danon e MOREL, Mary-Annick. "Question, point de vue, genre, style... : les noms prépositionnels en français contemporain". *Faits de Langue*, 9: 193-200, 1997.

BOTNE, Robert. "Cognitive schemas and motion verbs: 'coming' and 'going' in Chindali (Eastern Bantu)". *Cognitive Linguistics*, 16(1): 43-85, 2005.

BORETZKY, Norbert. "Grammatical interference in Romani loan formations for foreign categories". *Acta Hungarica*, 46 (3/4): 169-200, 1999.

BOTHA, Rudolf. "On Chomsky's fable of instantaneous language evolution". *Language e Communication*, 19: 243-257, 1999.

BOTHA, Rudolf. "Pidgin languages as a putative window on language evolution". *Language e Communication*, 26: 1-14, 2006.

BRALA, Marija. "Understanding and translating (spatial) prepositions: an exercise in cognitive semantics for lexicographic purposes", In: www.rceal.cam.ac.uk

BRODBECK, Regina. "O processo de referenciação em contexto de aprendizagem de língua estrangeira: uma abordagem sócio-cognitiva". *Veredas*, 2: 45-68, 1998.

CADIOT, Pierre. "Sémantique et pragmatique de la préposition". *Travaux de Linguistique*, 44: 9-24, 2002.

CAMPBELL, Lyle e HARRIS, Alice. "Syntactic reconstruction and demythologizing 'Myths and the prehistory of grammar'". *Journal of Linguistics*, 38: 599-618, 2002.

CAMPBELL, Lyle e JANDA, Richard. "Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems". *Language Sciences*, 23: 93-112, 2001.(a)

CAMPBELL, Lyle e JANDA, Richard. "What's wrong with grammaticalization?" *Language Sciences*, 23: 113-161, 2001. (b)

CASTILHO, Ataliba e JUNGBLUTH, Konstanze (coords.) "*Aspectos sincrônicos e diacrônicos do Português Brasileiro*" (relatório). Blaubeuren: Universität Tübingen, 2003.

CHOI, Jinny K. "The genesis of *voy en el mercado*: the preposition *en* in Paraguayan Spanish". *Word*, 52(2):181-196, 2001.

CONVENTRY, Kenny. "Function, geometry and spatial prepositions: three experiments". *Spatial Cognition and Computation*, 1: 145-154, 1999.

- CONVENTRY, Kenny, PRAT-SALA, Mercè e RICHARDS, Lynn, “The interplay between Geometry and Function in the Comprehension of *Over, Under, Above* and *Below*”. *Journal of Memory and Language*, 44: 376-398, 2001.
- CRAWFORD, Elisabeth, REGIER, Terry e HUTTENLOCHER, Janellen. “Linguistic and non-linguistic spatial categorization”. *Cognition*, 75: 209-235, 2000.
- CRUSE, Holk. “The evolution of cognition – a hypothesis”. *Cognitive Science*, 27: 135-155, 2003.
- DEUTSCHER, Guy. “On the misuse of the notion of ‘abduction’ in linguistics”. *Journal of Linguistics*, 38: 469-485, 2002.
- DIÓRIO JR., Eduardo. “O uso das preposições dos séculos XIV a XVIII: um estudo preliminar”. *Boletim da Universidade Estadual de Londrina*, Jan/Jun: 123-145, 2002.
- DOSTIE, Gaétane. “L’exemplarité de ‘par exemple’ – un cas de pragmatization en français québécois”. *French Language Studies*, 12: 149-167, 2002.
- DURANTI, Alessandro. “Language as culture in U.S. Anthropology – three paradigms”. *Current Anthropology*, 44(3): 323-347, 2003.
- FAGARD, Benjamin. “Évolution sémantique des prépositions spatiales de l’ancien français au moyen français”. *Linguisticae Investigationes*, 25(2): 311-338, 2002.
- FANG, Alex C. “A Lexicalist approach towards the automatic determination of the syntactic functions of prepositional phrases”. *Natural Language Engineering*, 6(2): 183-201, 2000.
- FAYER, Joan. “African interpreters in the slave trade”. *Anthropological Linguistics*, 45(3):281-295, 2003.
- FITCH, W. Tecumesh, HAUSER, Marc e CHOMSKY, Noam. “The evolution of the language faculty: clarifications and implications”. *Cognition*, 97: 179-210, 2005.
- FRANÇOIS, Jacques. “La faculté de langage: travaux récents d’inspiration fonctionnaliste sur son architecture, ses universaux, son émergence et sa transmission”. *Corela: cognition, représentation, langages*, 1: 33-63, 2003.
- FROUD, Karen. “Preposition and the lexical/functional divide: aphasic evidence”. *Lingua*, 111(1): 1-28, 2001.
- FURTADO DA CUNHA, M. Angélica; Oliveira, Mariangela e Votre, Sebastião. “A Interação Sincronia/Diacronia no Estudo da Sintaxe”. *D.E.L.T.A.*, 15 (1):00, 1999.
- GARDNER, Dee. “Vocabulary input through extensive reading: a comparison of words found in children’s narrative and expository reading materials”. *Applied Linguistics*, 25(1): 1-37, 2004.
- GARFIELD, Jay, PETERSON, Candida e PRERRY, Tricia. “Social cognition, language acquisition and the development of the theory of mind” *Mind & Language*, 16(5):494-541, 2001.
- GARROD, Simon, FERRIER, Gillian e CAMPBELL, Siobhan. “*In* and *on*: investigating the functional geometry of spatial prepositions”. *Cognition*, 72: 176-189, 1999.

GLUKSBERG, Sam, GILDEA, Patricia e BOOKIN, Howard. "On Understanding Nonliteral speech: can people ignore metaphors?" *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 21: 85-98, 1982.

GODDARD, Cliff. "The lexical semantics of *culture*". *Language Sciences*, 27: 51-73, 2005.

GOMES, Cristina A. "Efeito funcional no uso variável de preposição". *Revista de Estudos da Linguagem*, 7(2): 61-70, 1998.

GOMES, Cristina A. "Directionality in linguistic change and acquisition". *Language Variation and Change*, 11: 213-230, 1999.

GONÇALVES, Perpétua e Chimbutane, FELICIANO. "O papel das línguas Bantu na génese do português de Moçambique: o comportamento sintáctico de constituintes locativos e direccionais" *Papia*, 14: 7-30, 2004.

GOYENS, Michèle e DE MULDER, Walter. "Présentation [sur les prépositions]". *Linguisticae Investigationes*, 25(2):185-203, 2002.

GOYENS, Michèle, LAMIROY, Béatrice e MELIS, Ludo. "Déplacement et repositionnement de la préposition 'à' en français". *Linguisticae Investigationes*, 25(2): 275-310, 2002.

GRABOWSKI, Joachim e MILLER, George A. "Factors affecting the use of dimensional prepositions in German and American English: object orientations, social context, and prepositional pattern". *Journal of Psycholinguistic Research*, 29(5): 517-553, 2000.

GAMKRELIDZE, Thomas. "The Problem of 'l'arbitraire du singe'". *Language*, 50(1): 102-10, 1974.

GRADY, Josef. "Cognitive mechanisms fo the conceptued intregration" *Cognitive Linguistics*, 11 (3/4) :335/345, 2000.

GROSS, Gaston. "Les prépositions composées" *Linguistische Arbeithen*, 110: 29-39, 1981.

GROUSSIÉ, Marie-Line. "Prépositions et primauté du spatial: de l'expression de relations dans l'espace à l'expression de relations non-spactiales" *Faits de Langue*, 9 :221-234,1997.

HAKKEK, John e Willians-Van KLIKEN, Catrarina. "Um sufixo românico numa lingual austronésia". *Revue Linguistique Romane*, 67, 2003.

HANSEN, Maj-Britt. "The Semantic Status of Discursive Markers". *Lingua*, 104: 235-260, 1998.

HARRIS, Roy. "Integrational linguistics and the structuralist legacy". *Language e Communication*, 19:45-68, 1999.

HARRISON, Annette e ASHBY, William. "Remodeling the house: the grammaticalization of Latin *Casa* to French *Chez*". *Court of the University of St. Andrews*, 39(4): 386-389, 2003.

HATFIELD, Gary. "Psychology, Philosophy, and Cognitive Science: reflections on the History and Philosophy of Experimental Psychology". *Mind e Language*, 17(3): 207-232, 2002.

- HINZEN, W. "Spencerism and the causal theory of reference". *Biology and Philosophy*, 21:71-94, 2006.
- HOLDSTEIN, Deborah. "Writing across the curriculum and the paradox of institutional initiatives". *Pedagogy: Critical Approaches to Teaching Literature, Language, Composition and Culture*. 1(1):37-52, 2001.
- HOLL, Augustin F. C. "Time, space, and image making: rock art from the Rock Art form the Dhar Tichitt (Mauritania). *African Archaeological Review*, 19(2): 75-118, 2002.
- HOPPER, Paul e THOMPSON, Sandra. "Transitivity in grammar and discourse". *Language*, 56(2): 251-299, 1980.
- HOTTENROTH, Priska-Monika. "Italian *a*, allemand *an*: une analyse contrastive". *Linguistische Arbeiten*, 110: 67-138, 1981.
- HUANG, Shuanfan e TANANGKINGSING, Michael. "Reference to motion events in six western Austronesian languages: toward a semantic typology" *Oceanic Linguistics*, 44(2): 307-340, 2005.
- IGLA, Birgit. "Disturbances and innovations in the case system of Bulgarian Romani dialects" *Acta Linguistica Hungarica*, 46(3/4):201-214, 1999.
- KABATEK, Johannes. "La Lingüística Románica Histórica: tradición y innovación en una disciplina viva". *La Corónica*, 31(2): 35-40, 2003.
- KATO, Mary. "A evolução na noção de parâmetro". *D.E.L.T.A.*, 18(2): 309-337, 2002.
- KATZ, Eva. "Système de la triade spatiale *à, en dans*". *Travaux de Linguistique*, 44: 35-49, 2002.
- KOCH, Peter. "Historical romance linguistics and the cognitive turn". *La Corónica*, 31(2):41-55, 2003.
- KRAVCHENKO, Alexander. "Cognitive linguistics, biology of cognition and biosemantics: bridging the gaps". *Language Sciences*, 28:51-75, 2006.
- KUTEVA, Tania. "On the 'Diachronic Stability' of grammatical categories". *General Linguistics*, 38(1):109-132, 2001.
- JOSEPH, Brian. "Is there such a thing as 'grammaticalization'?" *Language Sciences*, 23:163-186, 2001.
- LANDHEER, Ronald. Book Review on Charles Ruhl, *On monosemy: a study in Linguistic Semantics*. Albany: State University of New York, 1989:210-216.
- LAKOFF, George. "Hedges: a study one meaning criteria and the logic fuzzy". *Papers from the 8th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society*, 183-228, 1972.
- LAMIROY, Béatrice. "Les notions de figement et de contrainte". *Linguisticae Investigationes*, 26(1): 1-14, 2003.

- LANDAU, Barbara e HOFFMAN, James. "Parallels between spatial cognition and spatial language: evidence from Williams syndrome" *Journal of Memory and Language*, 53: 163-185, 2005.
- LANE, Harlan. "Do deaf people have a disability?" *Sign Language Studies*, 2(4): 356-379, 2003.
- LANGACKER, Ronald. "Prepositions as grammatical(izing) elements". *Leuvense Bijdragen*, 81: 287-309, 1992.
- LANGACKER, Ronald. "Grammatical traces of some 'invisible' semantic constructions". *Language Sciences*, 15(4): 323-355, 1993.
- LARRIVE, Pierre. "La Contingence des faits linguistiques: réflexions sur la variation et le changement". *Corela - cognition, représentation, langages*, 2: 2003. <http://revue-corela.org>
- LAUGIER, Sandra. "Relativité linguistique et anthropologique", *Histoire Epistémologique du Langage*, 18(2) : 45-73, 1996.
- LEERSSEN, Joep. "Literary Historicism: romanticism, philologists and the presence of the past". *Modern Language Quarterly*, 65(2): 221-243, 2004.
- LIGHTFOOT, David. "Myths and the prehistory of grammar". *Journal of Linguistics*, 38: 113-136, 2002.
- LIPSKI, John "A Semantic-Syntactic shift in Spanish". *Folia Linguistica*, 7: 149-163, 1975.
- LITTLEMORE, Jeannette e LOW, Graham. "Metaphoric competence, second language learning, and communicative language ability". *Applied Linguistics*, 27(2): 268-294, 2006.
- LODGE, Anthony. "On Linguistic change". *Court of the University of St. Andrews*, 39(4): 354-356, 2003.
- LONGOBARDI, Giuseppe. "Formal Syntax, diachronic minimalism, and etymology: the history of French *chez*". *Linguistic Inquiry*, 32(2): 275-302, 2001.
- MACCORQUODALE, Kenneth e MEEHL, Paul E. "On a Distinction between Hypothetical Constructs and Intervening Variables". *Psychological Review*, 55: 95-107, 1948.
- MAKIHARA, Miki. "Modern Rapanui adaptation of Spanish elements" *Oceanic Linguistics*, 4(2): 190-223, 2001.
- MADELBLIT, Nili. "The grammatical marking of conceptual integration: from syntax to morphology". *Cognitive Linguistics*, 11(3/4):197-251, 2000.
- MANELI, Matteo e BATESON, Patrick. "Innateness and the sciences". *Biology and Philosophy* 21: 155-188, 2006.
- MARCHELLO-NIZIA, Christiane. "Prépositions françaises en diachronie – une catégorie en question". *Linguisticae Investigationes*, 25(2):205-221, 2002.
- MARCHELLO-NIZIA, Christiane. "Changes in the structure of grammatical systems: the evolution of French". *Court of the University of St. Andrews*, 39(4):371-385, 2003.

- MARCELLO-NIZIA, Christiane. “La sémantique des démonstratifs en ancien français : une neutralisation en progrès?” *Langue Française*, 144: 1-18, 2004.
- MASUDA, Kyoko. “An analysis of native English-Speaking learners’ errors in the use of Japanese locatives *ni* and *de* from the perspective of variation model”. *Proceedings of Sophia University Linguistic Society*, 11:57-75, 1996.
- MEIR, Irit. “Grammaticalization and Modality: the emergence of a case-marked pronoun in Israeli Sign Language”. *Journal of Linguistics*, 39:109-140, 2003.
- MEIRA, Sérgio e TERRILL, Angela. “Contrasting contrastive demonstratives in Tiriyó and Lavukaleve”. *Linguistic*, 43(6):1131-1152, 2005.
- MEURERS, W. Detmar. “On the use of electronic corpora for theoretical linguistics – case studies from the syntax of German”. *Lingua*, 115:1619-1639, 2004.
- MILLER, George A. “On knowing a word”. *Annual Review of Psychology*, 50:1-19, 1999.
- MIGUENS, Sofia “Daniel Dennett: a filosofia da mente como inquérito impuro” Coimbra, Anais XIII Encontro da Ass. de Profs. de Filosofia 1999.
- MILROY, James. “On the discourse of historical linguistics: language-internal explanation and language ideologies”. *Court of the University of St. Andrews*, 39(4):357-370, 2003.
- NESSELHAUF, Nadja. “The use of collocations by advanced learners of English and some implications for teaching”. *Applied Linguistics*, 24(2): 223-242, 2003.
- NEWMAYER, Frederick. “Deconstructing grammaticalization”. *Language Sciences*, 23: 187-229, 2001.
- NICOLADIS, Elena. “Cross-linguistic transfer in deverbal compounds of preschool bilingual children”. *Language and Cognition*, 6(1): 17-31, 2003.
- NOË, Alva. “Experience and the active mind”. *Synthese*, 129: 41-60, 2001.
- PARISSE, Christophe. “New perspectives on language development and the innateness of grammatical knowledge”. *Language Sciences*, 27: 383-401, 2005.
- PAILLARD, Denis. “Prépositions et rection verbale”. *Travaux de Linguistique*, 44: 51-67, 2002.
- PAPAHAGI, Cristiana. “L’opposition statique – dynamique dans la grammaticalisation de la préposition française *de*”. *Linguisticae Investigationes*, 25(2): 223-245, 2002.
- PERINI-SANTOS, Pedro. “Por que as pessoas têm dificuldade em escrever ? reflexões sobre a limitação repertorial e cognitiva da sociedade contemporânea”. *Investigação*, 18(2): 69-82, 2005.
- PERSOON, Gunnar, review article on PALANDER-COLLIN, Minna. *Grammaticalization and Social Embedding. I think and Methinks in Middle and Early Modern English*. Mémoires de la Société Néophilologique de Helsinki IV. Doctoral Thesis. Helsinki: Société Néophilologique, 1999. In: *Studia Neophilologica*, 75: 80-83, 2003.

- POLLARD, Carl. "The natures of constraint-based grammar". *Pacific Asia Conference on Language, Information and Computation*, Seoul, 1996.
- POVINELLI, Daniel e GIAMBRONE, Steve. "Reasoning about beliefs: a human specialization?". *Child Development*, 72(3): 691-695, 2001.
- POTTIER, Bernard. "Le cognitif et le linguistique dans l'expression des relations". *Faits de Langue*, 9:29-38, 1997.
- PREVOST, Sophie. "La grammaticalisation : unidirectionnalité et statut". *Le Français Moderne – revue de linguistique française*, 71(2): 144-166, 2003.
- QUINE, W.V. "On the reasons on the indeterminacy of translation". *The Journal of Philosophy*, 67(6): 178-183, 1970.
- ROCHESTER, S. R. "The significance of pauses in spontaneous speech". *Journal of Psycholinguistics*, 2(1): 188-206, 1972.
- ROZESTRATEN, Reiner J. "As tentativas dos cognitivistas pioneiros". *Estudos de Psicologia*, 9(1):5-15, 2005.
- SAKURAGI, Toshiyuki e FULLER, Judith. "Body-Party Metaphors: a cross-cultural survey of the perception of translatability among Americans and Japanese". *Journal of Psycholinguistic Research*, 32(4): 381-395, 2003.
- SARAIVA, Maria Elizabeth. "Análise funcional da elipse de preposições". *Ensaio de Linguística*, 11 : 82-97, 1984
- SCHILPEROORD, Joost. "It's about time: temporal aspects of cognitive processes in text production", Utrecht: USLeC, 6: 1996.
- SEXTON, A.L. "Grammaticalization in American sign language" *Language Science*, 21: 105-141, 1999.
- SHIELDS, Kenneth. "A note on the pronominal origin of the Indo-European first person singular verbal desinence." *Word*, 52(2): 257-262, 2001.
- SIEGEL, Muffy E. A., "Like: the discourse particle and semantics". *Journal of Semantics*, 19: 35-71, 2002.
- SINHA, Chris e LÓPEZ, Kristine Jansen. "Language, culture and the embodiment of spatial cognition." *Cognitive Linguistics*, 17(1/2): 17-41, 2000.
- SILVERSTEIN, Arthur. "The most elegant immunological experiment of the XIX century". *Nature America*, 2000. <<http://immunol.nature.com>>
- SMITH, Charles J. "Middle French: when? what? why?" *Language Sciences*, 24: 423-445, 2002.
- STEELS, Luc. "The puzzle of language evolution". *Kognitionswissenschaft*, 8: 143-150, 2000.
- TICIO, M. Emma. "Locality and Anti-locality on Spanish DPs". *Syntax*, 8(3): 229-286, 2005.

- TOMALIN, Marcus. “The formal origins of syntactic theory”. *Lingua*, 112: 827-848, 2002.
- TYLER, Andrea e EVANS, Vyvyan. “Reconsidering prepositional polysemy networks – the case of *over*”. *Language*, 77(4): 724-765, 2001.
- TYLER, Andrea e EVANS, Vyvyan. “Spatial experience, lexical structure and motivation: the case of *In*” (inédito)
- VIGIER, Denis. “Les syntagmes prépositionnels en « en *N* » détachés en tête de phrase référant à des domaines d’activité”. *Linguisticae Investigationes*, 26(1): 97-122, 2003.
- VITRAL, Lorenzo. “A Negação: Teoria da Checagem e Mudança Lingüística”. *D.E.L.T.A.*, 15(1): 00, 1999.
- WEISSENBORN, Jürgen. “L'Acquisition des prépositions spatiales: problèmes cognitifs et linguistiques”. *Linguistische Arbeiten*, 110: 251-285, 1981.
- WERRY, Chris. “Rhetoric and reflexivity on cognitive theories of language”. *Language e Communication*, 25: 377-397, 2005.
- WIERZBICKA, Anna. “Universal human concepts as a tool for exploring bilingual lives”. *International Journal of Bilingualism*, 9(1): 7-27, 2005.
- YANG, Charles. “Internal and external forces in language change”. *Language Variation and Change*, 12:231-250, 2000.

9.2. Livros e Capítulos de Livros

- ALI, Said. *Dificuldades da Língua Portuguesa*. Brasília: Unb, 2000 [1921].
- ANTONY, Louise e HORNSTEIN, Norbert (eds.). *Chomsky and his critics*. Malden/Oxford/Berlin/Melbourne: Blackwell, Publishing, 2003.
- ARONOFF, MARK e REES-MILLER, Janie (eds.). *The Handbook of Linguistics*. Oxford/ Malden: Blackwell, 2001.
- AZEVEDO, Adriana T. *Domínios Discursivos: uma visão cognitiva da estruturação de narrativas orais*. Belo Horizonte: UFMG (Tese de Doutorado), 2006.
- BARBER, Alex. *Epistemology of Language*. Oxford/New York: Oxford Un. Press, 2003.
- BARLOW, Michael e KEMMER, Suzanne (eds.) *Usage Based Models of Language*, Stanford: CSLI, 2000.
- BARROS, Ev'Angela. *Construções de Posse no PB: percurso diacrônico*. Belo Horizonte: UFMG (Tese de Doutorado), 2006.

- BARROW, John. "What Is Mathematics?" In: FERRIS, Timothy. *The World Treasury of Physics, Astronomy, and Mathematics*. New York/Boston: Little Brown, 1991.
- BATESON, Gregory. *Mind and Nature – a necessary unity*. Cresskill: Hampton Press: 2002 [1979]
- BENVENISTE, Emile. *Indo-European Language and Society*. London: Faber and Faber, 1973 [1969].
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral I*. São Paulo/Campinas: Pontes/Unicamp, 1995 [1966].
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de Lingüística Geral II*. São Paulo: Pontes, 1989 [1974].
- BLENCH, Roger e SPRIGGS, Matthew. *Archeology and Language II - archeological data and linguistic hypotheses*. Michigan: London/New York: Routledge, 1998.
- BOTHA, Rudolf. *Challenging Chomsky – the generative garden game*. Oxford: Blackwell, 1989.
- BRISCOE, Ted. "Grammatical Assimilation". In: Christiansen M. e Kirby, S. (eds.) *Language Evolution*, Oxford/New York: Oxford Un Press, 2003, pp.295-316.
- BRØNDAL, Viggo. *Théorie des Prépositions – initiation à une sémantique rationnelle*. Copenhagen, Ejnar Munksgaard, 1950.
- BROWN, Michael e GANGULY, Šumit (eds.). *Fighting Words- language policy and ethnic relations in Asia*. London/Cambridge: MIT Press, 2003.
- BRUNOT, Ferdinand. *Histoire de la Langue Française – de l'origine à nos jours* (tome 1: de l'époque latine à la Renaissance). Paris: Armand Colin, 1966 [1913].
- BUTLER, Christopher. *Statistics in Linguistics*. New York /Oxford, 1985.
- CAMPBELL, Lyle. "The History of Linguistics", In: ARONOFF, Mark e REES-MILLER, Janie (eds). *The Handbook of Linguistics*. Oxford/Malden: Blackwell, 2001.
- CAMLONG, Andre. *Le Vocabulaire du Sonnet Portugais*. Paris: Calouste Gulbekian, 1986.
- CALVET, Louis-Jean. *Pour et Contre Saussure – ver une linguistique sociale*. Paris: Payot, 1975.
- CARRUTHERS, Peter e CHAMBERLAIN, Andrew (eds.) *Evolution and the human mind – modularity, language and meta-cognition*. Oxford/New York/Madrid/Melbourne: Cambridge Un. Press, 2000.
- CHARPENTIER, Jean-Michel. "O crioulo português de Macau teve influência na formação dos pidgins ingleses do Pacífico?". In: ZIMMERMANN, Klaus (ed.) *Lenguas Criollas de Base Lexical Española y Portuguesa*. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt: Vervuert, 1999.
- CHIERCHIA, Gennaro e MCCONNELL-GINET, Sally, *Meaning and Grammar*. Cambridge: MIT, 1990.
- CHOMSKY, Noam. *Aspectos da Teoria da Sintaxe*. São Paulo:Abril, 1978 [1965].

CHRISMAN, Rove Luiza. “A Teoria do Léxico Gerativo: uma abordagem crítica” In: IBAÑOS, Ana Maria e SILVEIRA, Jane Rita (orgs.). *Na Interface Smântica/Pragmática*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.

CHRISTIANSEN, Morten e KIRBY, Simon. (eds.) *Language Evolution*, Oxford/New York: Oxford Un. Press, 2003.

CORBALLIS, Michael, “From Hand do Mouth: the gestural origins os language. In: CHRISTIANSEN, Morten e KIRBY, Simon. (eds.) *Language Evolution*, Oxford/New York: Oxford Un. Press, 2003.

COSTA, Sônia e MACHADO FILHO (orgs.). *Do Português arcaico ao português brasileiro*. Salvador: Edufba, 2004.

CROFT, William. *Radical Construction Grammar – syntactic theory in typological perspective*. Oxford/New York: Oxford Un. Press, 2001.

CROFT, William e CRUSE, Alan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 2004.

CRUSE, D.A. “The Lexicon” In: ARONOFF, MARK e REES-MILLER, Janie (eds). *The Handbook of Linguistics*. Oxford/ Malden: Blackwell, 2001.

DALE, Robert. *Generating Referring Expressions*. Cambridge: The MIT Press, 1992.

DANCYGIER, Barbara. “How Polish structures space – prepositions, direction nouns, case and metaphor” In: FOOLEN, Ad e LEEK, Frederike (eds.) *Constructions in Cognitive Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

DARMESTETER, Arsène. *La Vie des Mots – étudiée dans leurs significations*. Paris: Delagrave, 1925 [1886].

DAWKINS, Richard. *The Selfish Gene*. Oxford/New York: Oxford Un. Press, 1989 [1976].

DENNETT, Daniel. *Kinds of Minds – towards an understanding of consciousness*. Londres: Phoenix, 1998.

DESAGULIER, Guillaume. *Modélisation cognitive de la variation et du changement linguistiques - étude de quelques cas de constructions émergentes en anglais contemporain..* Bordeaux: Université Bordeaux 3: 2005 (Thèse de Doctorat)

DIAS, Augusto Epiphania da Silva. *Syntaxe Histórica Portuguesa*. Lisboa: Clássica Editora, 1918.

DIAS, Daniela Lopes. *A Entrevista Mediada por Computador : uma proposta de análise da configuração do gênero*. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2001 (dissertação de mestrado).

DIRVEN, René e VESPOOR, Marjolijn. *Cognitive Exploration of Language and Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

DUARTE, Dulce A. *Bilingüismo ou Diglossia*. Praia: Spleen, 1998.

DUNCAN, John. *A Frequency Dictionary of Portuguese Words*. Stanford: Ph.D. dissertation, 1971.

FARIA, Aloysio Jansen. *Estudos sobre a Valorização do Aspecto Verbal em Latim através do Emprego das Preposições “IN” e “PER” com acusativo*. Revista de Portugal – Série A: língua portuguesa, 31, 1966.

FAUCONNIER, Gilles. *La Coréférence: syntaxe ou sémantique*. Paris: Seuil, 1977.

FRETHEIM, Thorstein e GUNDEL, Jeanette (eds.). *Reference and Referent Accessibility*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GARDNER, Howard. *A Nova Ciência da Mente*. São Paulo: Edusp, 1996.

GEERAERTS, Dirk. *Diachronic Prototype – a contribution to historical lexicology*. Oxford: Clarendon, 1997.

GIL, David. DANCYGIER, Barbara. “Escaping Eurocentrism: fieldwork as process of unlearning” In: NEWMAN, Paul e RATILIFF, Martha (eds.) *Linguistic Fieldwork*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 2001.

GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1984.

GONÇALVES, Clézio. *O Objeto Incorporado no Discurso Narrativo do Português*. Belo Horizonte, 1999 (Dissertação de Mestrado)

HERSLUND, Michael. “Problèmes de Syntaxe de l’Ancien Français – compléments datifs et génitifs”. *Revue Romane*, 21 (numéro spécial), Copenhague, Université de Copenhague, 1980.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegomena to a Theory of Language*. Madison: Un. Wisconsin Press, 1961 [1943].

HOLM, John. *An Introduction to Pidgins and Creoles*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 2000.

HOLM, John. *Languages in Contact – the partial restructuring of vernaculars*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 2004.

HOPPER, Paul e TRAUGOTT, Elizabeth. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 2002 [1993].

HULL, David, "Replication", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy (Winter, 2001 Edition)*, Edward Zalta (ed.).

HUMBOLDT, Wilhelm. *Linguistic Variability & Intellectual Development*. Miami: Un. of Miami Press, 1971 [1836].

IHARA, Hiroko e FUJITA, Ikuno. “A Cognitive approach to errors on case marking in Japanese agrammatism” In: FOOLEN, Ad e KEEK, Frederike (eds.) *Constructions in Cognitive Linguistics – Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000*.

JACKENDOFF, Ray; BLOOM, Paul e WYNN, Karen (eds.). *Language, Logic, and Concepts – essays in memory of John Macnamara*. Cambridge/London: MIT Press, 1999.

JACKENDOFF, Ray. *Foundations of Language – brain, meaning, grammar, evolution*. Oxford/New York: Oxford Un. Press, 2002.

JACOB, Daniel e KABATEK, Johannes. *Lengua Medieval y Tradiciones Discursivas en la Península Ibérica – descripción gramatical: pragmática, histórica, metodológica*. Frankfurt/Madrid: Vervuert Verlag – Iberoamericana, 2001.

JANNINI, P.A., DOTOLO, G. e CARLIE, P. (org.) *La Lingua Francese nel Seicento*. Bari: Adriatica/Paris: Nizet, 1989.

JOHNSON, Mark. *Developmental Cognitive Neuroscience*. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1997.

JOHNSON, Mark e ROHRER, Tim. “We are live creatures: embodiment, American Pragmatism, and the Cognitive Organism.” In: ZLATEV, Jordan; ZIEMKE, Tom; FRANK, Roz; DIRVEN, René (eds.) *Body, Language and Mind*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

KABATA, Kaori e RICE, Sally. “Japanese *ni*: the particular of somewhat contradictory particle” In: VESPOOR, Marjolijn, LEE, Kee e SWEETSER, Eve (eds.) *Lexical and Syntactical Constructions and the Construction of Meaning*, Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1997.

KIM, Jaegwon. *Mind in a Physical World – an essay on the mind-body problem an mental causation*. Cambridge: MIT Press, 1993.

KLEIBER, Georges. *Nominales – essais de sémantique référentielle*. Paris: Armand Colin, 1994.

KLEIBER, Georges. *La Sémantique du Prototype*. Paris: PUF, 1990.

KURYŁOWICZ, Jerzy. *The Evolution of Grammatical Categories*. Munich: Kink, 1975 [1965].

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live by*. Chicago: Un. Chicago Press, 1980.

LAKOFF-TOLMACH, Robin. *The Language War*. Berkeley/Los Angeles/London: Un. California Press, 2000.

LANGACKER, Ronald. “Syntactic Reanalysis”. In: LI, Charles (ed.). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin/London: Texas Un. Press, 1977.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar, vol. 1*. Stanford: Stanford Un. Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Concept, Image and Symbol*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1991.

LANGACKER, Ronald. *Grammar and Conceptualization*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2000.(a)

LANGACKER, Ronald. *A Course in Cognitive Grammar*. San Diego: UCSD, 2000.(b) [inédito]

- LANGACKER, Ronald. “Cognitive linguistics, language pedagogy, and the English present tense” In: PÜTZ, Martin; NIEMEIER, Susanne e DIRVEN, René (eds.) *Applied Cognitive Linguistics I – theory and language acquisition*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001.
- LANGACKER, Ronald. “Construction Grammars: cognitive, radical and less so” In: IBANEZ, Francisco e CERVEL, Sandra (eds.) *Cognitive Linguistics - internal dynamism and interdisciplinary interaction*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2005.
- LEE, David. *Cognitive Linguistics – an introduction*. Oxford/New York: Oxford, 2001.
- LEFEBVRE, Claire. *Creole genesis and the acquisition of grammar: the case of Haitian creole*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 1998.
- LEWIS, David. *Convention: a philosophical study*. Oxford/Malden: Blackwell, 2002.
- LI, Charles (ed.). *Mechanisms of Syntactic Change*. Austin/London: Texas Un. Press, 1977.
- LIEURY, Alain. *La Mémoire*. Bruxelles: Dessart et Mardaga, s/d.
- LIVET, Ch. *La Grammaire Française et les Grammairiens du XVI siècle*. Genève: Shatkine Reprints, 1967 [1859].
- LUCCHESI, Dante. *Sistema, Mudança e Linguagem*. Lisboa: Colibri, 1998.
- MACHADO, José Barbosa (ed.). *Tratado de Confissim – edição semidiplomática, estudo comparativo e informático-lingüístico*. Chaves: APPACDM, 2003 [1489].
- MAGRO, Cristina. *Linguajando o linguajar: da Biologia à Linguagem*. (Tese de Doutorado). Campinas: IEL/Unicamp, 1998.
- MANOLIU-MANEA, Maria, *Discourse and Pragmatic Constraints on Grammatical Choices*. Amsterdam/Lausanne/New York/ Oxford/Shannon/Tokyo: Elsevier, 1994.
- MACHADO, José Pedro. DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Lisboa/São Paulo: Livros Horizonte, 1952.
- MARCELLO-NIZIA, Christiane, *Histoire de la Langue Française aux XIV^e et XV^e siècles*. Paris: Bordas, 1979.
- MARTELOTTA, Mario, VOTRE, Sebastião e CEZARIO, Maria M. *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- MATTOSO CARMARA JR. Joaquim. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro : Padrão, 1979.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma Sócio-História do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.
- MATURANA, Humberto. *A Ontologia da Realidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

- MELLO, Heliana. “Contato lingüístico na formação do português vernáculo do Brasil”. In: ZIMMERMANN, Kalus (ed.) *Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa*. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt: Vervuert, 1999.
- MELLO, Heliana. *Adjetivos – categoria fronteira*. Belo Horizonte: UFMG (dissertação de Mestrado) 1990.
- MIGGE, Bettina. *Creole Formation as a Language Contact – the case of The Suriname Creoles*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2003.
- MINGUEL, Matilde. “A preposição *a* e os complementos genitivos”. In: GONÇALVES, Anabela *et al.* *Quatro Estudos em Sintaxe do Português*. Lisboa: Colibri, 1996.
- MINGAS, Adélia. Amélia. *Interferência do Kimbundu no Português falado em Lwanda*. Porto: Campo das Letras, 2000.
- MOUNIN, Georges. *La Lingüística del Siglo XX*. Madrid: Gredos, 1984, [1972].
- NAPOLI, Dona J. *Syntax – theory and problems*. New York/Oxford: Oxford Un. Press, 1983.
- NELSON, Lynn & NELSON, Jack. *On Quine*. Belmont: Wadsworth, 2000.
- O’DOWD, Elisabeth. *Prepositions and Particles in English*. New York/Oxford: Oxford Un. Press, 1998.
- ORIGGI, Gloria e SPERBER, Dan. “Evolution, communication and proper function of language” In: CARRUTHERS, Peter e CHAMBERLAIN, Andrew (eds.) *Evolution and the human mind – modularity, language and meta-cognition*. Oxford/New York/Madrid/Melbourne: Cambridge Un. Press, 2000.
- PEETERS, Bert e GODDARD, Cliff (eds.). *The Natural Semantic Metalanguage Approach - an overview*. (a sair).
- PERINI, Mário A. *Sintaxe Portuguesa – metodologia e questões*. São Paulo: Ática, 1994.
- PERINI, Mário A. *Princípios de Linguística Descritiva*. São Paulo: Parábola, 2006.
- PERINI-SANTOS, Pedro. *Aspectos da Referência no Português*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.(Dissertação de Mestrado)
- PINSKER, Harn. *Latin Syntax and Semantics*. London: Routledge, 1990.
- PONTES, Eunice. *Espaço e Tempo na língua portuguesa*. Campinas: Pontes Editores, 1992.
- POTTIER, Bernard. *Systématique des Éléments de Relation*. Paris: Klincksieck, 1962.
- PRASADA, Sandeep. “Names of things and stuff: an Aristotelian perspective”. In: JACKENDOFF, Ray; BLOOM, Paul e WYNN, Karen (eds.). *Language, Logic, and Concepts – essays in memory of John Macnamara*. Cambridge/London: MIT Press, 1999.
- RADFORD, Adrew. *Transformational Grammar: a first course*. NY: Cambridge Un. Press, 1989.

- RAPOSO, Eduardo. *Teoria da Gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- RIVENC, François. *Sémantique et vérité – de Tarsky à Davidson*. Paris: PUF, 1998.
- ROCHA, L. Carlos. *Estruturas Morfológicas do Português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- ROHLFING, Katharina. “No preposition required - the role of prepositions for the understanding of spatial relations in language acquisition.” In: PÜTZ, Martin, NIEMEIER, Susanne e DIRVEN René (eds.) *Applied Cognitive Linguistics I – theory and language acquisition*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001.
- ROMANELLI, Rubens. *Os Prefixos Latinos*. Belo Horizonte: UFMG, 1964.
- RUBIN, Aaron David. *Studies in Semitic Grammaticalization*. Cambridge : PhD Dissertation, Harvard, 2004.
- RUFFIÉ, *De la Biologie à la Culture – vol.1*. Paris: Flammarion, 1983
- RUSSEL, Bertrand. *The Problems of Philosophy*. Cambridge: Hackett, 1991 [1912].
- SAFIER, Neil “Writing the Andes, Reading the Amazon: voyages of exploration and the itineraries of scientific knowledge in the eighteenth century” – PhD dissertation. The Johns Hopkins University, Baltimore, 2003.
- SALOMÃO, Margarida. “Polysemy, Aspect and Modality in Brazilian Portuguese: the case for a cognitive explanation of grammar” – PhD dissertation. University of California at Berkeley, Berkeley, 1990.
- SARAIVA, Maria Elizabeth. *SN nu – buscar menino no colégio*. Campinas: Pontes, 1997.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de Linguistique Générale*. Paris: Payot, 1972 [1916].
- SCALISE, Sergio. *Morfologia Gerativa*. Madrid: Alianza Editorial, 1987 [1984].
- SELIG, Maria “El problema de la tipología de los textos románicos primitivos” In: JACOB, Daniel e KABATEK, Johannes (eds.) *Lengua Medieval y Tradiciones Discursivas en la Península Ibérica*. Frankfurt: Vervuert/Madrid: Iberoamericana, 2001.
- SINHA, Chris. Cognitive Linguistics, Psychology and Cognitive Science, In: GEERAERTS, D. e CUYCKENS, H.(eds.) *The Handbook of Cognitive Linguistics*, Oxford/Malden: Blackwell, 2001.
- SLETSJØE, Leif. *Le Développement de l et n en Ancien Portugais*. Oslo: Presses Universitaires d’Oslo, 1959.
- SPENCER, Andrew e ZWICKY, Arnold (eds.). *The Handbook of Morphology*, Oxford/Malden: Blackwell, 2001.
- STEVENSON, Mark. *Word Sense Disambiguation - the case of combinations of knowledge sources*. Stanford: CSLI, 2003.

STUART, Edward. AN INDO-EUROPEAN COMPARATIVE DICTIONARY. Hamburg: Verlag, 1984/1987.

TALBI, Rania. *Le Système des Prépositions en Espagnol Contemporain*. (Thèse de Doctorat). Lille: Université de Lille III, 2001.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics – vol. I*. Cambridge/London: MIT Press, 2000.

TALMY, Leonard. *Toward a Cognitive Semantics – vol. II*. Cambridge/London: MIT Press, 2001.

TALMY, Leonard. “Recombinance in the Evolution of Language”. In: Jonathon, E et al. (eds) *Proceedings of the 39th Annual Meeting of the Chicago Linguistics Society: The Panels*. Chicago Linguistics Society, 2004.

TALMY, Leonard. “Foreword ”. In: GONZALEZ-MARQUEZ, M. MITTELBERG, I., SPIVEY, M. (eds.) *Methods in cognitive linguistic*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

TYLER, Andrea e EVANS, Vyvyan. *The Semantics of English Prepositions – spatial scenes, embodied meaning and cognition*. Cambridge: Cambridge Un. Press, 2003.

VALKHOFF, Marius. *Studies in Portuguese and Creole – with special reference to South Africa*. Johannesburg: Witwatersrand Un. Press, 1966.

VARELA, Francisco, THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleonor. *The Embodied Mind – cognitive science and human experience*. Cambridge: MIT Press, 1991.

VEIGA, Manuel. *Le Créole du Cap-Vert – étude grammaticale descriptive et contrastive*. Paris: Karthala /Praia: Instituto de Promoção Cultural, 2000.

VERSTEEG, Kess. *Landmarks in Linguistic Thought III – the Arabic linguistic tradition*. London/New York: Routledge, 1997..

VIEIRA, José Luandino. *Luuanda – estórias*. São Paulo: Cia. das Letras, 2006.

VITRAL, Lorenzo e RAMOS, Jânia. *Gramaticalização – uma abordagem formal*. Belo Horizonte : FALÉ/Tempo Brasileiro, 2006.

VOGEL, Petra e COMRIE, Bernard. *Approaches to the Typology of Word Class*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2000.

WATKINS, Calvet. THE AMERICAN HERITAGE DICTIONARY OF INDO-EUROPEAN ROOTS. Boston/New York: Houghton Mifflin Company, 2000.

WENZEL, Siegfried. *Macaronic Sermons - bilingualism and preaching in Late-medieval England*. Michigan: Michigan Un. Press, 1994.

WIERZBICKA, Anna. *Semantics, Culture and Cognition – universal human concepts in culture-specific configurations*. Oxford/New York: Oxford, 1992.

WRIGHT, Roger. *Late Latin and Early Romance in Spain and Carolingian France*. Liverpool: Francis Cairns, 1982.

10. Anexo 1: exemplos adicionais

ND

(52) as palavras do capitão não fizeram a mínima

(53) roubar a alma de um gato

(54) incessantes rajadas de metralhadora

(55) barulho de aguiã

(56) raios da Máquina Mortífera

(57) Risada maligna de alguém q tem

(58) Que fenômeno da natureza você é?

(59) Que programa de jacu combina com você é?

(60) caía uma lágrima do rosto

(61) o comentário de Tatarado Anakyn fala:

(62) assim começava a explicação de X-áculo Watchson

NQ

(63) Um bando de mano

(64) apesar de eu ser tirado de 5 em 5 min

(65) 6:00 da manhã

(66) saudades e montes de beijos prá vcs

(67) um pouco do seu tempo

(68) 90% do tempo que passa em frente ao computador

(69) E mais uma vez, nada de dor

(70) Foram 5 tubos de sangue tirados

(71) arrumar tempo aos 32 anos de vida

(72) aproveite cada momento da sua vida

(73) então um conjunto de almas também tem massa.

(74) Dois litros de leite atravessaram a rua e foram atropelados.

NI

(75) história da torre de babel

(76) pé do funcionário.

(77) Olha q gracinha o blog da minha parceirinha

(78) Dias deliciosos de praia

(79) Mansão da Barbie

(80) Legal ver o coração da gente bater

(81) na Barra da Tijuca

(82) não te faças de vítima

(83) dia da Endoscopia

(84) técnica de controle da dor

(85) sente ciúmes de quem

Ocorrências Verbais

(86) Pare de beber essas porções do primo
Johnny

(87) morte é falhar e desistir de recomeçar...

(88) Surgiram de uma hora para outra

(89) Gostou do que viu e comentou sobre o
desembarque das tropas aliadas na
Normandia.

(90) Tratou de apertar logo o botão

(91) Amanda agora brincava de localizar
outros artefatos

(92) Receptora de contrabando que vinha do
Paraguai

(93) precisavam de dinheiro

(94) nunca mais vou sair de casa sem carro

(95) porque o jacaré tirou o jacarezinho da
escola?

Casos duvidosos

(96) eu tive de sair de maca (da ambulância)

(97) hoje de manhã:

(98) Td ruim de pref.

(99) apesar de ser maio basico

(100) Vale a Pena Ver de Novo

(101) vou postar direito domingo de noite

(102) tentativa charlatã de se dar bem

(103) Dei de cara com essa foto

(104) diz que é hora de mofar

(105) ontem de madrugada

(106) tentando achar a desgraçada da veia

11. Anexo 2: citações no original

[# 1] At present, there is no existing science whose special interest is the combining of pieces of information. /.../ every evolutionary step is an addition of information to an already existing system.

[# 2] The analysis of distribution of pause time in writing may contribute to our understanding of how these processes are organized in real time /.../ text analysis may reveal important insights into the nature of cognitive processes and the mental representations that writers use in productions.

[# 3] the preposition *of* poses an important challenge to the CG doctrine that all elements validly posited in grammar have a meaning. /.../ can in fact be ascribed a semantic value that motivates its grammatical behavior.

[# 4] [D]epuis les années 1980, les recherches sur les prépositions se sont multipliées, de sorte que celles-ci constituent actuellement un des thèmes de recherche majeurs en linguistique, cognitive ou autre, en sémantique tout d'abord, mais aussi en syntaxe. En outre, elles ont attiré l'attention des chercheurs en acquisition du langage ou en traitement automatique du langage naturel.

[# 5] Le rôle des prépositions dans la langue parlée et écrite est, comme on sait, de la plus grande importance, ce qui tient à la grande fréquence de leur emploi, à la souplesse avec laquelle elles se laissent introduire dans les constructions les plus diverses, et avant tout peut-être aux distinctions extrêmement subtiles (souvent différentes de langue à langue) qu'elles permettent d'exprimer.

[# 6] the spatio-physical world which we inhabit and the spatial relationships which hold therein are inherently meaningful for us.

[# 7] The word “surface” throughout this chapter simply indicates overt linguistic forms, not any derivational theory.

[# 8] To summarize, it is clear that P[reposition] seems (on all existing criteria) to fall somewhere between lexical and functional categories.

[# 9] loss of features which identify a lexical item as belonging to a certain grammatical category.

[# 10] is not an isolated incident, but part of a schema which includes the formation of other French prepositions from nouns, as well comparable processes in Picard, Wallon, Danish and Swedish.

[# 11] The Modern French noun *côté* has become a preposition equivalent to standard French *chez* in Louisiana creole, as illustrated by (a) and in Cajin, illustrated in (b): (a) Mon gonn kote mo bèl-sè // (b) Hier après-midi on a été là-bas côté sa mère.

[# 12] The multigenerational approach to language evolution suggests that certain non-genetic selectional pressures cause language to evolve to fit human minds. /.../ A common assumption in these models is that the forces that shape language have their impact over multiple generations of language users.

[# 13] In many cases, we do not know what historical population spoke which languages, and of course, pots do not speak, although many have mistakes in trying to associate archaeological ‘cultures’ with specific languages or language families.

[# 14] despite differences in detail, cognitive approaches can be characterized through the essential role they accord to our perceptual and conceptual processing of extra-linguistic reality and to the pragmatics of our interactions for shaping linguistic materials /.../ [I]t is accepted that languages can be completely

different even in their structures, but it is nevertheless presumed that the differences in important aspects do not occur randomly but arise instead from certain cognitive options.

[# 15] Considérons le développement parallèle du sens des deux prépositions *ad*, à en français, et *to* en anglais ; nous serons frappés de la fixité relative que cette dernière garde dans l'expression qu'elle marque. L'idée de direction d'un point vers un autre, dans l'espace et le temps et dans les rapports figurés, y demeure toujours visible et sentie. Elle pourrait se représenter à l'esprit sous l'image d'une ligne droite. Dans le français au contraire, si l'idée primitive de *ad* se maintient dans *aller à Paris* (*to go to Paris*), elle se perd dans *être à Paris* (*to be in Paris*); *travailler à la lumière d'une lampe* (*to work by the light of a lamp*) ; *courir à toute force* (*to run at full speed*); *travailler à la machine* (*with the machine*) ; *se battre à l'épée* (*with swords*), etc. L'esprit français, plus mobile que l'esprit saxon, se laisse entraîner par des rapprochements délicats, et suit complaisamment les détours de subtiles analogies.

[# 16] Quoi qu'il en soit, il faut reconnaître que l'évolution vers les langues romanes a dû commencer plusieurs siècles avant l'apparition des premiers textes romans

[# 17] les grammairiens ne peuvent-ils souvent que constater des faits et construire des hypothèses plus ou moins solides et ingénieuses, parce qu'avec le temps le langage a subi des modifications importantes et nombreuses, et, en l'absence des preuves certaines, toute affirmation serait téméraire.

[# 18] The underlying philosophy of Hilbert's formalism program was to define mathematics as nothing more than the manipulation of symbols according to specified rules. The resultant paper edifice has no special meaning at all. [...] The connection between the world of Nature and the structure of mathematics is totally irrelevant to the formalists. [...] Attention was focused upon relationship between concepts rather than on concepts themselves.

[# 19] we think of grammars as devices that put pieces of sentences together according to precise rules, thereby "generating" well-formed sentences. If some of the grammar rules can apply to their own outputs (in technical jargon, if some rules are "recursive"), then it is possible for finite grammars to generate infinite languages.

[# 20] the innate specification was a central feature of modularity /.../ *none* of these is innately specified. Indeed for a social, communicative species occupying a malleable and challenging environment, it makes good evolutionary sense to develop the capacity of acquire new modules as needed, or to modify substantially innately specified modules /.../ the acquisition of T[heory] of M[ind] is dependent as well on social and linguistic accomplishment /.../ Hence, our developmental model will be social and ecological as opposed to being individualistic. /.../ there is room for a moderate position.

[# 21] Thus, we face a seeming contradiction. This sentence in [(22)] which contains apparently ambiguous lexical items is consistently interpreted as unambiguous.

[# 22] allows us to recognize objects by perceiving some subset of their features

[# 23] Logicians have, by large, engaged in the convenient fiction that sentences of natural language (at least declarative sentences) are either true or false or, at worst, lacking a truth value, or having a third value often interpreted as 'nonsense'. /.../ Clearly any attempt to limit truth conditions for natural language sentences to true, false and 'nonsense' will distort the natural language concepts by portraying them as having sharply defined rather than fuzzily defined boundaries.

[# 24] whether people perceive category membership as a clear-cut issue or a matter of degree.

[# 25] Cognitive grammar is therefore quite distinct from any version of generative theory

[# 26] The Figure is a moving or conceptually movable object whose site, path, or orientation is conceived as a variable the particular value of which is the salient issue. The Ground is a reference object

(itself having a stationary setting within a reference frame) with respect to which the Figure's site, path, or orientation receives characterization.

[# 27] has offered /.../ a basis for a general sociohistorical theory of linguistic meaning. Just as a sociohistorical /.../ theory of reference is supposed to preserve *reference* across the historical chain, a sociohistorical theory of linguistic meaning is supposed to preserve *linguistic meaning* across the historical chain.

[# 28] language structure furnishes important clues concerning basic mental phenomena

[# 29] The main assumption of second generation cognitive science is that cognition is characterized by *embodiment* (Johnson, 1987; Varela et al.; 1991), that is, a strong dependence of concepts and reason upon the body as 'conceptual structure arises from our sensorimotor experience and the neural structures that give rise to it'.

[# 30] The linguistic import of these pairings pertains to basic and universal linguistic categories such as noun, verb, subject, and object. Why do these categories have their privileged status? I suggest that they are basic and universal precisely because they represent the natural pairing of essential cognitive abilities and fundamental conceptual archetypes.

[# 31] They demonstrate that information about location control between referent and relatum can affect a viewer's confidence in the use of descriptions containing the prepositions.

[# 32] Prepositions are also adopted for certain 'grammatical' functions, in which their meaningfulness and even their prepositional status are often considered doubtful.

[# 33] The noun *table* is the head, since *table near the door* profiles the table and not the relationship of proximity

[# 34] après une éclipse à la déferlante structuraliste, peu favorable à la perspective diachronique inhérente à la grammaticalisation, cette dernière a commencé, dans les années 70, à susciter un regain d'attention.

[# 35] In the change of an autonomous word into the role of a grammatical element... T[his]... process... [involving] the attribution of grammatical character to a formerly independent word..., [is one of] only [two] ways by means of which new grammatical constructs are formed.

[# 36] A linguistic theory /.../ must seek a constancy, which is not anchored in some 'reality' outside language – a constancy that makes a language a language, whatever language it may be, and that makes a particular language identical with itself in all its various manifestations

[# 37] Grammaticalization consists of the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status, e.g., from a derivative formant to an inflectional one.

[# 38] On considèrera ici que toute forme grammaticale peut avoir une origine lexicale, et qu'elle est donc, potentiellement, le résultat d'une grammaticalization.

[# 39] The principle of prototypicalization /.../ is a goal-oriented principle, which states that a form grammaticalizing as a preposition acquires an increasing number of prototypical prepositional characteristics. Among such morphological, semantic, and syntactic characteristics are morphologico-etymological opacity and shortness, paradigmatic dissimilarity to formally related structures, lack of productive patterns for the formation of functionally related structures, noninflectability; polysemy; occurrence in pre-position and semantic relevance of possible positional alternations, dative and/or accusative government and semantic relevance of possible case alternations, constancy of syntactic characteristics

[# 40] There are mainly two core sources of spatial grams, namely nouns and verbs, and all other alleged sources constitute stages in the paths of evolution.

[# 41] autant la structure spatiale que la structure temporelle sont des projections d'une organisation abstraite qui peut être appliquée, avec une spécialisation suffisante, à n'importe quel domaine.

[# 42] Il devient pratiquement impossible – malgré l'ingéniosité d'un Benveniste, dont la démonstration apparaît bien artificielle – de dériver le sens causal du sens spatial, à moins d'établir une loi générale qui attribuerait aux prépositions de proximité une valeur de cause

[# 43] seules les relations spatiales auraient été exprimées

[# 44] language was a combination of speech and gesture /.../ The switch to autonomous speech would have freed the hands from any crucial role in language, which in turn might explain the extraordinary developments in manufacturing and manipulation of the environment that characterize our species, and clearly distinguish us from the other apes

[# 45] the frequency with which a particular expression is used in various contexts

[# 46] adequate investigations of language use must be empirical analyzing the functions and distribution of linguistic features in natural discourse contexts. /.../ new meanings are discovered only by examining the use of a word in actual discourse contexts.

[# 47] someone with his own phenomenology still must /.../ read then

[# 48] the cognitive operations that play a central role in the construction of everyday meaning are the same operations that apply to reasoning, thinking, and understanding generally. In this perspective, there is no need to rely on ad hoc peculiar features – like art. Cognition is the key parameter holding all the other variables together.

[# 49] Level of education is an important constraint for the subgroup of ditransitive verbs. /.../ According to the distribution of the tokens in relation to ditransitive verbs, the results reveal a clear correlation between level of schooling and choice of variants. Speakers with a high level of schooling tend to reject prepositional deletion and favor the presence of the preposition.

[# 50] The results reveal that there is a group that tends to delete the prepositional particle (*necessitar de*, *lembrar de*, *esquecer de*, *precisar de*) and a group that tends to maintain it (*gostar de*). There is no significant difference between these verbs in terms of degree of formality.

[# 51] We tend to conceive of our world as being populated by discrete objects, each of which (at a given moment) occupies a distinct location. Some of these objects are capable of moving about and interacting with others, particularly through physical contact.

[# 52] Our conceptual networks are intricately structured by analogical and metaphorical mappings, which play a key role in the synchronic construction of meaning and in its diachronic evolution.

[# 53] La préposition qui précède de substantif (comme 'chemin de fer') constitue un élément, à propos duquel, il n'est pas pertinent de rechercher un sens intrinsèque. Quant aux prédicats de type phrastique, ils méritent une étude approfondie.

[# 54] [U]n prédicat tel que FILS est un bon exemple d'un nom transitif, ou *relationnel*, puisqu'il appelle nécessairement un argument supplémentaire: FILS (x) ('x tel que x est fils') doit obligatoirement être élargi en FILS (x, y) ('x tel que x est fils de y'), ou avec Benveniste (1974), *fils* équivaut à *fils-de*.

[# 55] profiles a relation between two things at different locations along the vertical axis.

[# 56] Granted that *of* profiles an intrinsic relationship, its use in nominal periphrasis is recognizable as being semantically motivated

[# 57] La difficulté vient de ce que, dans certains cas, ce substantif classifieur peut être effacé /.../ (a) *l'avion est à* (une altitude de) *1000m*; (b) *Paul est sous* (l'effet des) *antibiotiques*; (c) *Il a cessé de fumer par* (+ raison de) *économie*

[# 58] a dramatic break from prior syntactic theories.

[# 59] Radical Construction Grammar offers a way to integrate synchronic language-internal variation into typological thinking.

[# 60] Radical Construction Grammar is disarmingly simple – it is a genuinely minimalist model of syntactic representation.

[# 61] The analysis of the *dar* in Brazilian Portuguese suggests that the grammar of a language should be viewed as a conceptually motivated structure, and it cannot be properly explained without reference to semantic and cognitive parameters

[# 62] evidence is provided in favor of Lakoff's claim that the grammar should be envisaged as a 'radial category of grammatical constructions // ... the contrast between the two modal constructions with *dar* /.../ is a matter of perspective // The fact that the theory of radial categorization admits the concepts of categorical center and subcenters makes this notion extremely helpful to account for the prototype effect. //... the non-central constructions are treated as variations on the Central Construction and, as such, they are expected 'to inherit (from the Central Construction).

[# 63] Grammar is conceptually motivated but not necessarily conceptually transparent.

[# 64] Ceci vaut pour les noms "comptables" /.../ et aussi pour les noms de substances ou les abstraits employés dans le sens de "d'espèce". /.../ En revanche, *beaucoup* apparaît aussi au singulier...

[# 65] This suggests that the generation of subsequent descriptions depend on the *semantic* issue of what is described, rather than the *syntactic* issue of the head of the antecedent noun phrase.

[# 66] [We] introduce the notion of a "lexeme"; a lexeme-type consists of an ordered set of its allolexes and a chose function describing what an allolex is to be used in a given context. All allolexes of a lexeme should be fully equivalent from the linguistic point of view although they may have different spelling or pronunciation.

[# 67] Les valeurs particulières sont analysées comme le produit de l'interaction de la FS avec des éléments du co-texte, cette interaction étant décrite sur différents plans régis par des principes généraux.

[# 68] La thèse centrale qui est avancée est que les C-prép. [Construction prépositionnelle] (lorsqu'ils ne sont pas des circonstanciés) ne peuvent pas être traités comme de simples arguments du verbe. Ils doivent être analysés dans le cadre d'une combinatoire Verbe-Préposition. Cette thèse a des conséquences importantes à la fois pour la représentation du verbe et pour celle des prépositions.

[# 69] le mérite d'assigner à toute catégorie grammaticale (morphosyntaxique et sémantique) un gradient, qui n'est autre que sa garantie d'évolutivité.

[# 70] mental events could just be brain processes and that scientific research could show this.

[# 71] it is much easier to explain the past through the study of the present than vice-versa

[# 72] Contact can lead to infection, especially if intensive and repeated. This is a fact humans have been aware of since dawn of time and a lesson that has been thoroughly re-learned in recent times. Though the idea of infection may trigger immediate negative reactions, infections and viruses do have a fundamental role in evolution and do not need to be viewed in solely negative terms.

[# 73] In general, we observe that although Ken[yan] E[nglish] uses the general English prepositional system, it has simplified it. This is mainly through the ironing out of the subtle semantic distinctions between closely related prepositions, thereby strengthening prepositions of general meaning at the expense of prepositions with specific meanings, which consequently fall out of use. /.../ [S]ome prepositions perform very limited functions in Ken[yan] E[nglish] and this could lead to their eventual disappearance from this developing variety of English.

12. Índice Remissivo

A

Abney, 30
Abraham, 35
LÍNGUA ACADIANA, 64
Aikehenvald, 35
LÍNGUA ALÍDICA, 101
Almog, 52, 138
Angola, 21, 26, 135
Ansaldó, 136, 138
Aronoff, 146, 147, 148
Azevedo, 3, 24, 41, 50, 51, 138

B

Barlow e Kemmer, 73
Bateson, 15, 41, 143, 146
Benveniste, 36, 69, 90, 99, 100, 136, 146, 147, 161, 162
Berg, 29, 30, 138
Biber, 73
Bién, 125, 139
Blench, 34, 147
Botne, 139
Brala, 50, 139
Brasil, 19, 135
Brøndal, 23, 147

C

Cabo Verde, 21, 68, 101
Calvet, 36
Camlog, 19, 83
Campbell, 55, 62, 139, 140, 141, 147
Castilho, 63, 139
Chomsky, 17, 40, 48, 138, 139, 140, 146, 147
Corballis, 70, 71, 147
LÍNGUAS CRIOULAS, 33, 68, 101
Croft, 100, 111, 112, 113, 148
Cruse, 69, 100, 140, 148

D

Dale, 31, 124, 138, 145, 148
Darmesteter, 37, 148
Dawkins, 148
Denett, 133
Descartes, 74, 112
Diório Jr., 18, 83, 140
Dirk, 46, 149
Documentação histórica, 34
Duarte, 21, 101, 148

Duranti, 140

E

LÍNGUA EGÍPCIA, 64
esquemas cognitivos, 22, 35
evolução, 14, 20, 21, 32, 34, 35, 37, 39, 142

F

Fagard, 69, 140
Fauconnier, 44, 77, 85, 122, 123, 148
Fayer, 21, 140
figura e fundo, 43, 50, 51, 57
FRANCÊS, 32, 33, 37, 101, 123, 126, 127
Froud, 28, 140
Fry, 21

G

Gamkretlidze, 67
Gardner, 44, 47, 140, 149
gerativismo, 42, 48
gestalt, 50
Gomes, 20, 75, 79, 80, 141
Grabowisky, 35, 56
Grady, 44, 141
Gramática de Construções, 9, 72, 75, 111, 112
Gramaticalização, 20, 33, 62, 63, 76, 151
Granularidade de pesquisa, 77, 78
Gross, 99, 103, 141
Groussier, 69, 70, 141

H

Harrison e Ashby, 32, 33, 101
Hatifield. Consulte
LÍNGUA HEBRAICA, 64
Hersunld, 99
Hilbert, 40, 159
Hjemslev, 62
Holl, 21, 77, 142
Holm, 21, 134, 135, 149
Hopper, 35, 38, 62, 63, 149
Huford, 67
Humbolt, 62
Hume, 74, 112

I

Igla, 67, 142

J

Jackendoff, 17, 42, 69, 149, 152
Johnson, 53, 149, 150, 160

K

Kabatek, 34, 142, 149, 153
Kim, 41, 133, 150
kimbundu, 26, 27, 136
Kleiber, 105, 150
Koch, 34, 142
Kravchenko, 44, 53, 142
Kripke, 52
Kuryłowicz, 69, 70, 150
Kuryłowisc, 62, 63

L

Lakoff, 44, 45, 53, 105, 142, 150
Langacker, 14, 18, 35, 38, 41, 44, 48, 49, 52, 53,
54, 57, 60, 71, 79, 84, 100, 102, 143, 150
LATIM 32, 126
Laurier, 52, 84
Lee, 49, 50, 150
Leibniz, 74, 112
Lewis, 52
Lexificação, 25, 32
LÍNGUA HINDU, 62
LÍNGUA INGLESA, 24,28, 37, 54,63, 67,69, 89,
102,125,135
LÍNGUAS ROMÂNICAS, 34, 35, 36, 126, 127
LÍNGUAS SINALIZADAS, 71
Locke, 74, 112
Lucchesi, 17, 21, 67, 150

M

Macnamara, 42, 149, 152
Marchello-Nizia, 32, 35, 143, 151
Marco, 57, 94
Maturana, 74, 151
Meillet, 62
Mello, 13, 17, 21, 71, 114, 115, 116, 127, 151
Mentalismo, 40
Metáfora, 26
Meurers, 81, 144
Migge, 101, 151
Miguens, 74
Miller, 35, 56
Milroy, 144
Mingas, 21, 27, 136, 144, 151
Moçambique, 21, 141
Modelos esquemáticos, 24
Mounin, 62, 151
Mwangi,, 135

N

Napoli, 89, 151
Nation, 47
Nef, 84
Newmeyer, 62
Nominal de Direção, 9, 92
Nominal de Quantificação, 9, 96, 97
Nominal Intrínseco, 9, 90, 99
Nurse, 34

O

O'Dowd, 28, 151

P

Paillard, 130, 144
Pancronia, 9, 64, 66
Papahagi, 35, 36, 144
Papéis temáticos, 26
Paraguai, 21, 39, 156
Parisse, 144
Pausologia, 16
Perini, 1, 2, 3, 17, 74, 126
PICARD, 33
Polissemia, 42
PORTUGUÊS RUROPEU, 26
Pottier, 14, 35, 49, 60, 69, 70, 144, 152
Prévost, 62, 68, 145
Primariedade espacial, 23, 36, 69, 70, 71, 72
Protótipo, 9,14,117, 20, 21, 71,72, 85, 105, 110,
114,117, 119

Q

Quênia, 21, 35, 39
Quine, 133, 145, 151

R

Raposo, 29, 30, 152
Replicação, 46, 47, 52,92
RFP, 11, 64
Richards, 56, 140
Romanelli, 36, 37, 152
Rosh, 45, 105, 153
Ross, 68, 71, 114
Rubin, 35, 64, 152
Russell, 74, 112

S

Saussure, 17, 67, 145, 147, 152, 153
Sperber, 12, 21, 27, 151
Spriggs, 34, 147
Sternberg, 153

SUECO, 33
Svorou, 69, 85

T

Talmy, 14, 23, 24, 25, 35, 38, 50, 56, 73, 74, 153
Tipologia, 112, 113
Trajektor, 38, 57, 58, 94
Traugott e König, 71
Tyler e Evans, 23,38, 42, 43, 51,53

U

LÍNGUA UGARÍTICA, 64
Umberto, 138

V

Varella, 44, 53, 74, 160
Variações sociais, 75, 79
Veiga, 21, 68, 153

W

WALLON, 33
Wasow, 41
Weissenbron, 35, 56
Wenzel, 154
Wierzbicka, 125, 146, 154

Z

Zelinsky-Wibbelt, 71
Zwick, 124

Contato

- PEDRO PERINI-SANTOS é professor Assistente III do Departamento de Letras da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS; www.pucminas.br; membro do grupo de pesquisa INCÓGNITO: www.lettras.ufmg.br/incognito/
- Endereço para correspondência:

Av. Bernardo Vasconcelos, 2500 / 606
313160-440 Belo Horizonte, Minas Gerais.
// Brasil //
- E-mails: pedro.perini@terra.com.br; pedroperini@hotmail.com.br;